



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

Olga Christina Scandolara dos Santos

**DEFICIÊNCIA E SUAS REPRESENTAÇÕES:
PROPAGAÇÃO DA IMAGEM DE CORPO E SEUS SIGNIFICADOS**

**CHAPECÓ-SC
2017**

OLGA CHRISTINA SCANDOLARA DOS SANTOS

**DEFICIÊNCIA E SUAS REPRESENTAÇÕES:
PROPAGAÇÃO DA IMAGEM DE CORPO E SEUS SIGNIFICADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de mestre em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ariane Franco Lopes da Silva.

CHAPECÓ-SC
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
Campus Chapecó-SC

Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul,
CEP 89815-899
Telefone (49) 2049 2600

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Santos, Olga Christina Scandolaria
Deficiência e suas representações: Propagação da
imagem de corpo e seus significados./ Olga Christina
Scandolaria Santos. -- 2017.
106 f.:il.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ariane Franco Lopes da
Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em
Educação - PPGE, Chapecó, SC, 2017.

1. Propagação de representações. 2. Imagem de corpo.
3. Pessoa com Deficiência. 4. Livro Didático. I. Silva,
Prof.^a Dra. Ariane Franco Lopes da, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

OLGA CHRISTINA SCANDOLARA DOS SANTOS

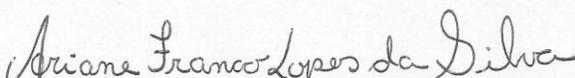
**DEFICIÊNCIA E SUAS REPRESENTAÇÕES:
PROPAGAÇÃO DA IMAGEM DE CORPO E SEUS SIGNIFICADOS**

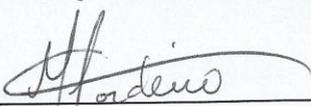
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS para obtenção do grau de mestre em Educação, defendido em banca examinadora em 22/06/2017.

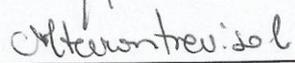
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ariane Franco Lopes da Silva

Aprovado em: 22/06/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Ariane Franco Lopes da Silva – UFFS (Coordenadora)


Prof.^a Dr.^a Maria Helena Baptista Vilares Cordeiro – UFFS


Prof.^a Dr.^a Maria Teresa Ceron Trevisol – UNOESC


Suplente
Prof.^a Dr.^a Lísia Regina Michels - UFFS

Dedico esta dissertação ao meu marido, Luiz, e
aos meus filhos, Laura e Lorenzo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me proporcionou esta oportunidade de concretizar mais este sonho.

Ao meu marido, Luiz, que me apoiou e deu o suporte familiar necessário aos nossos filhos para que eu me dedicasse a este estudo.

Aos meus filhos, Laura e Lorenzo, por entenderem minha ausência em prol do futuro deles também.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram aos estudos.

Em especial à minha orientadora, Prof^ª. Dra. Ariane Franco Lopes da Silva, que acreditou no meu potencial e me alicerçou nesta caminhada.

Aos meus professores do PPGE – UFFS, que muito me ensinaram e me fizeram refletir sobre o meu fazer pedagógico enquanto educadora.

Aos meus educandos/pacientes, que me ensinaram a respeitar as singularidades humanas.

Aos meus colegas de trabalho do CAPP, por colaborarem com esta pesquisa.

"Viver em sociedade é um desafio porque às vezes ficamos presos a determinadas normas que nos obrigam a seguir regras limitadoras do nosso ser ou do nosso não-ser [...] As pessoas precisam nos aceitar pelo que somos e não pelo que parecemos ser..."

Clarice Lispector

RESUMO

Esta dissertação tem o objetivo de analisar as representações de pessoas com deficiência veiculadas em alguns livros didáticos do Plano Nacional do Livro Didático, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Parte-se do pressuposto que os livros didáticos propagam conhecimentos de senso comum sobre a deficiência e sobre as pessoas com deficiência. O aporte teórico da pesquisa são os estudos de Serge Moscovici (1978, 2007), Jodelet (1989), Valla (2006) e Duveen (2007) sobre o conceito e a função das representações sociais e sobre as diferentes maneiras de veicular as representações pela mídia impressa. O estudo apoia-se também nos trabalhos de Hall (1997), Goffmann (1990), De Rosa (2005) e Eco (2015) sobre o papel da imagem na veiculação de ideias, valores e comportamentos. Considera, ainda, as reflexões de Mauss (2003), Le Breton (2007), Stiker (2009), Courtin, Courtine e Vigarello (2009) e Courtine (2011, 2012) sobre a história do corpo e de suas representações. Autores como Forquin (1993), Apple (2006) e Silva (2010, 2014) subsidiaram o estudo na discussão sobre o currículo. Trata-se de uma análise documental, de caráter exploratório, de cunho quantitativo e qualitativo. Os procedimentos metodológicos foram pautados na Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e em Bauer e Gaskell (2015). Utiliza-se também o *software* IRAMUTEQ – Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (RATINAUD, 2009) para fazer análises estatísticas do corpus textual. A investigação identifica os elementos corporais, os equipamentos, as atividades exercidas pelas pessoas com deficiência, os espaços nos quais elas estão inseridas e as maneiras de interagir com outras pessoas, como representativos de quem elas são, do seu papel na sociedade e do seu grau de autonomia. Em um segundo momento, o estudo analisa os textos que acompanham as imagens. O objetivo é refletir sobre o que os elementos imagéticos e os textuais revelam sobre o que se pensa acerca da deficiência e da pessoa com deficiência. As imagens e os textos são catalogados e agrupados em categorias, e algumas comparações são estabelecidas. Os resultados evidenciam a propagação de saberes de senso comum, valores, comportamentos e estereótipos sobre as pessoas com deficiência. As imagens mais comuns mostram essas pessoas em cadeiras de rodas integradas em grupos, com a expressão facial de felicidade. A análise de similitude dos textos indica referências às questões de saúde, de tratamento e das limitações dessas pessoas. Observa-se, ainda, a falta de correspondência entre textos e imagens, o que pode indicar a pouca intenção em desenvolver uma análise mais aprofundada do problema da deficiência e da inclusão da pessoa com deficiência. O estudo contribui para reflexões acerca dos saberes de senso comum que circulam nas sociedades sobre as pessoas com deficiência e dos possíveis impactos desses saberes na construção de futuras representações.

Palavras-chave: Propagação de representações. Imagem de corpo. Pessoa com Deficiência. Livro Didático.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to analyse the representations of people with disability being transmitted in some text books of the National Plan of Text Book (PNLD), from the 6th to the 9th grades of elementary education. It is based on the assumption that text books propagate common-sense knowledge about disability and about people with disability. This research finds its theoretical contributions on the studies of Serge Moscovici (1978, 2007), Jodelet (1989), Valla (2006) and Duveen (2007) on the concept and function of social representations and on the different ways to convey these representations by the media. The study also draws on the work of Hall (1997), Goffmann (1990), De Rosa (2005) and Eco (2015) on the role of image in the transmission of ideas, values and behaviors. In the same way, it considers the reflections of Mauss (2003), Le Breton (2007), Stiker (2009), Courtin, Courtine and Vigarello (2009) and Courtine (2011, 2012) on the history of the body and its representations. Other important authors, such as Forquin (1993), Apple (2006) and Silva (2010, 2014), subsidized this study on the discussion about the curriculum. It is a documental analysis, of an exploratory character, and of a quantitative and qualitative nature. The methodological procedure was based on the Content Analysis of Bardin (1977) and on Bauer and Gaskell (2015). It uses the IRAMUTEQ *software* - R Interface for Multidimensional Analysis of Texts and of Questionnaires (RATINAUD, 2009) for statistical analysis of text data. The research identifies corporal elements, the equipments, the activities people with disability are involved with, the spaces in which they are located and the ways they interact with others, as representative of whom they are, of their role in society and of their degree of autonomy. The study also analyses the texts which accompany the images. The objective is to reflect on what imagetic and textual elements reveal about people's views on disability and people with disability. The images and the texts were cataloged and grouped into categories, and some comparisons were established. The results showed the propagation of common-sense knowledge, values, behaviors and stereotypes about people with disability. The most common images showed people with disability in wheelchairs, with a facial expression of happiness and integrated in groups. The analysis of similitude of the texts indicate references to health questions, therapy and limitations of people with disability. It also shows the lack of correspondence between texts and images, what may suggest few intentions in developing a deep analysis of the issue of disability and inclusion of people with disability. The study contributes to enhance discussions on common-sense knowledge that circulates in society about people with disability and to the possible impacts of these knowledges in the construction of future representations.

Keywords: Propagation of representations. Body image. People with Disability (PwD). Text Book.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Diagrama representativo do material de análise	57
Ilustração 2: Diagrama representativo dos cruzamentos das variáveis.	62
Ilustração 3: Análise de similitude: textos que acompanham as imagens	93
Ilustração 4: Grau de frequência das palavras	94

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado da classificação dos termos: Corpo e deficiência	37
Tabela 2: Exemplos de categorização de imagens de PcD auditiva, visual e física, conforme o gênero, faixa etária, equipamentos de acessibilidade, ambiente, expressão facial, interação social, expressão facial, atividade que desempenha e por componente curricular.....	61
Tabela 3: Exemplos de categorização de imagens de PcD múltipla, nanismo e síndrome de Down, conforme o gênero, faixa etária, equipamentos de acessibilidade, ambiente, expressão facial, interação social, atividade que desempenha e por componente curricular	61
Tabela 4: Exemplos de imagens e os textos e legendas que as acompanham	63
Tabela 5: Distribuição das imagens conforme o ano escolar, o componente curricular e as editoras	65
Tabela 6: Exemplos de imagens que aparecem nos componentes curriculares matemática, português, história e ciências.....	67
Tabela 7: Imagens que ilustram as classificações por tipos de deficiência	69
Tabela 8: Imagens que ilustram as classificações por faixa etária	72
Tabela 9: Imagens que ilustram os equipamentos utilizados pelas PcD e que geraram as classificações	74
Tabela 10: Ilustrações que exemplificam os diferentes ambientes.....	75
Tabela 11: Imagens que exemplificam as expressões faciais dos personagens	77
Tabela 12: Imagens que ilustram a classificação das PcD conforme a interação social	78
Tabela 13: Distribuição das imagens de PcD segundo as atividades que desempenham.....	80
Tabela 14: Imagens que ilustram as classificações das imagens em fotografias e desenhos ...	81
Tabela 15: Apresenta os resultados das análises de conteúdos dos textos que acompanhavam as imagens de PcD em relação a frequência das palavras.....	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das imagens por editoras, componentes curriculares ou disciplinas e anos escolares (séries)	66
Gráfico 2: Imagens de PcD por ano escolar.....	66
Gráfico 3: Distribuição de imagens por componente curricular ou disciplinas.....	67
Gráfico 4: Distribuição das imagens por tipo de deficiências (total de 92 imagens).....	70
Gráfico 5: Distribuição das imagens por gênero.	71
Gráfico 6: Distribuição de imagens de PcD com deficiência física e gênero	72
Gráfico 7: Distribuição por faixa-etária	73
Gráfico 8: Distribuição das imagens conforme os equipamentos de acessibilidade utilizados pelas PcD.....	74
Gráfico 9: Distribuição das imagens de PcD conforme o ambiente	76
Gráfico 10: Distribuição das imagens segundo expressão facial das PcD	77
Gráfico 11: Distribuição das imagens de PcD conforme sua interação social.....	79
Gráfico 12: Distribuição das imagens a partir das atividades que as PcD desempenhavam	80
Gráfico 13: Distribuição das imagens por fotografias e desenhos	82
Gráfico 14: Relação entre gênero e faixa etária.....	83
Gráfico 15: Distribuição das imagens de PcD nos ambientes interno, externo e indefinido conforme os gêneros	84
Gráfico 16: Relação entre expressão facial e gênero.....	85
Gráfico 17: Distribuição das atividades desempenhadas conforme o gênero	86
Gráfico 18: Relação entre a expressão facial das PcD e os tipos de interação social.....	87
Gráfico 19: Comparação entre o gênero das PcD e o tipo de interação social	88
Gráfico 20: Relação entre o tipo de ilustração/imagem e o gênero das PcD.....	89

LISTA DE SIGLAS

AC – Análise de Conteúdo

CAPES – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

CAPP – Centro Associativo de Atividades Psicofísicas Patrick

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INL – Instituto Nacional do Livro

LD – Livro Didático

MEC – Ministério da Educação

OMS – Organização Mundial da Saúde

PcD – Pessoa Com Deficiência

PLND – Programa Nacional do Livro Didático

PPGE – Programa de Pós Graduação em Educação

RS – Representações Sociais

TRS – Teoria das Representações Sociais

UFFS – Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 OBJETIVOS E QUESTÕES-PROBLEMA	20
1.2 A QUESTÃO DAS IMAGENS DE PcD EM LIVROS DIDÁTICOS	21
1.3 O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO	23
1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	24
2 UM OLHAR PARA O CORPO	26
2.1 O CORPO HUMANO AO LONGO DA HISTÓRIA	26
2.2 A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA	29
2.3 A EDUCAÇÃO DO CORPO: IMAGEM CORPORAL E A MÍDIA	32
2.4 IMAGENS: SENTIDOS E SIGNIFICADOS	34
2.5 REVISÃO DE PRODUÇÃO ACADÊMICA NA PESQUISA EDUCACIONAL BRASILEIRA: CORPO, DEFICIÊNCIA E REPRESENTAÇÃO DE DEFICIÊNCIA ...	37
3 ESTUDOS EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, IMAGENS E COMUNICAÇÃO ...	40
3.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	40
3.1.1 Representações sociais e imagens: articulando a teoria ao objeto de estudo	45
3.1.2 Imagens de corpo: seu valor simbólico e expressivo	47
3.1.3 Imagem de corpo e influência cultural	48
3.1.4 Imagens e construção das identidades	49
4 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	51
4.1 OBJETIVOS, QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES	51
4.2 POR QUE O LIVRO DIDÁTICO?	52
4.3 POR QUE ANALISAR IMAGENS E TEXTOS?	52
4.4 O <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE	53
4.5 O PERCURSO METODOLÓGICO	54
4.6 A ANÁLISE DOS DADOS	55
4.7 OS LIVROS DIDÁTICOS	57
4.8 AS CATEGORIAS	57
4.9 CRUZAMENTO DE CATEGORIAS	61
4.10 A ANÁLISE DOS TEXTOS QUE ACOMPANHAM AS IMAGENS	63
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS	65
5.1 PRIMEIRA FASE DE ANÁLISES: AS EDITORAS, OS COMPONENTES CURRICULARES E AS SÉRIES	65
5.2 SEGUNDA FASE DE ANÁLISES: OS ELEMENTOS FORMAIS DAS IMAGENS E SEUS SIGNIFICADOS	68
5.2.1 Categoria Tipo de Deficiência	69

5.2.2 Categoria Gênero	71
5.2.2.1 Categorias Gênero e Deficiência Física.....	72
5.2.3 Categoria Faixa Etária	72
5.2.4 Categoria Equipamentos	74
5.2.5 Categoria Ambiente	75
5.2.6 Categoria Expressão Facial	76
5.2.7 Categoria Interação Social	78
5.2.8 Categoria Atividade	79
5.2.9 Análise dos Tipos de Imagens: fotografias e desenhos	81
5.3 RELACIONANDO AS CATEGORIAS	82
5.3.1 Gênero e Faixa Etária	83
5.3.2 Gênero e Ambiente	84
5.3.3 Gênero e Expressão facial	85
5.3.4 Gênero e Atividades	85
5.3.5 Expressão facial e Interação	86
5.3.6 Gênero e Interação social	87
5.3.7 Comparando Tipo de Ilustração e o Gênero das PcD	88
5.4 TERCEIRA FASE DAS ANÁLISES	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100
APÊNDICE A: Imagem dos livros didáticos pesquisados	105

1 INTRODUÇÃO

A ideia de se estudar a imagem das pessoas com deficiência (PcD) surgiu a partir de reflexões de como estaria sendo abordado o tema da deficiência entre as crianças e os jovens, dentro e fora do contexto escolar. Uma das minhas preocupações é investigar o que se pensa sobre a deficiência e sobre a pessoa com deficiência por acreditar que esse pensar interfere na maneira como esses sujeitos se relacionam com o seu meio social e na forma como são vistos pelos outros membros da comunidade. Essas reflexões surgiram do meu interesse pela questão da deficiência e da educação física no contexto social e também pela experiência profissional de doze anos com pessoas com deficiência. O foco do meu trabalho são atividades corporais sinestésicas e rítmicas, pois acredito que se trata de importantes dimensões da vida humana que afetam a autonomia dessas pessoas.

Sempre gostei de participar das atividades artísticas durante a minha formação básica. Em função disso, ingressei no curso de graduação em Licenciatura Plena em Educação Física, pois nele havia componentes curriculares como a dança, as vivências corporais, a música e a coreografia. Um tema que me interessa é a questão da representação do corpo das pessoas com deficiência, uma vez que essa representação refletiria os saberes disseminados na população sobre esse grupo. E esses saberes poderiam influenciar a maneira como as pessoas em geral se relacionam com a PcD, interferindo, muitas vezes, no seu desenvolvimento. Portanto, nesta pesquisa, levantam-se algumas questões sobre como estariam sendo veiculados imagens de PcD na mídia impressa, pois essa veiculação teria um efeito na construção de representações sobre essa população. Esse efeito poderia ser o de perpetuar e cristalizar esteriótipos, valores e saberes sobre as PcD ou o de alterar essas imagens.

O problema que venho observando, ao longo da minha experiência profissional, é que as pessoas com deficiência não são tão visíveis na sociedade quanto as que não possuem deficiência. Elas aparecem poucas vezes nos ambientes sociais, nos eventos públicos e nos espaços comuns, como nas escolas regulares, nos clubes e nas associações comunitárias. Quando aparecem, percebo que existe, tanto por parte de seus familiares como do público em geral, certo desconforto nas apresentações sociais e nas interações com elas. No caso específico do meu trabalho, esse desconforto aparece durante e após as apresentações artísticas. As pessoas em geral não parecem sentir-se à vontade quando um familiar com deficiência aparece em um local público e quando ele participa de um evento artístico. Como são realizadas várias apresentações artísticas para a comunidade, também percebo certo desconforto das pessoas que assistem as apresentações de dança, por não saberem ao certo como relacionar-se com pessoas

com alguma deficiência, inclusive como aproximar-se delas. Este estudo se preocupa, de uma maneira geral, com a problemática da inclusão das pessoas com deficiência e objetiva analisar, com maior profundidade e mais especificamente, as possíveis razões da pouca visibilidade que elas têm na sociedade. Investigar as representações das pessoas com deficiência na mídia impressa é um meio de compreender o que se sabe e o que se pensa sobre estes sujeitos, assim como compreender melhor os valores e expectativas que circulam na sociedade e são veiculados pelos meios de comunicação, de formação e de informação. Nesta pesquisa, consideramos os livros didáticos como um meio de comunicação que, além de ser um artefato pedagógico, também comunica os acontecimentos sociais e os saberes de senso comum sobre temas sociais contemporâneos. Os livros didáticos também serão considerados uma mídia impressa, pois é um meio impresso de se propagar e difundir conhecimentos.

A constatação da existência deste desconforto ou estranhamento com relação aos sujeitos com deficiência é bastante particular e emerge das minhas experiências com esse público, mas está sustentada também por estudos científicos sobre a inclusão de pessoas com deficiência nos diversos espaços sociais. Crochík (1996, p. 49) escreve sobre a questão do preconceito do ponto de vista social e psíquico, conceituando-o como “um conteúdo específico dirigido ao seu objeto e por um determinado tipo de reação frente a ele, em geral de estranhamento ou de hostilidade”. O autor aponta ainda que tal preconceito vem carregado de estereótipos que podem ter sido construídos de forma individual ou coletivamente, podendo ser, portanto, culturalmente enraizados.

Uma das maneiras de se investigar o que se pensa e o que se sabe sobre a pessoa com deficiência é analisar as representações veiculadas pela mídia sobre ela. Parte-se do pressuposto que os meios de comunicação e de formação comunicam os acontecimentos sociais e os saberes de senso comum que circulam em um determinado grupo social. Nesse sentido, o fenômeno das imagens de pessoas com deficiência (PcD), sua veiculação impressa e direcionada ao público estudantil em particular poderia nos dar indicativos de como esses sujeitos são percebidos pela sociedade e como representações identitárias e classificações sociais são veiculadas a um público jovem. Assim, seria possível compreender um pouco mais sobre como essas imagens propagam representações, ou não, e como poderiam estar relacionadas aos estranhamentos e aos desconfortos nos encontros sociais com PcD mencionados anteriormente. Poderiam ainda nos auxiliar a refletir sobre o porquê da pouca visibilidade dos indivíduos com deficiência nos espaços públicos, pois como “diferentes” não se integrariam com facilidade aos grupos sociais. Essas imagens poderiam explicar também os preconceitos existentes e as reações dos sujeitos diante das PcD. Portanto, este estudo nos auxiliaria a inferir sobre a relação

entre as imagens propagadas na mídia e a manutenção de representações sobre as PcD na sociedade. Caso exista essa associação, as imagens teriam um impacto na forma como nos posicionamos diante dessas pessoas, como nos relacionamos com elas, como estabelecemos julgamentos sobre suas capacidades, competências, grau de autonomia e direitos à cidadania.

Existe um elevado número de habitantes no Brasil com alguma deficiência, e isso nos faz questionar sua pouca visibilidade, seu valor e sua importância na mídia impressa e nos meios de comunicação e de formação, principalmente na mídia dedicada ao público infantil e juvenil. Conforme dados do IBGE (2010), aproximadamente 23,9% da população brasileira se declararam com pelo menos uma deficiência, ou seja, cerca de 45,6 milhões de pessoas. Destas, 17% se declararam com deficiência visual, 5,0% com deficiência auditiva, 7,0% com deficiência motora/física e cerca de 2,0% com deficiência intelectual. Portanto, questionam-se, neste estudo, as maneiras de representar essas pessoas, o que indicaria os saberes de senso comum, os estereótipos e os preconceitos existentes sobre a deficiência. Como mencionado anteriormente, esses estereótipos podem influenciar as imagens das crianças e dos jovens sobre a deficiência, o que dificultaria as mudanças de atitudes e as posturas mais inclusivas das futuras gerações.

Pesquisadores vêm investigando a questão da inclusão de pessoas com deficiência na sociedade, e a escola é um local onde essa inclusão pode e deve ocorrer. Para Mantoan (2003), a escola é o único espaço no qual muitos estudantes podem acessar diversos conhecimentos, tendo a oportunidade de enriquecer sua identidade e se tornarem cidadãos mais justos e de personalidades mais autônomas. Segundo Mantoan (2004), a inclusão escolar envolve mudança de atitudes por parte de todos os sujeitos que compõem o ambiente escolar e o direito de todos à educação é uma tarefa possível, mas é preciso transpor os obstáculos para construir uma escola mais aberta à diversidade e estimular uma sociedade mais democrática. Para Trevisol (2009, p. 3), as escolas também são um ambiente propício à diversidade, pois é no contexto escolar que estudantes de diferentes meios sociais e culturais se relacionam e trocam experiências através de diferentes formas de “leituras e representações de mundo, de valores, de formas de julgamento e de comportamentos distintos”. A autora destaca ainda a função da escola enquanto instituição social e o seu “papel na construção e reconstrução dos valores que norteiam o agir dos alunos” (TREVISOL, 2009, p. 12-13). Essas afirmações vêm ao encontro a Turski e Trevisol (2010), que atentam para alguns padrões de beleza, normas e valores que têm sido naturalizados. Ou seja, é cada vez mais comum que algumas normas estabelecidas socialmente sejam aceitas como verdades, podendo influenciar nos modos de pensar e de comportar-se das pessoas perante a diversidade. Por fim, para Santos e Trevisol (2016), a escola é um espaço

social, de convivência e também de aprendizagem, em que as relações de convivência são estimuladas na coletividade. Compreende-se, então, que a escola acaba por facilitar os momentos de trocas entre estudantes, professores e funcionários da instituição, colaborando para a construção da moral de tais sujeitos. Assim, quando os estudantes atribuem significados a um dado objeto de estudo, as suas representações vão se disseminando, revelando pouco a pouco uma construção de ideias (MANTOAN, 2013). Destarte, a escola se (re)afirma como um ambiente propício para que se iniciem reflexões e ações de caráter inclusivo. Então, considera-se pertinente investigar de que forma as imagens de PcD estão sendo acessadas pelos estudantes nos ambientes escolares através dos livros didáticos.

Partindo-se dessa problemática, o estudo vai focar nas representações imagéticas da deficiência em livros didáticos oferecidos às escolas públicas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), olhando com maior profundidade para a questão da representação do corpo e da figura humana de pessoas com deficiência. Este projeto de pesquisa insere-se na linha de pesquisa “Conhecimento e Desenvolvimento nos Processos Pedagógicos” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Nesta linha, os trabalhos de investigação desenvolvidos pela Profa. Dra. Ariane Franco Lopes da Silva, que me orienta nesta dissertação, vêm demonstrando a importância de acessar as representações sobre o corpo no contexto educacional e sobre outros temas sociais relevantes para essa compreensão, no sentido de elucidar os efeitos desses saberes nos comportamentos dos indivíduos e no seu desenvolvimento psicossocial.

Percebemos que, ao longo da história da humanidade, o corpo humano tem sido representado de diferentes maneiras e por diferentes culturas. Eco (2015) discute os padrões de beleza que vêm sendo propagados através da história a partir de imagens de pessoas, retratadas desde a Grécia antiga até a atualidade. Para ele, o conceito de beleza é relativo e varia de acordo com a época vivida, e a humanidade deveria evitar os conceitos preconcebidos de beleza. Para o autor, o belo sempre esteve associado ao que é bom, já a feiura é retratada como um inimigo, como algo mau e impuro. Eco (2007, 2015) também explana que tanto a beleza quanto a feiura são interdependentes, ou seja, uma depende da existência da outra. Pode-se perceber que o corpo reflete os modos de pensar daquela época, assim como a questão do preconceito, em relação às pessoas com deficiência e sua imagem na sociedade. Podemos inferir que padrões de beleza, de comportamento e de postura são socialmente e culturalmente determinados e são expostos e veiculados nas imagens contidas na mídia impressa e nos meios de comunicação e de formação.

Na mesma perspectiva, Le Breton (2007, p. 73) salienta que as sociedades ocidentais fazem da deficiência um estigma, considerando alguma deficiência como um “motivo sutil de avaliação negativa” do sujeito. Ele afirma que para a sociedade, o retrato do homem “deficiente” é o de um sujeito “com estatuto intermediário [...] ele nem é doente ou saudável, nem morto nem vivo” (LE BRETON, 2007, p. 76). Subentende-se, então, que a PcD é compreendida como um sujeito sem um perfil determinado e que, como o corpo está condicionado aos padrões de beleza impostos pela sociedade em geral, como expressa o autor, “o corpo está preso no espelho social” (p. 77), assim está também o corpo das pessoas com deficiência. Esse corpo revela, ainda, padrões sociais e pode ser melhor compreendido se analisado em relação aos corpos dos outros membros da sociedade que não tenham deficiência. Em contraponto a essa imagem, o corpo de uma pessoa sem deficiência, considerada “normal” e saudável, seria relacionado a uma avaliação positiva. Podemos exemplificar com a obra de Eco (2015), que nos mostra a beleza representada através das obras de arte, retratando o corpo desde a Grécia Antiga até os dias de hoje. Pode-se observar que imagens de corpos bem delineados, longilíneos e geralmente representados pelo corpo masculino têm estado presentes nas nossas culturas desde a antiguidade. Esses padrões de beleza têm resistido à passagem dos milênios, e o corpo saudável e viril ainda continua sendo representado como o reflexo do “sublime”, do “maravilhoso” (ECO, 2015, p. 8). O autor afirma também que “em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o belo e o bom”.

Os estudos desses autores nos fizeram perceber que pesquisar as imagens de pessoas com deficiência é uma maneira de entender o *status* que elas têm em uma sociedade. Seriam vários os canais a serem investigados que veiculam imagens de pessoas com deficiência, como televisão, jornais, revistas, entre outros. Mas existe um canal em especial que veicula imagens e conhecimentos sobre identidades, valores, comportamentos sociais que chegam até nós: os livros didáticos. Estes são importantes canais de compartilhamento de conhecimentos científicos e de senso comum, tais como valores e comportamentos sobre diversos tópicos e temas sociais. Como os currículos escolares disseminam saberes e valores socialmente selecionados para a formação das pessoas (Apple, 2006; Silva, 2014), os livros didáticos que disseminam esses saberes poderiam se tornar os documentos a serem analisados nesta investigação, na qual se considera a problemática da representação das pessoas com deficiência. Os livros didáticos podem nos dar indícios dos conhecimentos de senso comum que circulam ao nosso redor e evidenciar as formas com que esses sujeitos são valorizados ou não na sociedade. Embora destinados a estudantes, esses livros carregam valores e saberes culturalmente enraizados e, nesse sentido, podem ser utilizados como instrumentos para

identificar os elementos que surgem com maior frequência e que podem estar influenciando a construção de representações sociais de deficiência. Indago, portanto, que conteúdos imagéticos e que elementos imagéticos estão à disposição das crianças e dos jovens no momento presente sobre a deficiência e que futuramente poderão servir como referência, base e ancoragem para a construção de suas representações sobre as pessoas com deficiência.

Os trabalhos que venho desenvolvendo sob a orientação da Profa. Dra. Ariane Franco Lopes da Silva também me levaram a refletir sobre as representações dos corpos das pessoas com deficiência na mídia e me fizeram levantar as seguintes questões: como está sendo apresentado o corpo da pessoa com deficiência nos materiais didáticos direcionados para o público infantil e jovem? Que elementos imagéticos podem ser identificados como os mais salientes e mais frequentes nas imagens de pessoas com deficiência? Esses elementos podem estar organizados em agrupamentos e categorias e teriam algum significado? Existe alguma relação entre diferentes elementos na veiculação de imagens de PcD? Como os textos que acompanham as imagens difundem saberes de senso comum sobre as pessoas com deficiência? Por fim, o estudo pretende possibilitar reflexões sobre como as pessoas com deficiência são vistas pela sociedade e como a sua imagem poderia impactar na construção futura de representações pelos membros mais jovens da sociedade.

Vários autores, de diferentes correntes teóricas, podem nos auxiliar a responder tais questões. Autores como Hall (2014), por exemplo, nos ajudam a compreender o papel das imagens na veiculação de mensagens. Já Le Breton (2007) colabora para o estudo do corpo como veículo de comunicação e expressão. Os estudos de Moscovici (1978, 2007) em representações sociais permitem reflexões sobre como diferentes mídias e meios de comunicação difundem e propagam mensagens, dependendo de seu público-alvo. Os estudos de Silva (2014) sobre o currículo e o currículo oculto também formam a base de conhecimentos utilizados neste trabalho. É por essa razão que este estudo busca em diferentes referenciais teóricos o suporte necessário para o seu desenvolvimento.

Nas escolas públicas do país, os livros didáticos estão sendo distribuídos por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Esse material alcança um grande número de crianças e jovens e seria interessante utilizá-lo para as análises das imagens de PcD. A sua distribuição em larga escala o valida enquanto um importante material, documento e canal veiculador de informações, saberes e opiniões. Por essa razão, a presente investigação propõe-se a analisar as imagens contidas nesses livros, aos quais as crianças e jovens têm acesso nas escolas.

A partir de uma observação flutuante dos livros didáticos oferecidos pelo PNLD a algumas escolas da rede pública de Chapecó, foi possível observar a presença de algumas imagens das deficiências física, auditiva, visual, múltipla, nanismo e de pessoas com Síndrome de Down. Então, com base nesta prévia observação, definiu-se que esta pesquisa teria como pressuposto que os livros didáticos são importantes veículos de divulgação de conhecimentos e valores sobre diversos temas sociais, dentre eles a deficiência. Em muitos casos, os livros didáticos tornam-se os primeiros materiais impressos que alcançam as crianças e os jovens em idade escolar. Como apontam Silva (2014) e Apple (2006), os currículos são responsáveis por disseminar certos conhecimentos e valores socialmente selecionados e considerados importantes na formação desses sujeitos. Como os livros didáticos fazem parte do currículo, eles também podem veicular essas representações.

1.1 OBJETIVOS E QUESTÕES-PROBLEMA

Estudos recentes desenvolvidos por mim e minha orientadora com um grupo de pais e professores de PcD do Centro Associativo de Atividades Psicofísicas Patrick (CAPP), instituição especializada em atender pessoas com deficiência intelectual, múltiplas e altas habilidades e/ou superdotação, mostraram que esses sujeitos evocaram representações semelhantes sobre corpo e deficiência. A ideia da necessidade de superar as dificuldades e de aproximar-se de um modelo ideal de vida e de comportamento foi frequente entre pais e professores. A partir dos resultados deste estudo preliminar surgiram outras questões: quais seriam as representações sobre as pessoas com deficiência no conjunto global da sociedade? Como elas poderiam impactar na construção de representações nas gerações mais novas? Para tal, escolhemos focar no livro didático enquanto um material que veicula representações de PcD e observar como elas são representadas nesses livros. O objetivo da pesquisa é analisar de que maneira as representações de pessoas com deficiência estão sendo veiculadas e propagadas em alguns livros didáticos do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), do sexto ao nono ano do ensino fundamental. Parte-se do pressuposto que o livro didático propaga, através de suas ilustrações e de seus textos, conhecimentos de senso comum sobre a deficiência e sobre as pessoas com deficiência. Pretendemos ainda, refletir sobre o que esses elementos revelam a respeito do que se pensa acerca da deficiência e da pessoa com deficiência. Em um segundo momento, o estudo analisa os textos que acompanham as imagens, identificando quantos se referem às imagens e o que dizem sobre a deficiência e a pessoa com deficiência.

O procedimento metodológico terá um caráter quantitativo e qualitativo no qual poderemos identificar de que maneira as imagens do corpo de PcD estão sendo veiculadas nos livros didáticos e destacar qual é o modo de comunicação de representações de deficiência mais utilizado. O intuito é refletir sobre o que essas imagens comunicam sobre os conhecimentos de senso comum acerca desses sujeitos e suas deficiências. Os procedimentos de análise de imagens estão descritos com maior profundidade no capítulo da metodologia.

1.2 A QUESTÃO DAS IMAGENS DE PcD EM LIVROS DIDÁTICOS

Os livros didáticos são meios impressos de veiculação de informações, conhecimentos científicos e de representações sobre diferentes temas sociais. Partindo-se do pressuposto que a escola é um espaço social de formação intelectual, social e afetiva, em que as gerações mais novas entram em contato com as diversas culturas, normas e valores sociais, optou-se por buscar nos livros didáticos utilizados nas escolas as imagens veiculadas de PcD. Assim, compreende-se que a escola é um agente significativo na reprodução e de criação cultural e econômica e pode ser considerada uma instituição importante, pois “toda a criança freqüenta a escola e a escola tem efeitos importantes como instituição de referência e socialização” (APPLE, 2006, p. 66).

Justifica-se, então, a escolha dos livros didáticos como fonte de análise de imagens de pessoas com deficiência que chegam até as crianças e os jovens. Percebe-se que ele é um artefato cultural que pode refletir as relações de poder e revelar a dinâmica dessa relação.

Como aponta Apple (2006, p. 46), existe uma relação entre o poder e a cultura, e essa relação se faz presente nos currículos escolares, pois eles têm um importante papel “na criação e na recriação da hegemonia ideológica das classes e frações de classes dominantes de nossa sociedade”. Entende-se por currículo também os hábitos, os comportamentos e as atitudes considerados importantes para serem aprendidos (SILVA, 2010). Como os livros didáticos fazem parte do currículo, eles traduzem ideologias, representações e culturas. Esse pensamento vem ao encontro das ideias de Silva (2010, p. 46):

O currículo está estreitamente relacionado às estruturas econômicas e sociais mais amplas. O currículo não é um corpo neutro, inocente e desinteressado de conhecimentos [...] a seleção que constitui o currículo é o resultado de um processo que reflete os interesses particulares das classes e grupos dominantes.

Apple (2006) também aponta para uma relação dinâmica entre o currículo e o tipo de pessoa que se deseja formar. Possivelmente, os estudantes estão expostos a representações sobre

alguns temas que foram construídos culturalmente e que correspondem com esse desejo de formação. A escola é, pois, um ambiente favorável para a disseminação de representações. Forquin (1993) também descreve uma relação íntima entre educação e cultura e aponta a educação como sendo um reflexo da cultura que é transmitida de um sujeito para outro. Então, é a partir das vivências escolares que as culturas se dissipam, compartilhando o conhecimento através dos modos de pensar e agir, que são passados de geração a geração. É pela e na educação que a cultura se transmite e se perpetua.

A partir dos pensamentos de Forquin (1993) e Apple (2006), o conceito de cultura atua como uma engrenagem entre a natureza, as ações humanas e o mundo. Isso significa que a cultura está relacionada a tudo que o homem cria ou transforma ao longo da sua convivência com a natureza e com as outras pessoas. Na mesma perspectiva, Hall (1997) diz que se aprende nas convenções sociais. Então, ao considerarmos que a cultura pode influenciar nos modos de se pensar as regras sociais, a cultura também pode influenciar os currículos e os conteúdos que são escolhidos para os livros didáticos. Pois o livro didático pode carregar consigo as representações em articulação com as convenções sociais. Assim, não há como dissociar o currículo da cultura e das representações. Os jovens estudantes têm acesso aos livros didáticos, nos quais os conteúdos são regidos pelo currículo, que define as regras e os modos de acesso a tais conteúdos. Os livros didáticos, enquanto artefatos pedagógicos e curriculares, não são neutros ideologicamente e difundem representações. Logo, pode-se entender que os livros didáticos disseminam representações sobre temas sociais.

Vemos em Silva (2010) o conceito de currículo oculto, que seriam os saberes que estão implícitos no dia a dia dos estudantes. O currículo oculto, sem fazer parte do currículo oficial, pode ser constituído por todos os outros aspectos do ambiente escolar que contribuem para as aprendizagens sociais. Silva (2010, p.79) salienta que nos currículos ocultos “aprendem-se atitudes e valores próprios de outras esferas sociais”, como o “conformismo, a obediência e o individualismo”. Sendo assim, os livros didáticos estariam sendo veículos de comunicação de saberes sobre temas sociais que contribuem para a aprendizagem de formas de interação entre as pessoas. Nesse sentido, a presente investigação poderá identificar os conceitos, as imagens, os valores e saberes sobre a deficiência e sobre a pessoa com deficiência que são comunicados às crianças através dos livros didáticos. Identificar o que estes livros exprimem, implícita ou explicitamente, sobre pessoas com deficiência nos indicaria o que se espera “formar” e que comportamentos se espera “produzir” com esse material.

Nesse sentido, os estudos de Hall (2006) sobre a identidade cultural na modernidade mostram como a identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos

inconscientes. Então, o fato de que os livros didáticos são acessados por crianças e jovens, que ainda estão formando suas identidades, nos leva a considerar que eles são um importante meio de comunicação e de formação a ser estudado. Esses livros podem trazer imagens e saberes sobre a deficiência que poderiam influenciar a maneira como a geração mais nova percebe as PcD e se relacionam com elas.

O pressuposto é que esse material é um artefato pedagógico, cultural e informativo pelo qual as crianças estão expostas às representações que circulam na sociedade sobre fatos sociais e contribuem para a sua formação psicossocial, afetiva e cognitiva. E, estando este artefato disponível no ambiente escolar para os estudantes, torna a escola um ambiente favorável para a disseminação de representações.

Os estudos de Duveen (1993) oferecem suporte a esse pressuposto, pois o autor investiga o impacto da escolarização na construção de representações, justamente por ser a escola um espaço fértil para que as crianças e os jovens construam e exercitem papéis e identidades sociais. Também os trabalhos de Silva (2010) e Hall (2014) apontam que é na escola que crianças e jovens são estimulados a entrarem em contato com diferentes grupos culturais. Ao acessarem os livros didáticos, eles acessam características culturais através dos textos e imagens carregados de sentidos.

1.3 O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO

Segundo os dados do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o livro didático, oferecido através do Programa Nacional do Livros Didático (PNLD), é um importante instrumento de apoio ao professor. Cabe lembrar que os investimentos destinados ao PNLD mobilizam a indústria editorial quando lança os editais de inscrições para a elaboração dos livros a serem lidos e escolhidos pelos professores de todo o país. Nesse processo de confecção dos livros há o envolvimento de trabalho em equipe e multidisciplinar de profissionais da área da educação. Segundo o FNDE, o processo de elaboração do livro escolar é complexo e envolve várias etapas, que vão desde o desenvolvimento de um projeto pedagógico-editorial, até ficar nos moldes que chegam às mãos dos estudantes e dos professores. A utilização dos livros didáticos é importante, mas se compreende que não deve ser o único meio de acessar-se os conhecimentos. Contudo, é através do livro didático que muitos brasileiros têm acesso ao conhecimento.

A escolha dos livros didáticos como *corpus* de análise nesta pesquisa concretizou-se a partir da indagação sobre que imagens estariam sendo veiculadas ao público em geral, ou seja,

a sujeitos que teriam pouco acesso às pessoas com deficiência, sobre a deficiência. Assim, compreende-se que através dos livros didáticos os jovens estudantes, possivelmente, estariam acessando imagens de PcD e contruindo suas representações sobre esses sujeitos.

O PNLD tem por objetivo prover as escolas públicas de livros didáticos e outros materiais de apoio à prática educativa e é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano, o Ministério da Educação (MEC) adquire e distribui livros para todos os educandos de um segmento. Esses livros são escolhidos pelas escolas e pelos próprios professores das disciplinas curriculares. A partir do ano letivo de 2017, esse programa previu a oferta de livros para as disciplinas de Arte, Ciências, Geografia, História, Língua Estrangeira Moderna, Língua Portuguesa e Matemática para os anos finais do ensino fundamental, ou seja, do 6º ao 9º ano da educação básica. Neste estudo, selecionamos os livros didáticos dos componentes curriculares História, Ciências, Língua Portuguesa e Matemática que foram distribuídos em 2017. Uma observação flutuante de todos os livros do programa para todos os componentes curriculares possibilitou perceber que os componentes descritos são os que traziam um maior número de imagens de pessoas com deficiência. Por essa razão, eles foram os componentes escolhidos para serem analisados neste estudo.

A presente pesquisa poderá identificar os conceitos, as imagens, os valores e saberes sobre a deficiência e sobre a pessoa com deficiência que são implícitas ou explicitamente comunicados às crianças e aos jovens através dos livros didáticos. Os livros didáticos assumem a função de veicular saberes sobre diferentes temas sociais e será possível identificar o que estará oculto nos livros didáticos sobre a imagem de PcD. Isso indica quem se espera “formar” e que comportamentos se consideram corretos diante da pessoa com deficiência.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

A dissertação está organizada em cinco capítulos. Na introdução oferecemos uma breve descrição da trajetória acadêmica e profissional da pesquisadora, narrando os desafios de trabalhar com PcD e como eles motivaram o desenvolvimento de um estudo mais aprofundado sobre as representações de deficiência. Procuramos elucidar a intenção da pesquisa, apresentando, de uma maneira mais clara, o problema de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, as hipóteses investigativas e a argumentação sobre as razões e a importância de se desenvolver tal pesquisa. Em outro momento, discorreremos sobre a temática da representação da pessoa com deficiência, apresentando brevemente os autores que refletem sobre as imagens como veículos de representações e a importância de estudar as imagens para

entender como elas comunicam saberes sobre temas sociais. Por fim, apresentamos o Programa do Livro Didático e argumentamos sobre a seleção desse material na pesquisa.

O segundo capítulo faz uma retrospectiva sobre a história do corpo humano e de suas representações desde a Grécia antiga até o século XXI. Fazemos um comparativo entre as diferentes épocas sobre o conceito de beleza, sobre o valor atribuído ao corpo e sobre a relação entre corpo e poder. Mais adiante, o capítulo traz uma visão geral de como o corpo das pessoas com deficiência tem sido representado e de que maneira a cultura tem influenciado essas representações. Este capítulo também oferece uma reflexão sobre a forma como o corpo tem sido abordado pela educação e sobre como sua imagem é veiculada ao público jovem através da mídia impressa. Em um segundo momento, apresentamos, de forma mais detalhada, o problema da pesquisa, os objetivos e a formulação das hipóteses investigativas. Por fim, o capítulo contém uma revisão das produções acadêmicas que ajudaram a elaborar algumas categorias de análise.

O terceiro capítulo apresenta o referencial teórico das representações sociais e como ele auxilia a compreender melhor a temática da representação da deficiência. Aprofunda o conceito de Representações Sociais (RS), assim como sua função e constituição pelos processos de ancoragem e de objetivação. Este capítulo também traz uma análise dos processos de propagação, difusão e propaganda de representações sociais. Logo em seguida, aborda a temática do currículo, a partir dos estudos de Forquin (1993), Apple (2006) e Silva (2010). Logo em seguida, aborda a utilização de imagens como ferramenta de análise de Representações e temas sociais, nos embasando nos estudos de Jodelet (1989), Hall (1997), Bauer e Gaskel (2015).

O quarto capítulo apresenta a metodologia da pesquisa, o percurso metodológico adotado, as etapas a serem percorridas, a constituição do *corpus* de análise, a definição das categorias e os procedimentos de análise das imagens e dos textos que as acompanham. A metodologia da pesquisa encontra suporte nos estudos de Bauer e Gaskell (2015), na Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e no *software* IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) – Pierre Ratinaud (2009). O capítulo ressalta ainda as propostas de Hall (2006) sobre a importância da pesquisa com imagens em psicologia social. Por fim, o quinto capítulo traz os dados obtidos e as análises. Em seguida, apresentamos as considerações finais.

2 UM OLHAR PARA O CORPO

Ao refletir sobre o corpo humano e sua imagem, vemos como ele se constitui um importante instrumento pelo qual o sujeito se revela, se apresenta e se comunica com as outras pessoas. A forma como as pessoas se apresentam e a maneira como o corpo humano é retratado não tem sido sempre a mesma. Essas representações se modificam ao longo da história. Entretanto, a classificação do corpo humano como “feio” ou “bonito” sempre ocorreu. O que se altera com o tempo são os critérios que servem para essas avaliações. Compreender essas mudanças na maneira como o corpo humano tem sido visto e representado ao longo do tempo é importante para poder compreender a maneira como a imagem do deficiente é difundida atualmente pela mídia. A representação da pessoa com deficiência estaria em relação com as representações das pessoas que não possuem deficiência? Que estratégias são utilizadas para representar a deficiência? Que estratégias estariam sendo postas em prática para ocultar ou minimizar a deficiência? Para responder essas questões, é necessário fazer uma incursão na história do corpo, na história da sua representação.

2.1 O CORPO HUMANO AO LONGO DA HISTÓRIA

Ao longo da história da humanidade o corpo tem sido retratado dentro de parâmetros de “beleza” ou de “feiura”. Essa classificação tem sido percebida desde os grandes filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles, os quais mostravam que temas como a estética (*Aesthesis*), o belo (*Kállos*) e a arte (*Tékne*) não poderiam ser pensados de forma dissociada. Desde Platão, que relacionou o belo ao conceito de bem, de verdade e de perfeição, tem-se considerado essas mesmas associações. Eco (2015) comenta que várias obras de arte ao longo da história também abordam essa separação entre o belo e o feio. O autor relembra que a mitologia grega era rica em figuras consideradas monstruosas e estranhas quando comparadas à beleza expressa nas estátuas do artista Policleto. Eco (2015, p. 133) enfatiza ainda que várias teorias estéticas, desde a Antiguidade até a Idade Média, percebem o feio como uma antítese do belo, uma desarmonia que viola as regras da normalidade. Mas, ao mesmo tempo, há uma contradição, pois se percebe que a beleza está condicionada à presença da feiura. Eco (2015) destaca também as obras de artes de Alexandre de Hales (séc. XIII), para quem o universo é um todo e deve ser considerado e apreciado em seu conjunto, pois mesmo aquilo que é considerado feio pode ser considerado belo no quadro geral. Mais adiante, Eco (2015) mostra que o feio passou a ser uma curiosidade natural durante a passagem da Idade Média para a Idade Moderna, pois se mudou a forma de

olhar o que é feio. Ou seja, o monstro perde sua carga simbólica e passa a ser estudado e retratado em obras como de Paolo Uccello “São Jorge e o Dragão” (1456) e de Ullisse Aldrovandi “Animal africanum de forme” (1642).

Ao observarmos de que forma as artes vêm representando o corpo dito “monstruoso” ou “defeituoso” ao longo da história, percebemos que o conceito de feio sempre vem ancorado aos conceitos de beleza, contrapondo-o. Da mesma forma, a beleza depende dos parâmetros da feiura para se estabelecer como algo belo. Partindo desses estudos e reflexões, podemos iniciar algumas articulações entre a representação do belo e do feio com as representações dos corpos das pessoas que são diferentes dos considerados “normais”. Como será essa representação? Que aspectos se prefere representar? Que estratégias de representação são utilizadas? A princípio, parece que a pessoa com deficiência é mostrada em seu esforço de superação, que compensa a sua deficiência. Então, supostamente, seriam imagens de PcD executando tarefas e atividades tais como as outras pessoas e com expressões de felicidade, tranquilidade e harmonia consigo mesmo e com os outros com os quais interage. Os problemas com o corpo “diferente” estariam camuflados, ou superados.

Estudos como os de Courtine (2012) revelam como a imagem do corpo entre os séculos XVI a XVII indicavam que ele era o espelho da alma. Ou seja, a fisionomia era entendida como uma explicação ou revelação da alma humana. Dessa forma, promoviam e valorizavam normas corporais de beleza, em que o belo era considerado a referência do bom (da boa alma) e as deformidades a referência do mal (a má alma). Da mesma forma, Stiker (2009) aponta como o corpo da pessoa com deficiência era considerado deformado e enfermo e, por volta do início do século XIX, a deficiência sensorial tomou forma de um corpo ferido, a ser reparado. Também Courtine (2011) aborda a utilização do “anormal” como fonte de exibicionismo no fim do século XIX, quando as pessoas com deficiência eram vulgarizadas como os “bobos da corte”.

As representações do corpo sempre sofreram influências, principalmente da cultura e do momento histórico, mas sempre com o pensamento de tornar o corpo cada vez mais “dócil e útil” (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009, p. 12). Na atualidade, o corpo é influenciado por dicotomias entre igualdade e desigualdade, coação e liberdade, entre ter ou não acesso aos cuidados com o corpo (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009).

Ao fazermos uma retrospectiva histórica das representações de corpo, percebemos que elas têm a ver com as necessidades humanas de distintas épocas. Na Grécia Antiga, o corpo era visto como um objeto do Estado e era moldado através do exercício físico e da meditação. O corpo saudável era representado pela nudez, e as obras de arte da época buscavam representar uma harmonia entre a alma e o corpo. Já no século XV e XVI, os artistas se empenhavam em

retratar o corpo e a natureza por meio de técnicas de pintura e de desenho cada vez mais sofisticadas que davam à figura humana um aspecto de realidade. A perspectiva foi uma dessas técnicas que permitia aos artistas expressarem a profundidade dos cenários e representarem não só o que estava próximo, mas também o que estava longe.

Ao final deste século, o conceito de corpo sofreu a influência do renascimento, um período em que houve muitas transformações, na cultura, na economia e na sociedade. Em consequência dessa fase, as representações de corpo nas obras de arte celebravam a imagem humana por meio da beleza física, da perfeição da forma, da preocupação com as proporções. Obras como as de Leonardo da Vinci em 1495, “La Belle Ferronnière”, por exemplo, demonstram a valoração da simetria do corpo. Mais adiante, no século XVII, as imagens do corpo foram sendo substituídas pelas imagens de máquinas em funcionamento. Surgiam na época as primeiras máquinas de tear nos *ateliers* da Europa moderna. Então, o corpo perde seu encanto e sua dimensão humana para reproduzir um novo regime de imagens (ECO, 2015), no qual as máquinas começavam a surgir e a ter um papel importante nas atividades do dia a dia. Neste período, o homem deixou de ser representado como algo natural, que corresponde às leis da natureza, para ser representado como um corpo que produz e que trabalha.

Antes do Renascimento, entretanto, durante a Idade Média, a religião fez com que o corpo pudesse ser visto como a fonte do pecado. Nesta época, há uma separação entre o corpo e a alma. A alma passa a ser mais valorizada, e a pressão para se cobrir os corpos expostos, era grande. Para se conservar intacta e limpa, a alma devia despir-se dos feitos carnavais. Buscava-se, então, a libertação da alma através da vigilância e do controle constantes dos desejos carnavais, ditos na época como pagãos.

Mais adiante, no século XIX, o corpo aparece como resultado de uma construção que tentou restabelecer o equilíbrio entre o corpo e a alma. Em meados do século XX, a arte se renova e surge o modo abstrato de representar a beleza. As formas da natureza e do cotidiano são inovadas com a geometria. O consumismo ficou explícito durante este período em que a beleza foi idolatrada e a mídia pôde mostrar a sua força, impondo padrões de beleza. Atrizes como Grace Kelly e Brigitte Bardot, por exemplo, brilham no cinema como referência da beleza feminina. Já no lado masculino, surgem atores como Fred Astaire e Marlon Brando (ECO, 2015). Hoje, em pleno século XXI, percebe-se, nas conversas informais, a necessidade humana de se limitar aos padrões de imagem corporal que são propagadas principalmente pela mídia, influenciando diretamente a maneira com que os leitores ou telespectadores valorizam o corpo. Nesse sentido, os conhecimentos das ciências sociais a partir do século XIX nos ajudam a compreender de que forma a sociologia e a psicologia abordam a questão do corpo.

Compreende-se que o corpo é um espelho das sociedades em que os sujeitos habitam. Conforme Le Breton (2007 p. 92), “o corpo é a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura”, uma maneira de pensar sobre o corpo como o *locus* em que se dá a união entre o ser natural e a cultura. Ou seja, o corpo é produto da natureza, mas sofre também a influência dos hábitos, costumes e normas culturais.

Ao refletir sobre como o corpo tem sido representado ao longo da história, é perceptível a dicotomia que existe entre o “belo” e o “feio”, demonstrando a necessidade de enquadrar as pessoas dentro desses padrões estéticos. Tais características ficaram muito bem expressas pelas representações de corpo através da arte, como mostrou Eco (2015), e pela tendência de se tomar a imagem corporal como um indicador na classificação da alma como ou boa ou má (COURTINE, 2012). Ao longo da história, houve uma crescente necessidade de tornar o corpo útil e dócil, o que fez surgir uma cultura de cuidados corporais (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009). As representações de corpo também se modificaram com o advento da industrialização e o corpo produtivo teve mais valor que o natural. Essa retrospectiva histórica é importante, pois nos leva a questionar como o corpo das PcD é representado atualmente. Ele é considerado produtivo? Ele é visto como belo? Ele é encarado como harmonioso? Como ele é representado? No próximo item será apresentado como a deficiência tem sido tratada ao longo dos tempos, com a intenção de traçar um comparativo com a representação do corpo humano sem deficiência.

2.2 A REPRESENTAÇÃO DA DEFICIÊNCIA

Para Diniz (2007), o início dos estudos sobre a deficiência deu-se por volta de 1970, no Reino Unido. Observamos que a deficiência foi retratada através dos tempos por conceitos como “anormal” e “exibicionismo” (COURTINE, 2012). O corpo com deficiência também era percebido como algo deformado e enfermo (STIKER, 2009). Então, a partir dessas afirmações, temos um ideia de como o corpo da pessoa com deficiência tem sido representada em diferentes tempos históricos, ou seja, com termos pejorativos e depreciativos.

Segundo Diniz (2007), Paul Hunt, um sociólogo com deficiência física, procurava compreender o fenômeno da deficiência como um fenômeno sociológico e não simplesmente como biomédico. Diniz (2007) explana que, por volta dos anos 70, já havia a necessidade de enfrentar a tensão entre corpo e sociedade e questiona se seria o corpo com lesão o que limitaria a pessoa com deficiência a participar da sociedade ou se seriam os contextos pouco sensíveis a essas pessoas que os segregaria. A partir desses três autores, percebemos que a temática das

representações dos corpos com deficiência é importante e que implica refletir sobre o corpo em um contexto social, considerando-se as atitudes de aceitação e de resistência que acompanham os encontros sociais.

Seguindo as discussões sobre o lugar que o corpo da PcD deveria ocupar na sociedade, já na década de 70, iniciaram-se também as discussões sobre a terminologia adequada para referir-se ao público com deficiência. Diniz (2007) cita alguns exemplos de termos como “débil-mental“, “retardado“, “aleijado“ ou “mongolóide“ como alguns dos adjetivos que se destinavam às pessoas que eram acometidas por alguma deficiência. A partir de alguns movimentos sociais, foram-se avolumando os grupos que passaram a defender e a compreender as pessoas com deficiência como sujeitos cidadãos. “A deficiência passou a ser compreendida como uma experiência de opressão compartilhada por pessoas com diferentes tipos de lesões“ (DINIZ, 2007, p. 22).

O corpo com deficiência somente se delineia quando contrastado com uma representação de o que seria o corpo sem deficiência. Ao contrário do que imagina, não há como descrever um corpo com deficiência como anormal. A anormalidade é um julgamento estético e, portanto, um valor moral sobre os estilos de vida. Há quem considere que um corpo cego é algo trágico, mas há também quem considere que essa é uma entre várias possibilidades para a existência humana (DINIZ, 2007, p. 08).

Isso mostra que as representações sobre deficiência têm sido pautadas nas comparações entre deficiente e não deficiente. Outro ponto importante a considerar-se dentro do movimento das PcD é a terminologia adequada a ser utilizada pelas pessoas em geral ao se reportarem às PcD. Atualmente, inclusive no Brasil, a terminologia que se adotou é “pessoa com deficiência“, embora ainda seja comum a expressão “pessoas portadoras de deficiência“. Entretanto, esse termo descaracteriza o sujeito com deficiência, pois a palavra portadora deixa subentendido que existe algo que a pessoa possui, mas que pode deixar de portar ou possuir a qualquer momento. Outro termo utilizado é “pessoa com necessidades especiais“. Mas todos os indivíduos têm necessidades especiais.

Segundo a organização Mundial de Saúde (OMS), a partir do Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência (1982), a “deficiência é toda perda ou anomalia de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica“. Desde sua definição, a palavra deficiência traz a ideia de “perda“ e de “anomalia“, mostrando que esse conceito vem acompanhado de impressões de derrota e como algo fora do normal. Já vem carregado de pensamentos estereotipados, deixando transparecer que esses sujeitos já estão em desvantagem

perante as outras pessoas sem deficiência e, portanto, não se encaixam nos padrões que a sociedade em geral entende como “normal”.

Nario-Redmond (2010, p. 471) traz a discussão sobre os estereótipos culturais de pessoas com deficiência e sem deficiência e afirma que, apesar de entender-se a deficiência como um grupo social heterogêneo, há o reflexo de um conjunto de crenças usados para caracterizar esta população como “dependente, incompetente e assexual”. Isso demonstra que o preconceito tem impedido o reconhecimento das PcD como um grupo que luta por seus direitos e, no mesmo sentido, percebe-se que a representação de uma PcD ainda reflete a imagem da incapacidade, algo concebido culturalmente.

Esse fato ainda pode ser observado atualmente, como no projeto-piloto descrito anteriormente. Nesse projeto, emergiram palavras e expressões que evocaram a ideia de superação de um estado de incapacidade para um de maior capacidade como se essa passagem fosse uma “melhora” e exigissem uma “superação”. De uma maneira geral, o estado atual da PcD é considerado um problema a ser superado. Esse estado é subestimado em relação a um tempo futuro, que pode ser melhor. Podemos exemplificar com o resultado do teste da associação livre de palavras, produzido pelos pais, professores e profissionais dos educandos com deficiência intelectual. A palavra “superação” destacou-se, entre outras, como a mais frequente, indicando que o corpo e os movimentos da pessoa com deficiência podem ser superados e melhorados a partir de estímulos sensoriais e motores, oferecidos nas atividades de dança. As ideias de melhora e superação podem indicar uma comparação entre o corpo da pessoa com deficiência com o corpo de uma pessoa sem deficiência. Essa comparação associa o corpo atual aos valores mais tradicionais que se cristalizaram nas sociedades, assemelhando-se ao que Abric (1994) denominou de representações cristalizadas. Seriam as representações de corpo belo e saudável que se mantêm inalterados ao longo do tempo e imprimem, ainda hoje, os padrões que regem essas classificações.

A partir desse exemplo, percebemos a pertinência de se investigar as representações que são difundidas sobre as pessoas com deficiência. Ou seja, a pesquisa se propõe a indagar sobre como estão sendo representadas, na mídia impressa, as pessoas com deficiência, que imagens são veiculadas sobre elas, o que essas imagens indicam sobre como a pessoa com deficiência é vista pela sociedade e o que essas imagens revelam sobre o que se sabe e se pensa sobre a deficiência. Também serão analisados os textos que acompanham as imagens e que têm conexão com as mesmas. A análise de conteúdo servirá para relacionarmos as duas análises, a fim de acharmos associações entre os dois materiais pesquisados. São questões que surgiram

ao longo da nossa carreira de educadora, as quais instigam a explorar os conhecimentos, comportamentos e pensamentos sociais que circulam na sociedade sobre o corpo das PcD.

2.3 A EDUCAÇÃO DO CORPO: IMAGEM CORPORAL E A MÍDIA

Autores de diferentes áreas do conhecimento, como antropólogos, psicólogos, historiadores e sociólogos têm se debruçado sobre a questão do corpo e de sua representação. Para Trasferetti (2008), o corpo é um objeto de representações e, ao mesmo tempo, de manipulação e de construções culturais. Para este autor, o corpo não pertence à pessoa, mas sim às regras e aos artifícios do mundo social. Possivelmente este autor se refere ao corpo como um resultado de normas e costumes sociais. Ele exemplifica tal afirmação ao analisar a utilização de *outdoors*, revistas, jornais, sites e letras de músicas como artefatos midiáticos. Esses artefatos exploram a imagem dos corpos humanos, apresentando-os como bem delineados e perfeitos, com vistas ao mercado consumidor. Isso nos remete a uma utilização do corpo como um símbolo de *status* social, reforçando padrões de beleza e de saúde.

Alguns pesquisadores têm se dedicado a pesquisar de que forma a mídia aborda a temática da deficiência e como esse recurso de propagação de conhecimento pode influenciar na formação educacional dos jovens. Isso porque a mídia tem uma importante influência na propagação dos padrões de beleza que existem na sociedade. Essa influência nem sempre é negativa. Safran (1998), por exemplo, mostra o retrato da deficiência ao longo da história a partir de uma análise de filmes premiados pela academia americana. E aponta a crescente presença de filmes que envolviam a deficiência em seu enredo, o que, para ele, é positivo e instrutivo: “We must also acknowledge the influence of media imagery and use it to our advantage”¹ (SAFRAN, 1998, p. 477).

Entendendo os livros didáticos como um meio pelo qual as crianças e os jovens em idade escolar têm acesso a informações, eles podem propagar ideias e conceitos sobre diversos temas sociais e, principalmente, alguns tópicos no contexto da inclusão. Para Beckett et. al. (2010), já há bons exemplos de literaturas inclusivas, o que se torna encorajador. Contudo, estes mesmos autores salientam a presença de linguagem discriminatória e negativa sobre o tema da deficiência nos livros de literatura infantil. Isso mostra a necessidade de se pensar estratégias de leituras críticas e que possam refletir sobre a temática da inclusão de PcD.

¹ “Precisamos reconhecer a influência das imagens midiáticas e usá-la a nosso favor”. (Tradução nossa).

Para Daolio (1995), no âmbito da educação física, é perceptível a importância de uma educação corporal voltada à valorização das potencialidades de todos os corpos humanos, inclusive do corpo das PcD. A educação do corpo inicia nos primeiros anos de vida escolar através do desenvolvimento das atividades pedagógicas voltadas a este público. Compreendemos, então, que materiais didáticos capazes de retratar os limites e as possibilidades dos corpos e dos movimentos das PcD poderiam facilitar o acesso destes estudantes a assuntos dessa natureza, proporcionando, assim, uma educação voltada para todos os tipos de corpos e movimentos.

Outra forma de abordar a questão da representação do corpo de PcD através de uma educação voltada à formação inclusiva são as imagens de PcD em livros didáticos de educação física. São poucos os autores que pesquisam especificamente essas imagens em livros didáticos, mas Hardin e Hardin (2004) se propuseram a pesquisar esse tema nos Estados Unidos e perceberam que, de uma forma geral, os livros didáticos de educação física não costumam incluir imagem de PcD. E as poucas imagens que aparecem são estereotipadas e não encorajam as pessoas sem deficiências a olharem para as PcD e reconhecê-las como seus pares. Da mesma forma, as PcD que acessam tais imagens não recebem informações positivas. Os trabalhos de Thomas e Smith (2003) mostraram a tendência nos jornais britânicos durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Sydney, no ano de 2000, de compararem os atletas paralímpicos aos atletas olímpicos. Embora tivessem a intenção de não enfatizar a deficiência, ao realizar tal comparação, reforçaram ainda mais os estereótipos de uma PcD (THOMAS; SMITH, 2003). Isso indica que, tanto nos livros didáticos como nos jornais, se repetem as opiniões estereotipadas em relação às PcD. Inclusive em caso de para-atletas que, embora tentem demonstrar suas potencialidades através do esporte, ainda caem na infelicidade da comparação com outro corpo que não seja o de uma pessoa com deficiência.

Atualmente, são muitos os adjetivos que qualificam os corpos e se referem a conceitos de saúde e beleza, como os termos “bem torneados”, “magros” e principalmente “funcionais”. A mídia em geral tem explorado tais adjetivos para propagar um conjunto de valores e imagens que excluem os corpos que não se encaixam nesses padrões. Provavelmente tais qualidades se perpetuam desde a Grécia Antiga, demonstrando que existe uma história e uma tradição na representação de corpos humanos e de hábitos e atitudes que foram sendo transmitidos de geração em geração.

Entretanto, há alguns exemplos que mostram o início de uma nova geração problematizadora da questão de não haver corpos que correspondem aos padrões de beleza construídos desde a Grécia Antiga. As experiências vividas pela geração mais nova podem dar

indícios de alterações nas representações das PcD. Há alguns exemplos de eventos que possivelmente terão um efeito positivo na maneira de as pessoas compreenderem as PcD futuramente. Um deles é a para-olimpíada, que possui um número cada vez maior de atletas inscritos. Outro exemplo é a presença de PcD em telenovelas, o que poderá influenciar a maneira como as pessoas veem a deficiência, pois elas atraem um público jovem, formador de opinião. Algumas obras de arte, como a de Adriana Varejão, que decorou a arquitetura externa do parque aquático e olímpico das olimpíadas e para-olimpíadas, também atestam essa tendência de considerar a diversidade de corpos humanos. Esses desenhos em nada lembram a perfeição dos corpos dos esportistas. A artista declarou que trabalha com “o corpo imperfeito”.

2.4 IMAGENS: SENTIDOS E SIGNIFICADOS

Ao falar sobre imagens, encontramos na semiologia um apoio para compreender o seu papel na expressão e comunicação de mensagens e informações. Com os estudos de Ferdinand de Saussure (1857-1913), vemos a diferença entre o significante e o significado. No caso desta pesquisa, o objeto significante seriam as imagens de PcD, e o objeto significado seriam os conceitos que as imagens traduzem e a forma como são interpretadas. O significado que as pessoas atribuem às imagens de PcD depende do meio no qual elas vivem, da sua bagagem cultural e das experiências interativas que tiveram com esses sujeitos. As imagens geralmente correspondem ao que se sabe sobre um determinado fenômeno social. O público-alvo, ao ler tais imagens, busca, em sua memória e referenciais culturais, os elementos que coincidem com essas imagens para justamente dar sentidos a elas. Isso mostra a importância de utilizar-se as imagens para compreender melhor as representações que circulam em uma determinada sociedade sobre temas sociais. Outros autores enfatizam que “o ato de representar significa apresentar uma coisa no lugar da outra, mas a coisa ausente continua essencial” (SHULZE; CAMARGO, 2000, p. 294). Ou seja, é possível manipular uma imagem para que ela, por um lado, mantenha os elementos essenciais do objeto representado e, por outro, diminua ou amplie alguns elementos para que eles comuniquem não o que está ausente, mas o que se deseja comunicar. Isso torna evidente a importância de investigar alguns elementos imagéticos que se repetem e que, possivelmente, de uma maneira implícita ou mais explícita, se deseja enfatizar.

Vemos em Bauer e Gaskell (2015) como as imagens são fontes polissêmicas e ambíguas de conhecimentos, refletindo vários significados e sentidos, por vezes até contraditórios. Ou seja, as imagens poderão mostrar num único momento uma vasta quantidade de ideias e de conhecimentos de senso comum sobre algo. Mas mostram isso de uma forma híbrida, intensa,

com um conjunto de dados e informações. Os livros didáticos, como qualquer outro material impresso que possua imagens, podem veicular informações e transformar-se em um rico material de análise em psicologia social de conhecimentos socialmente construídos. Bauer e Gaskell (2015, p. 321) apontam que, assim como os comportamentos e objetos, as imagens nunca são vistas de forma isolada, ou seja, “o sentido de uma imagem visual é ancorado pelo texto que a acompanha”. A linguagem imagética mostra-se diferente da linguagem verbal, pois esta transmite a mensagem com mais precisão e clareza. Ao optar-se pela análise de imagens é importante salientar a relevância de utilizá-las para veicular valores e conceitos sobre temas sociais. No caso desta pesquisa, os livros didáticos podem ser considerados uma forma de difusão e propagação de valores sobre as PcD. Nesse sentido, é provável que os estudantes e leitores desses livros didáticos possam assimilar ideias, conceitos e valores a partir dos seus conhecimentos prévios e também das suas experiências anteriores. É importante destacar que o processo interpretativo pelo qual os leitores passam é algo socialmente construído através das conversações no dia a dia e inclusive na interpretação das imagens que acessam.

O ato de ler um texto ou uma imagem é, pois, um processo interpretativo. O sentido é gerado na interação do leitor com o material. O sentido que o leitor vai dar irá variar de acordo com os conhecimentos a ele(a) acessíveis, através da experiência e da proeminência cultural. Algumas leituras podem ser bastante universais dentro de uma cultura; outras serão mais idiossincráticas. (BAUER; GASKELL, 2015, p. 324).

As imagens de corpo na mídia impressa também tendem a traduzir os valores e os conceitos que circulam em uma determinada sociedade. No caso das PcD, essas imagens podem tornar-se importantes fontes de dados porque justamente identificam as pessoas pelas suas características corporais, diferenciando-as das outras consideradas mais comuns e mais próximas da “normalidade”.

Para Le Breton (2007), o corpo exterioriza e expressa a sua cultura. O modo como as pessoas se relacionam com a natureza e com seus pares, ou a profissão que exercem, são influenciados pela cultura na qual estão inseridos, e o corpo transmite, por meio de suas ações e hábitos, essas formas de vida. Para Le Breton (2007, p. 26), as diferentes visões de mundo das diferentes comunidades humanas podem influenciar a forma como a sociedade representa tais corpos, pois “o corpo é construído socialmente” e ele sinaliza os valores de uma específica comunidade. Ao mesmo tempo, a cultura influencia os modos de pensar e agir dos sujeitos. Para Medina Filho (2013, p. 268), “a imagem é, simultaneamente, cultural e transcultural, temporal e atemporal e simbólica”. Então, podemos compreender que as imagens que circulam na mídia fazem parte da cultura local. Elas são interpretadas e compreendidas pelas pessoas que

as leem. E, sendo os livros didáticos uma mídia impressa, imaginamos que eles trazem imagens consideradas “compreensíveis” ao público-alvo.

Outros autores refletem sobre a relação do corpo com a cultura. Em Mauss (2003), por exemplo, vemos algumas reflexões sobre as “técnicas do corpo”, que são maneiras que os seres humanos têm de se servirem de seus corpos para as tarefas cotidianas. Mauss (2003) mostra como essas técnicas são socialmente construídas, indicando que não existe um jeito certo de executar uma ação, mas sim muitas maneiras de fazer algo. O autor fala sobre a gestualidade e o modo de andar, por exemplo, como socialmente construídas. Para ele, o corpo é o primeiro dos instrumentos utilizados pelo homem para expressar-se ou comunicar-se, “sobressaindo-se atos habituais mais ou menos antigos na vida dos indivíduos e na história da sociedade” (MAUSS, 2003, p. 420). O autor propõe uma classificação das técnicas do corpo sob quatro perspectivas: a primeira diz respeito às características que diferem os sexos feminino e masculino. Há propriedades femininas demonstradas através da gestualidade e no trato corporal que diferem das propriedades masculinas, como por exemplo, o modo de sentar ou cruzar as pernas. A segunda perspectiva relaciona-se com as técnicas corporais em relação às idades. Nesse sentido, para o autor, há movimentos que caracterizam as diferentes idades, como se verifica através do movimento de agachar-se, que se mostra mais na infância. Em terceiro lugar, está a classificação das técnicas do corpo em relação ao rendimento, na qual o corpo humano é “adestrado” (MAUSS, 2003, p. 410). O autor ressalta a ênfase dada ao rendimento, ou seja, o quanto as pessoas podem render através das diferentes maneiras de comportar-se. Por fim, a quarta classificação tem a ver com a transmissão das técnicas, ou seja, uma maneira de executar uma ação. Mauss (2003, p. 411) salienta que as diferentes formas dos corpos se apresentarem, se posicionarem ou agirem estão diretamente ligadas às “tradições que as impõem”. Isso implica compreender que tais tradições são criadas culturalmente, através da convivência em sociedade. Ele se refere à educação do corpo como a “educação física de todas as idades e sexos”, dando a compreender que a educação representada pelo corpo das pessoas é transmitida culturalmente. Ou seja, é através das atitudes espelhadas nos mais velhos que as crianças e os jovens vão se educando corporalmente (MAUSS, 2003, p. 411).

A partir das colaborações de Mauss (2003), pode-se compreender como as pessoas que não executam os movimentos de forma adequada, como a maioria executa, ficam à margem da sociedade. Por exemplo, como as pessoas classificam os trejeitos que possivelmente as PcD demonstram, em função das suas limitações motoras ou sensoriais. Estes estudos auxiliarão também na interpretação das possíveis categorias que surgirão durante as análises das imagens de PcD nos livros didáticos. Ou seja, seria interessante observar as categorias de gênero e as

atividades que aparecem relacionadas às imagens de PcD, pois elas aparecem nos estudos de Mauss (2003) como correlacionadas com o uso do corpo.

2.5 REVISÃO DE PRODUÇÃO ACADÊMICA NA PESQUISA EDUCACIONAL BRASILEIRA: CORPO, DEFICIÊNCIA E REPRESENTAÇÃO DE DEFICIÊNCIA

A pesquisa bibliográfica no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi feita segundo um recorte no período de 2006 a 2015. A busca orientou-se pelos termos “Imagem de PcD”; “Representações de PcD”; “Corpo e PcD”; “PcD e Livros Didáticos”. Baseando-nos nesses descritores, fizemos uma listagem dos trabalhos encontrados, conforme é demonstrado na sequência.

Tabela 1 – Resultado da classificação dos termos: corpo e deficiência

Ano	Tipo de obra	Autor	Título
2006	Dissertação	Fernanda Dias de Oliveira	Abram seus livros: o discurso sobre as diferenças nos livros didáticos.
2006	Dissertação	Miriam Piber Campos	Nem anjos, nem demônios: Discursos e representações de corpo e de sexualidade de pessoas com deficiência na internet.
2007	Dissertação	Alenia Varela Finger	A educação inclusiva de alunos com deficiência física: Problematizando o corpo no contexto escolar.
2007	Dissertação	Cecília Sayonara Gonzaga Leite	Corpo doente: introdução ao estudo das representações sociais dos deficientes físicos na cidade de Manaus.
2007	Dissertação	Sandra Maria Cordeiro Rocha de Carvalho	Representação social da pessoa com deficiência frente à exclusão/inclusão.
2007	Tese	Maria do Carmo Soares Costa Silva	Inclusão e deficiência: em busca das representações sociais na mídia impressa em Natal-RN
2008	Dissertação	Márcio Alves de Albuquerque	A pessoa com deficiência e suas representações no cinema brasileiro.
2010	Dissertação	Ana Carolina Bezerra Teixeira	Deficiência em cena: desafios e resistências da experiência corporal para além das eficiências dançantes.
2010	Dissertação	Carolina Maria Costa Bernardo	Do estranhamento do corpo: Um estudo sobre identidade, corpo e deficiência na escola.
2012	Dissertação	Bruna Rocha Silveira	Entre a vitimização e a divinização: A pessoa com deficiência em viver a vida.
2012	Dissertação	Everton Luiz de. Oliveira	Concepções sobre beleza de jovens com cegueira congênita.
2013	Dissertação	Jorge Antônio Moreira de Lima	Um estudo sobre os deficientes na Universidade Federal de Goiás
2015	Dissertação	Rosalba Martins Miranda	Do luto à luta: a emergência do corpo deficiente possível.
2015	Dissertação	Alessandra Barros	Representações sociais sobre a deficiência presente em livros didáticos de ciências do ensino fundamental

2015	Dissertação	Karla Garcia Luiz	Investigando fotografias de PcD nas capas da revista Sentidos.
------	-------------	-------------------	--

Fonte: Banco de Dados da CAPES (organizado pela autora).

A partir do estado da arte das produções acadêmicas, percebemos que a temática das representações de deficiência não tem sido muito explorada pelos pesquisadores. Ao analisarmos os dois momentos em que houve maior número de pesquisas nessa área, nos anos de 2007 e 2015, percebemos que ocorreram em períodos que antecederam os Jogos Paralímpicos. Como este foi um evento de grande magnitude, provavelmente tornou-se uma das únicas oportunidades em que as PcD ganharam maior visibilidade científica. Por outro lado, é possível observar que as pesquisas com tais temas ainda são restritas à representação da deficiência, do corpo da pessoa com deficiência e da inclusão social. Esses temas foram abordados constantemente acerca da necessidade de demonstrar as potencialidades desses sujeitos e de discutir uma inclusão que resiste ao tempo, de forma a justificar a presença das PcD na sociedade e na mídia.

Evidenciamos, também, que investigações sobre a imagem de PcD nos livros didáticos são menos frequentes, demonstrando a necessidade de mais estudos deste material didático, pois ele alcança um grande número de crianças e jovens. Embora um trabalho tenha se dedicado a estudar as imagens de PcD nos livros didáticos, a temática foi abordada apenas na disciplina de ciências onde prevalece uma perspectiva biológica.

Em relação à metodologia utilizada, as pesquisas dividiram-se entre entrevistas e análise documental. As entrevistas foram encaminhadas no sentido de ouvir pessoas e analisar os discursos a respeito da deficiência, do corpo, da beleza e da educação inclusiva. Já as análises documentais envolveram a interpretação de imagens, reportagens, filmes e revistas, com vistas a compreender a representação de PcD na mídia impressa e televisiva.

Os temas que surgiram nas dissertações do Banco da Capes também aparecem em estudos científicos internacionais. Temas como a representação de deficiência, representações do corpo das pessoas com deficiência e de como a mídia pode influenciar na construção das representações e no processo de inclusão desses sujeitos são mais comuns. As representações das PcD e do corpo das PcD são abordadas por vários autores (GOETZ, et al., 2008; BECKETT, et al., 2010; MARTINS, 2008; NARIO-REDMOND, 2010). Tais autores destacam a maneira como as pessoas entendem o seu corpo e o corpo de uma PcD, e apontam que essa construção de representações se dá de forma individual e também social.

Sobre a temática da relação entre a mídia e as PcD, podemos citar vários autores, como Goetz et al. (2008), Pontes, Naujorks e Sherer (2001), Safran (1998), Elliott e Byrd (1982),

Thomas e Smith (2003) e Hardin e Hardin (2004). Os seus estudos ressaltam que o padrão de corpo difundido é o do belo, do magro e do jovem, e que cresce a adoção de técnicas corporais e de comportamentos de culto ao corpo. Segundo Pontes, Naujorks e Sherer (2001), a mídia atua no sistema de representações e discursos sobre a deficiência de forma a aumentar o preconceito e reforçar alguns padrões.

Além disso, o tema da inclusão apresentou-se imbricado nas questões das representações de corpo e sobre a influência da mídia na construção das representações sobre a deficiência. Autores como Foley e Ferri (2012), Beckett et. al. (2010) e Cameron (2007) debruçam-se sobre estudos que envolvem a questão da inclusão. Os estudos de Foley e Ferri (2012) falam do uso das tecnologias a favor da inclusão e apontam que a tecnologia deve ser concebida como um conceito global, acessível e inclusivo. Já Cameron (2007) afirma que os discursos da cultura contemporânea sobre a deficiência são poucos positivos, enfatizando os prejuízos que as PcD apresentam, ao invés de focar nas barreiras que eles devem transpor. Por fim, Beckett et. al. (2010), ao pesquisarem livros de literatura infantil, ressaltam que escolas que possuem um programa de inclusão precisam disponibilizar e trabalhar com livros de literatura infantil com propostas inclusivas.

Percebemos, então, que tanto nos trabalhos presentes no banco de teses e dissertações da CAPES, como nos artigos de pesquisadores internacionais, a temática das representações de corpo, de deficiência e das PcD tem sido tratada pela psicologia social. Ou seja, como um fenômeno se constitui através das relações sociais por meio das conversações informais e que agregam certo valor no contexto da sociedade. Esses estudos nos permitem perceber a necessidade de pesquisar mais em livros didáticos, pois eles seriam um artefato pedagógico muito acessado pelos estudantes. Além disso, os livros didáticos seriam uma fonte rica de pesquisa, pois poderiam estar veiculando representações de senso comum. E os estudantes, por sua vez, poderiam estar expostos a representações sobre as PcD, o que poderia ter um efeito na maneira como constroem suas próprias representações.

3 ESTUDOS EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, IMAGENS E COMUNICAÇÃO

Este terceiro capítulo tem a finalidade de apresentar a Teoria das Representações Sociais (TRS), os conceitos de difusão, propagação e propaganda e os de ancoragem e de objetivação. O capítulo apresenta também os estudos em imagens como sistemas de representação e os que dizem respeito às imagens de corpo e sua simbologia.

3.1 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Este estudo encontra apoio teórico e metodológico nos trabalhos de Serge Moscovici (1978), idealizador da Teoria das Representações Sociais (TRS). A teoria nasceu da necessidade da psicologia social em considerar o que os indivíduos pensavam e qual o peso que esses pensamentos teriam sobre um grupo maior, a sociedade.

As representações sociais devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos. Elas ocupam, com efeito, uma posição curiosa, em algum ponto entre conceitos, que têm como seu objetivo abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa. Elas sempre possuem duas faces, que são interdependentes, como duas faces de uma folha de papel: a face icônica e a face simbólica. Nós sabemos que: representação = imagem/significação; em outras palavras, a representação iguala toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. (MOSCOVICI, 2007, p. 46).

Estudos anteriores a Serge Moscovici sobre representações, como os de Durkheim (1895-1982), trazia o conceito de “representação coletiva”, a qual explicava o funcionamento da sociedade e como as opiniões coletivas influenciavam a forma como os indivíduos pensavam e agiam. As representações coletivas caracterizavam-se pela forma como os conhecimentos, as regras, as normas e os conceitos eram construídos por grupos ou entidades fortemente estruturadas. Tais representações eram uniformes, indiscutíveis e coercivas (VALA, 2006), impostas pelos grupos dominantes aos sujeitos da sociedade em geral. De certa forma, a ideia de representação coletiva formulada por Durkheim sugeria a separação entre as representações individuais e as representações coletivas. O conceito de representação coletiva referido por Durkheim partia do pressuposto da oposição entre o individual e social, o que tornaria o conceito de representações coletivas um termo não adequado, pois não daria conta da “dinamicidade das sociedades modernas” (CORDEIRO, 2006, p. 31).

Moscovici (1978) compreendia que as opiniões dos indivíduos deveriam ser tratadas como um fenômeno a ser investigado, pois as representações coletivas não dariam mais conta de explicar a heterogeneidade de opiniões, saberes e comportamentos que compunham a

coletividade. Então, Moscovici mobilizou discussões sobre a valorização das opiniões comuns que as pessoas demonstravam ter sobre alguns temas sociais. Foi na sua obra “La Psychanalyse, son image, son public”, em 1961, na França, que Moscovici lançou a ideia de uma nova teoria, a Teoria das Representações Sociais (TRS), baseada no seu pensamento de que não existia uma separação entre o indivíduo e o social, mas sim uma interação entre eles. Ou seja, segundo Moscovici (1978), as representações sociais são um conjunto de conhecimentos de senso comum, construídos socialmente a partir do diálogo entre as pessoas sobre um determinado assunto, acontecimento ou situação. Elas têm como função atribuir sentido às situações reais, justificar os modos de pensar e de comportar-se. A TRS nos faz refletir sobre os conhecimentos de senso comum a respeito de assuntos sociais, pois a maneira de pensar e interpretar a vida cotidiana impacta na forma como os sujeitos elaboram julgamentos de valor, comportam-se em situações polêmicas e encontram maneiras de solucionar problemas.

Vários autores se dedicam a estudar as representações sociais, dentre eles Jodelet (1989) e Duveen (2007). Eles ressaltam que as representações sociais são construídas e sustentadas por meio da comunicação, constituindo a nossa realidade e servindo do principal meio para o estabelecimento de associações entre os sujeitos. Jodelet (1989) entende que as representações sociais podem guiar as pessoas na maneira como elas definem ou nomeiam os aspectos do cotidiano, podendo influenciar nas opiniões sobre determinados temas sociais. Segundo a autora, as representações sociais podem ser difundidas pelas palavras e também pelas imagens, que veiculam crenças, valores e opiniões de uma maneira global. Assim, tanto para Moscovici (1978) como para Jodelet (1989), as imagens podem ser compreendidas como formas de comunicação e também como fontes de representações sociais.

Para Moscovici (1978), as representações são produzidas por meio dos processos de ancoragem e objetivação. Tais processos possibilitam transformar o não familiar em familiar, interpretando e comparando o novo objeto com algo que já é conhecido, para assim dar-lhe um significado, um sentido (MOSCOVICI, 2007). A ancoragem pode ser entendida como o enraizamento social da representação. Ela permite caracterizar novos conceitos a partir de conceitos pré-existentes em uma comunidade. A ancoragem significa classificar e dar nome a algum objeto. A ancoragem procura reduzir as ideias estranhas a categorias e a imagens comuns.

Ancorar é, pois, classificar, dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo são ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não

somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. O primeiro passo para superar essa resistência, em direção à conciliação de um objeto ou pessoa acontece quando nós somos capazes de colocar este objeto ou pessoa em uma determinada categoria, de rotulá-lo com um nome conhecido. (MOSCOVICI, 2007, p. 61-62)

Na mesma linha de pensamento, Vala (2006) aponta que o mecanismo da ancoragem exige que pontos de referência de experiências anteriores sejam utilizados para que um novo objeto possa ser pensado. Ele afirma:

A ancoragem refere-se ao fato de qualquer construção ou tratamento de informação exigir pontos de referências: quando um sujeito pensa um objeto, o seu universo mental é por definição, tábua rasa. Pelo contrário, é por referência a experiências e esquemas de pensamentos já estabelecidos que um objeto novo pode ser pensado. (VALA, 2006, p. 472).

Também para Cordeiro (2006) o processo de ancoragem equivale ao processo de categorização e seria através das categorias elencadas por um determinado grupo que se compreenderiam as ancoragens das representações sociais deste grupo. Então, ao acessarmos as representações de um grupo qualquer, estaremos compreendendo melhor as razões que motivaram os sujeitos a pensarem e agirem sobre algum tema social. E isso se aplica também aos grupos de estudantes, que diariamente acessam as imagens de PcD nos seus livros didáticos e estariam construindo suas próprias representações, mesmo de uma forma inconsciente.

Outro modo de processar novos objetos sociais seria através da objetivação, quando os sujeitos criam uma imagem mental sobre um determinado objeto, transformando algo que não lhe é familiar, algo ainda abstrato, em algo concreto, atribuindo um significado à nova informação. Moscovici (1978) lembra-nos que as informações que circulam sobre um objeto podem ser expressas por palavras e imagens. Ele define a objetivação da seguinte forma:

Objetivação une a ideia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade [...] objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem. Comparar e já representar, encher o que está naturalmente vazio, com substância. (MOSCOVICI, 2007, p. 71-72).

Para Jovchelovitch (1995), a objetivação e a ancoragem são duas formas em que as representações sociais conseguem estabelecer uma conexão entre o mundo simbólico e o mundo material. “São as formas específicas em que as representações sociais estabelecem mediações, trazendo para um nível quase material a produção simbólica de uma comunidade e dando conta da concreticidade das representações sociais na vida social” (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 81).

Então, o fato das imagens de PcD estarem inseridas nos livros didáticos podem refletir as opiniões de senso comum sobre essas pessoas. Compreendendo as imagens contidas nos LD como algo concreto, elas serão interpretadas pelos estudantes segundo referenciais simbólicos, elementos que trazem um significado para o leitor.

Mesmo não se tratando de um estudo em produção de representações sociais, esses conceitos de ancoragem e objetivação ajudam a entender como as imagens de PcD são interpretadas pelo público jovem. As imagens dão forma a um conceito e quem as vê tenta encontrar em sua memória e experiências anteriores os elementos que permitem interpretá-la. Os idealizadores dos livros estamparam imagens que eles consideravam “inteligíveis”, “compreensíveis” ao público em geral, para fazer sentido. E, nesse movimento, acabam por reforçar estereótipos e preconceitos. No entanto, pode ser também que se encontrem novos elementos que contradizem estereótipos e proponham novas maneiras de representar as pessoas com deficiência.

Segundo Bauer (1995), as representações sociais tomam uma função simbólica, pois “lidamos com imagens variáveis da realidade, [...] transformam o não familiar em familiar através da ancoragem, [...] criam uma estabilidade temporária através da objetivação” (p. 231). O autor salienta o papel da ancoragem e da objetivação no processo de assimilação de um novo conceito por uma pessoa ou por um grupo de pessoas, reforçando as ideias de Moscovici (1978; 2007). Esses autores nos fazem perceber a importância das imagens que estão contidas nos livros didáticos e o que elas podem retratar, pois contém algumas representações que serão difundidas e propagadas às gerações mais novas.

Portanto, estudar as representações sobre a deficiência veiculadas pelos livros didáticos, por meio de imagens, nos oferece indicativos das representações sociais que são gestadas nas conversações cotidianas e que ficam registradas nessas mídias e são divulgadas por elas a um público maior. Elas podem ser produções de um número reduzido de pessoas, como editores, repórteres e escritores, mas podem ser também um produto de um jeito bastante difundido entre um grupo de pessoas de se pensar sobre algo. O que os meios de comunicação impressos fazem é difundir e propagar representações a um grande número de sujeitos, que vão ler os textos e observar as imagens que eles trazem. Duveen (2007) também analisa a propagação e a difusão de conhecimentos na modernidade, quando as pessoas passaram a se comunicar mais por meio da mídia impressa. Como os livros didáticos fazem parte dessa mídia, eles se tornam uma importante fonte de pesquisa em representações.

Conforme Duveen (2007, p. 16), “o fenômeno das representações sociais está ligado aos processos sociais”. Para ele uma das características da modernidade são as novas formas de

comunicar conhecimentos. Para o autor, “é a produção e circulação de ideias dentro dessas formas difusas de comunicação que distinguem a era moderna da pré-moderna e ajudam a distinguir as representações sociais como a forma de criação coletiva” (DUVEEN, 2007, p. 18). Compreender o modo como as pessoas se comunicam entre si e nos seus grupos, assim como a maneira pela qual são difundidas tais informações, tem sido o foco de pesquisas na área da psicologia social, e é do que trata a presente pesquisa.

Moscovici (1978) identificou três modos de comunicar as representações sociais: difusão, propagação e propaganda. Para ele, a difusão tem por objetivo atingir vários públicos, o que poderíamos chamar de comunicação em massa. Nesse modo de comunicar, fala-se de forma aberta a todos os diferentes grupos sociais, e as opiniões sobre um mesmo assunto ou objeto podem divergir (VALA; MONTEIRO, 2006). Já na propagação, as mensagens são produzidas pelos membros do grupo e se dirigem ao seu próprio grupo. Esse modo de comunicar tem por finalidade passar uma informação nova e visa adequar o objeto ao sistema de valores do grupo (VALA; MONTEIRO, 2006). No sistema de comunicação da propaganda a comunicação se dá de forma a valorizar um grupo em detrimento de outro (MOSCOVICI, 1978), ou seja, uma ideia em detrimento de outra, construindo uma imagem negativa do outro. Sua finalidade é estabelecer diferenças de valores entre os grupos, partindo de conceitos conflituosos (VALA; MONTEIRO, 2006).

Podemos perceber que a diferença entre os três modos de comunicação das representações sociais está na proporção com que os conhecimentos se disseminam e no público para o qual elas se dirigem. Enquanto a difusão tem por objetivo alcançar o maior número possível de indivíduos, a propagação se preocupa em compreender os novos conceitos que surgem nas conversações dentro dos grupos e geralmente fica no grupo, não atingindo um grande contingente de pessoas. Já a propaganda tem por preceito divulgar uma imagem negativa de um determinado fenômeno com a intenção de valorizar ainda mais os próprios preceitos.

Pressupomos que as imagens de PcD nos livros didáticos correspondem ao processo de propagação, uma vez que os conteúdos e temas destes artefatos pedagógicos são pensados e elaborados por pessoas ligadas à educação e voltados aos educandos em formação escolar. Nesta fase, novos conhecimentos serão adequados e ajustados aos sistemas de valores do grupo de estudantes, somando, assim, novos conceitos ao grupo.

Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é observar as imagens sobre deficiência e pessoas com deficiência veiculadas pelo livro didático e refletir sobre o que elas significam, a fim de entender como podem estar influenciando os comportamentos do público-alvo diante da deficiência. A partir disso, o estudo pode auxiliar nas reflexões sobre a questão do espaço e

do papel das pessoas com deficiência na sociedade e proporcionar inferências sobre as razões de sua pouca visibilidade e valor. As representações de PcD que são veiculadas nos livros didáticos disponibilizados pelo MEC aos estudantes das escolas públicas podem nos auxiliar nessa análise.

Ao considerar os livros didáticos como documentos pedagógicos e culturais, percebemos o quanto eles difundem e propagam conhecimentos acerca de valores, identidades e categorias sociais. Portanto, precisamos considerar que as rotinas pedagógicas são norteadas por um currículo central carregado de ideologias e que, possivelmente, estão refletidos nos livros didáticos através de imagens. Como estão disponíveis aos estudantes, os livros veiculam valores, imagens e representações que podem interferir na construção de representações sociais sobre importantes temas sociais (SILVA, 2010). Dessa forma, os livros didáticos são considerados uma fonte importante de pesquisa para verificar como são veiculadas as imagens de pessoas com deficiência para o público infantil e jovem. As imagens que esses livros apresentam influenciariam, de certa forma, na construção de representações sobre as PcD, objetivando conhecimentos sobre essas pessoas com deficiência e servindo de ancoragem nas construções de representações futuras, pois é nessa fase que se inicia a formação dos valores sociais, a aprendizagem de formas de conduta social e a aprendizagem de maneiras de relacionar-se com os outros membros da sociedade.

3.1.1 Representações sociais e imagens: articulando a teoria ao objeto de estudo

Apoiados na TRS apresentada por Moscovici (1978), discutimos agora a utilização de imagens como ferramentas de análise de representações de temas sociais. Para Moscovici (1978), o pensamento humano constitui-se de palavras e imagens. Ele entende que há uma relação dinâmica entre esses dois códigos de comunicação, pois ambas são necessárias para que haja a comunicação entre as pessoas.

Percebemos que uma figura ou uma imagem pode refletir representações do pensamento social. Em relação à perspectiva de estudo sobre as imagens, há autores consagrados, como Jodelet (1989), Hall (1997), Bauer e Gaskel (2015), que se voltam ao estudo e à pesquisa sobre o uso de imagens para expressar representações a respeito de temas sociais. Jodelet (1989) acredita que as imagens podem difundir representações a respeito de assuntos de cunho social. Para a autora, as imagens podem conter informações sobre as opiniões de senso comum. Além disso, ela aponta que as imagens podem conter elementos que expressam mensagens, opiniões

e valores, sempre de uma forma global ou como um conjunto de dados, todos apresentados de uma só vez.

Segundo Hall (1997), representar é usar a linguagem de signos e imagens, as quais são utilizadas para dizer algo ou representar o mundo de forma significativa para outras pessoas. Para o autor, podemos considerar como signos as palavras, os sons ou as imagens que carregam um sentido e representam os conceitos que temos em nossas mentes. E esses conceitos são construídos de forma cultural, através das nossas relações sociais. Assim, podemos compreender que as imagens podem representar alguns aspectos da nossa cultura, a exemplo do que se pensa sobre as PcD e de que forma esses sujeitos estão sendo apresentados aos jovens estudantes. Como o próprio Hall (1997) afirma, o significado não está no objeto, nem nas palavras, mas nas pessoas que lhes atribuem os significados, por meio das convenções sociais.

Outro fator para o qual este autor chama atenção é em relação ao olhar interpretativo que devemos ter ao observarmos uma imagem. Para Hall (1997), os signos visuais e as imagens, mesmo quando são semelhantes com as coisas que representam, não deixam de ser signos que necessitam ser interpretados. Então, isso nos indica que, para que possamos desenvolver pesquisas através de imagens, é necessário aprimorar as formas de interpretar as imagens contidas nas mídias impressas. Portanto, no caso desta pesquisa, as imagens contidas nos livros deverão ser observadas e lidas de uma forma crítica, procurando perceber os possíveis sinais de representações que tais imagens contêm, pois elas poderão expressar, de forma explícita ou até implícita, alguns valores sociais.

Outros autores também pesquisaram sobre RS a partir de imagens, como Bamford (2009), Ferreira (2012), Medina Filho (2013), De Rosa (2005) e Silva (2011; 2015). Eles enfatizam a forma como as imagens devem ser lidas, ou seja, é preciso desenvolver uma forma dinâmica de observar, analisar e interpretar o conteúdo visual das imagens. Isso se atribui também a este estudo, pois exige que desenvolvamos uma leitura crítica das imagens, as quais, possivelmente, carregam valores e conceitos.

Poderíamos, então, dizer que deveremos dar mais atenção aos detalhes que as imagens nos informam, como quais os tipos de deficiência mais aparecem, em que faixa etária são mais frequentes e em que contextos as PcD estão inseridas. Afinal, um dos objetivos desta pesquisa é refletir sobre o que essas imagens comunicam a respeito dos conhecimentos de senso comum sobre as PcD e suas deficiências.

3.1.2 Imagens de corpo: seu valor simbólico e expressivo

Há autores que desenvolvem pesquisas relacionadas às imagens corporais, os quais, de certa forma, acabam por adentrar no tema das representações de PcD. Nesta corrente do estudo do corpo, contamos com os estudos de vários autores que nos auxiliam a compreender a forma pela qual as imagens de PcD estão sendo expressas nos livros didáticos. Alguns deles discorrem sobre a forma como o corpo tem sido percebido e representado ao longo da história, como Stiker (2009), Courtine (2011, 2012), Corbin; Courtine; Vigarello (2009) e Eco (2015).

Segundo Courtine (2012), por volta dos séculos XVI a XVII, a imagem do corpo era vista como o espelho da alma bonita, e a fisionomia das pessoas era compreendida como uma explicação ou revelação da alma humana. Nessa época, os corpos eram valorizados dentro de algumas normas de beleza, em que o belo se relacionava com as pessoas boas, e os ditos “feios” eram associados como alguém com a alma má. Para o autor Stiker (2009), os corpos com alguma deficiência ganhavam um caráter de enfermidade e deformação ou eram caracterizados como um corpo que necessitava de reparos. Também Courtine (2011) lembra que o termo “anormal” foi muito utilizado em meados do século XIX para referir-se às PcD. A partir desses dois autores, percebemos a importância de atribuímos uma atenção especial ao corpo e à fisionomia das PcD que aparecem nas imagens dos livros didáticos, pois as maneiras dos corpos serem retratados, tanto individualmente como em grupo, podem nos dizer algo sobre como eles são vistos pela sociedade. Assim, dentre as categorias de análise que elencamos neste estudo, estão as categorias de ambientes em que as PcD se encontram, o modo como elas interagem com as outras pessoas (se aparecem em grupos ou sozinhas) e também os tipos de atividades que exercem. Tais categorias se justificam, pois, de certa forma, podem comunicar as opiniões de senso comum sobre as condições físicas e mentais que essas pessoas têm. Outros autores, como Dittman (1987) e Goffmann (1990), destacam o corpo como um agrupamento de códigos que servem como uma forma de comunicação entre as pessoas. O corpo torna-se uma ferramenta para expressar valores e sentimentos, através das expressões corporais. Goffmann (1990) atribui à expressão corporal uma das formas das pessoas expressarem seus sentimentos e revelarem traços da sua identidade, expressando pelo corpo características de quem eles são. Dittmann (1987) atribui à expressão facial um dos principais indicativos de sentimentos. A presença do sorriso ou a expressão de aborrecido podem refletir o que as pessoas sentem. Com base nesses trabalhos, a expressão corporal e a facial são utilizadas como elementos de análises das imagens, pois, segundo Dittmann (1987) e Goffmann (1990), as pessoas não só as utilizam

para expressar-se e apresentar-se em público, como também para indicar índices de classificação e de interpretação das identidades das pessoas.

3.1.3 Imagem de corpo e influência cultural

A maneira das pessoas em geral pensarem sobre as PcD pode sofrer influências culturais, dependendo inclusive do momento histórico em que a humanidade se encontra. Autores como Corbin, Courtine e Vigarello (2009) pesquisaram sobre a história dos corpos e sobre a forma como as PcD eram representadas. Se no passado as imagens de PcD mostravam pessoas doentes ou incapazes, na atualidade transmitem significados de igualdade/desigualdade, de coação/liberdade e de ter ou não acesso aos cuidados que o corpo necessita (CORBIN; COURTINE; VIGARELLO, 2009).

Outros autores como Le Breton (2007) e Mauss (2003) também deram ao corpo um olhar cultural. Nesse sentido, Le Breton (2007 p. 92) afirma que “o corpo é a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura”. Mauss (2003) mostra como o corpo age através de técnicas que são construídas socialmente. Para ele, não existe um jeito certo de executar uma ação, mas sim muitas maneiras de fazer algo. A partir do que Mauss (2003) denominou de “técnicas do corpo”, a maneira que os seres humanos utilizam seus corpos para desenvolver tarefas da vida cotidiana, podemos subentender que as expressões do corpo podem refletir, de forma simbólica, os costumes e as atitudes dos seres humanos. Então, nesta pesquisa optamos por analisar também algumas categorias que poderiam nos ajudar a interpretar as imagens de corpo das PcD e o que elas nos diriam. É importante salientar que, para Mauss (2003), os comportamentos corporais, identificados por ele como “técnicas do corpo”, são criados culturalmente, implicando compreender que é através da convivência em sociedade que o corpo se educa. E essa educação corporal transmite-se culturalmente, quando as gerações mais novas vão se educando corporalmente através do espelhamento das atitudes dos mais velhos.

Quando nos referimos à palavra cultura, subentende-se que as opiniões e representações sobre um determinado conceito social são passadas de geração em geração. E, investigando sobre a maneira como os corpos das PcD têm sido representados ao longo da história, nos deparamos com algumas representações que divergem entre si, como conceitos de beleza e feiura, saúde e doença. Um detalhe que nos chamou a atenção durante as leituras foi a maneira como o conceito de beleza esteve presente em vários momentos em que o corpo era retratado ao longo da história. Eco (2015), na sua obra “a história da beleza”, utiliza imagens de obras de

arte para reconstruir um pouco as ideias de beleza, desde a Grécia Antiga até os dias atuais. Nesse percurso, o autor explora inclusive os conceitos de belo e feio, percebendo nas obras de arte a separação entre essas ideias. Enquanto o belo era relacionado aos padrões comparados à beleza expressas nas estátuas do artista Policleto, a mitologia grega, em figuras monstruosas e estranhas, sinalizava a ideia de feio.

Outros conceitos como saúde e doença também puderam ser percebidos durante as leituras sobre as representações de corpo das PcD. Observamos que tanto os conceitos de beleza como os de saúde continuam a perpetuar-se e, possivelmente, podem ser atribuídos à perpetuação de ideias entre as gerações. Isso nos leva ao pensamento de que a cultura pode influenciar nos modos de representar o corpo de uma forma geral. Exemplificamos com Stiker (2009) e Corbin, Courtine e Vigarello (2009), os quais relatam que no passado as PcD eram compreendidas como incapazes, devido as suas condições físicas ou psicológicas. Percebemos que essas representações dos sujeitos com alguma deficiência poderiam estar ocorrendo também nos livros didáticos acessados pelos jovens estudantes. Esse artefato pedagógico poderia nos dar indícios de que a influência cultural estaria perpetuando representações a respeito das PcD.

3.1.4 Imagens e construção das identidades

Dentre as várias representações que as imagens podem refletir, as características identitárias das PcD também podem estar sendo representadas. Ferreira (2012) atenta para essa questão importante. Para ela, as imagens podem indicar características identitárias dos personagens e podem ter o papel de divulgar essa identidade ao público leitor. Para exemplificar, ela cita as roupas que os personagens usam, as cores que vestem, como o rosto dos personagens aparece e até o tipo de atividades que eles aparecem fazendo. Segundo Ferreira (2012), tais aspectos podem comunicar sobre a identidade que se quer mostrar desses sujeitos. Esses exemplos nos remetem a esta pesquisa, que busca nas imagens indícios identitários dos sujeitos com alguma deficiência. Nesse caso, observamos o que as imagens nos dizem sobre as atividades que as PcD desenvolvem, pois esse é um aspecto considerado relevante para comunicar o que se pensa sobre a identidade desses sujeitos, seu papel na sociedade, seu nível de autonomia.

O gênero é outro elemento identitário. A partir das leituras em Scott (1995), Meyer (2010) e Beauvoir (2009), percebemos que as características femininas ou masculinas não são naturais, mas sim elaboradas e incorporadas pela cultura. Para Scott (1995), as identidades

masculinas ou femininas são construídas a partir de conceitos elaborados historicamente e que determinam os modos de cada gênero comportar-se. Nesse sentido, compreendendo a importância que a sociedade atribui às diferenças de gênero, elencamos como uma das categorias de investigação as categorias de gênero. Tal investigação torna-se relevante quando concordamos com Scott (1995) sobre a construção histórica das atribuições que são conferidas a cada um dos gêneros, o que, conseqüentemente, acaba por determinar a forma como ocorre a organização da vida social. Beauvoir (2009) traz um exemplo dessa organização, fazendo referência ao gênero feminino e à maternidade. Embora a perpetuação da espécie seja algo natural e não cultural, essa característica feminina pode influenciar nas outras atividades que a mulher venha a desempenhar na sociedade. E assim será com as mulheres com deficiência. Meyer (2010) também salienta a necessidade que as pessoas têm de, desde muito novas, aprenderem quais são as suas posições sociais. É desde a infância que os indivíduos são direcionados para se enquadrarem em um dos gêneros, masculino ou feminino, e a assumirem determinados papéis na sociedade em função do seu gênero. Esse enquadramento inclui as funções que são destinadas a cada gênero e tais funções são orientadas pelos mais velhos, caracterizando, assim, uma construção cultural. Possivelmente, veremos os modos como as imagens de PcD diferem em função do gênero representado.

Os autores mencionados abarcam este referencial teórico e nos embasam nas reflexões sobre o uso de imagens para investigar representações. Além disso, colaboram em possíveis inferências a respeito da relevância de articular o tema das RS através do uso de imagens como objeto de pesquisa. As categorias de análise que emergiram desses estudos serão apresentadas com mais detalhes no próximo capítulo, que trata da metodologia.

4 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

4.1 OBJETIVOS, QUESTÕES DE PESQUISA E HIPÓTESES

Esta pesquisa objetiva analisar de que maneira as representações de pessoas com deficiência estão sendo veiculadas em alguns livros didáticos do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), do sexto ao nono ano do ensino fundamental. Parte do pressuposto que o livro didático difunde e propaga, através de suas ilustrações, conhecimentos de senso comum sobre a deficiência e sobre as pessoas com deficiência. A investigação pretende identificar os elementos corporais e os equipamentos que as pessoas com deficiência utilizam e que estão representadas nas ilustrações como indicativos de quem elas são. E, do mesmo modo, identificar os espaços nos quais essas pessoas são representadas, as maneiras de interagir com outras pessoas e as atividades que exercem nas ilustrações como característicos de quem elas são, do seu papel na sociedade e do seu grau de autonomia. Além disso, objetiva refletir sobre o que esses elementos revelam a respeito do que se pensa acerca da deficiência e da pessoa com deficiência. Em um segundo momento, o estudo analisa os textos que acompanham as imagens, identificando o que eles dizem sobre a deficiência e sobre a pessoa com deficiência. Não deixa de ser um estudo também sobre métodos de análise das imagens em representações sociais. Portanto, dentro destes objetivos específicos alguns ressaltam a maneira pela qual as imagens deverão ser analisadas, com o intuito de identificar possíveis representações sociais de PcD.

Os objetivos específicos estão descritos de forma mais detalhada na sequência:

- 1) Observar como são representadas as PcD nos materiais didáticos distribuídos às escolas públicas;
- 2) Identificar os elementos que compõem as imagens de PcD;
- 3) Observar em quais componentes curriculares elas aparecem;
- 4) Observar a distribuição dessas imagens em diferentes séries escolares;
- 5) Classificar esses elementos em categorias e observar o que podem estar significando;
- 6) Observar as possíveis correlações entre categorias;
- 7) Refletir sobre o que essas imagens podem estar comunicando sobre os conhecimentos de senso comum acerca desses sujeitos e sobre a deficiência;
- 8) Destacar qual os modos de comunicação de representações de deficiência são mais utilizados pelos livros didáticos.

Partimos de três hipóteses: a primeira é que apareceriam poucas imagens de PcD nos livros didáticos, o que corresponde com a pouca visibilidade das PcD nas sociedades; a segunda

hipótese é que as imagens poderiam propagar representações negativas e preconceituosas sobre os deficientes, ressaltando as limitações das PcD e generalizando essas limitações; e como terceira hipótese, as PcD seriam representadas de forma estereotipada, como pessoas com autonomia, integradas na sociedade, felizes e executando atividades muito similares às das outras pessoas.

Os procedimentos metodológicos que serão descritos em detalhe neste capítulo pretendem mostrar como serão identificados os elementos imagéticos que podem estar traduzindo as representações de pessoas com deficiência, como foram classificados em categorias e como foram observadas as suas frequências. Para identificar os elementos que compõem as imagens de PcD veiculadas pelos livros didáticos, é necessário, em primeiro lugar, construir o objeto de pesquisa e definir muito bem o *corpus* de análise. Então, apresenta-se neste capítulo a fundamentação metodológica a ser utilizada.

4.2 POR QUE O LIVRO DIDÁTICO?

O ambiente escolar é onde as crianças e os jovens têm oportunidade de expor suas ideias, seus pensamentos e suas opiniões. É onde, possivelmente, ocorrem os primeiros conflitos sociais, um fato que faz parte da formação e da construção desses sujeitos. Assim, entendendo a escola como um ambiente de formação de representações identitárias, torna-se um ambiente propício para discutir e debater temas sociais (DUVEEN, 1993). Além disso, é na escola que ocorrem as primeiras práticas sociais. Então, acreditamos que, ao investigar os materiais didáticos, analisamos um meio de comunicação muito rico em representações que está à disposição das crianças e que afeta a maneira como elas debatem temas sociais e constroem suas próprias representações.

4.3 POR QUE ANALISAR IMAGENS E TEXTOS?

Para a construção desta metodologia, encontramos apoio nos estudos de Bardin (1977), Schulze e Camargo (2000), De Rosa (2005) e Bauer e Gaskel (2015). Para Schulze e Camargo (2000), a utilização de uma metodologia diversificada, com imagens e textos, pode resultar num enriquecimento dos resultados das pesquisas. De Rosa (2005) também sugere que o uso de imagens pode ser utilizado em pesquisas da psicologia social, pois elas podem ser utilizadas como uma forma simbólica de representar algum objeto social. Bauer e Gaskel (2015) também apontam que as imagens, além de textos, são importante fonte de dados.

Então, a partir desses autores, compreendemos que a adoção de uma metodologia diversificada, com imagens e textos, seria uma forma ideal para investigarmos as representações de PcD nos livros didáticos, pois os textos ajudam a interpretar as imagens. Possivelmente, esta metodologia nos dará subsídios para refletirmos sobre as representações que simbolicamente estarão contidas nas fotografias e nos desenhos que compõem os livros didáticos. A imagem transmite conhecimentos sobre diferentes fenômenos sociais. Ela transmite esses conhecimentos de uma maneira diferente das palavras. Por meio da imagem, uma variedade de características de um objeto é comunicada instantaneamente.

4.4 O *CORPUS* DE ANÁLISE

Os livros selecionados para compor esse *corpus* são os utilizados pelos professores e estudantes do ensino fundamental, dos anos finais do 6º ao 9º ano. Eles foram analisados e escolhidos pelos professores no ano de 2016 e serão utilizados pelos estudantes de toda rede pública de ensino do Brasil em 3 (três) anos letivos (2017-2019). O critério de seleção dos materiais foi o fato de que esta é uma série de livros didáticos bastante atual, o que vem ao encontro do nosso objetivo, que é compreender como as imagens de PcD estão sendo veiculadas na atualidade, para um público infante-juvenil. Daí a importância de ter sido selecionada para esta análise as imagens de PcD contidas nos livros didáticos que fazem parte do PNL D.

Os livros selecionados são os dos componentes curriculares de matemática, português, história e ciências naturais, pois neles se encontram o maior número de imagens de PcD. Isso foi observado após uma análise flutuante dos livros produzidos por quatro editoras escolhidas aleatoriamente dentre as várias disponíveis no programa. Ressaltamos que as editoras serão identificadas somente como editora A, editora B, editora C e editora D.

Os anos escolares (do sexto ao nono ano) foram selecionados por serem os que estavam passando por um processo de seleção de livros didáticos para o triênio de 2017 a 2019. Já a escolha dessa faixa-etária, via série escolar, se deu por corresponder a uma fase da vida dos sujeitos que possibilita uma certa compreensão da problemática das pessoas com deficiência, sua inclusão ou não na sociedade. Além disso, é neste período da vida que as pessoas começam a definir as suas identidades. Então, possivelmente, as imagens que estão sendo acessadas por crianças e adolescentes poderiam influenciar nas suas maneiras de pensar sobre as PcD.

Em relação à geração dos dados, consideramos as imagens como importantes documentos, ou seja, registram saberes sobre um determinado fenômeno e registram os acontecimentos. As imagens tornam-se uma fonte geradora de informações em pesquisas

sociais. Entretanto, é importante delimitar e definir muito bem quais imagens serão analisadas e por quais veículos de comunicação. No caso desta pesquisa, selecionamos imagens que mostram PcD e os textos que as acompanham.

4.5 O PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo trata de uma análise documental, qualitativa, que procura identificar e analisar as imagens de pessoas com deficiência presentes nos livros didáticos. Em um primeiro momento, as imagens foram identificadas, selecionadas e catalogadas, buscando identificar os elementos que as caracterizam, qualificam, definem e diferenciam das imagens das outras pessoas. Depois, elas foram classificadas segundo o tipo de deficiência que apresentavam e observadas as suas frequências. Em um terceiro momento, o estudo procurou classificar essas imagens conforme o gênero e a faixa etária dos personagens. Outros elementos que compõem as imagens foram sendo também observados, como os equipamentos de acessibilidade que as PcD utilizam e os ambientes nos quais os personagens se encontram. Também foram analisados a expressão facial e a Interação social das PcD. Após, foram identificadas as atividades em que as PcD estavam envolvidas. Por fim, os tipos de imagens utilizadas pelos livros (fotografias ou desenhos).

Tivemos a intenção de classificar os elementos corporais mais importantes em categorias, ou seja, elementos que estavam presentes nas imagens impressas e que apareceram com muita frequência. As imagens foram agrupadas em categorias: “tipos de deficiências”, “gênero”, “faixa etária”, “equipamentos de acessibilidade”, “ambientes”, “expressões faciais”, “interações sociais”, “atividades que desempenhavam” e “tipos de imagens”.

Ao caracterizarmos o tipo de deficiência, analisamos as que surgiram com maior frequência. Ao identificarmos os aparelhos que surgem nas imagens, foi possível perceber o que era transmitido sobre as tecnologias e sobre as engenharias ligadas ao corpo. Ao identificarmos os cenários e os ambientes mais comuns nas ilustrações, foi possível refletirmos sobre a questão da visibilidade dos sujeitos com deficiência, pois eles estariam sendo representados em espaços considerados abertos, públicos e mais favoráveis às interações humanas, ou em espaços fechados que permitem menos exposição a outros grupos sociais. Da mesma forma, a identificação das atividades em que esses indivíduos aparecem envolvidos indicaria o que se pensa sobre a deficiência e sobre a autonomia das PcD. As atividades em que as personagens das imagens estavam envolvidas também podem representar o que se acredita ser as capacidades individuais desses sujeitos e os julgamentos que são feitos sobre as suas

habilidades e capacidades de trabalho e de lazer. Ao considerarmos as imagens em que as pessoas com deficiência aparecem em grupos ou sozinhas, podemos inferir sobre o que se pensa sobre a vida social da PcD. A expressão facial também é um importante índice de representação, pois expressa as atitudes, predisposições, emoções e sentimentos associados às pessoas (GOFFMAN, 1990). Como o sorriso se constitui em uma estratégia de apresentação social, pode ser usado nas imagens como informativo de quem são os personagens e os protagonistas das ilustrações. Por fim, é possível observar em quais conteúdos didáticos as imagens das PcD estão sendo veiculadas, e essa análise pode trazer à tona assuntos mais pertinentes a esses sujeitos ou que estão mais facilmente associados a eles, assim como em quais áreas do conhecimento elas estariam sendo mais ou menos relacionadas.

Em uma última análise, vamos identificar os textos que acompanham as imagens, verificar se eles explicam as imagens ou se estão se referindo a outros temas e assuntos. Os textos que forem identificados como explicando as imagens serão tratados de acordo com a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) e por meio do *software* IRAMUTEQ. O *software* IRAMUTEQ (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), desenvolvido por Pierre Ratinaud (2009), possibilita análises estatísticas sobre *corpus* textuais e gera, dentre várias outras análises, a de similitude, que aponta para a conexão entre os elementos das representações. Por meio da distinção das palavras que são mais frequentes e as que são mais específicas, e da conexão entre elas, esse *software* identifica a estrutura do *corpus* textual em um formato de árvore. Primeiramente, observamos se os textos faziam ou não referência às imagens. Selecionados os textos que tinham a ver com as ilustrações, eles compuseram um *corpus* textual. Esse *corpus* reúne, em um único arquivo, todos os textos que acompanhavam as imagens e que tinham algo a ver com elas. Não foram consideradas nessa análise as legendas das imagens. Esse foi o *corpus* analisado pelo IRAMUTEQ.

4.6 A ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados em três etapas. Na primeira, foram observadas as características gerais das imagens e dos corpos das PcD e levantados os elementos que emergiram como maior frequência. Então, criamos algumas categorias, como a de gênero, idade, tipo de deficiência, por exemplo. Posteriormente, os elementos que pertencem a cada uma dessas categorias foram sendo identificados nas imagens e agrupados. Na segunda etapa, duas categorias são relacionadas, como gênero e faixa etária, gênero e deficiência física, tipos

de imagens e gênero. Na terceira etapa, foram analisados e interpretados os textos que acompanhavam as imagens, a partir da análise de conteúdo sugerida por Bardin (1977) e Bauer e Gaskel (2015). Selecionamos as palavras e expressões mais frequentes, classificamos essas palavras em categorias e analisamos o que elas significavam. Os dados foram tratados também pelo *software* IRAMUTEQ. Nesta etapa, foram selecionados apenas os textos que tinham relação com as imagens de PcD.

Bardin (1977) orienta como proceder na análise de imagens e textos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na pré-análise ocorre a escolha dos documentos a serem pesquisados, quando são formuladas as hipóteses e os objetivos da pesquisa. Durante a exploração do material faz-se um agrupamento do material em categorias. Já no tratamento dos resultados ocorrem as operações estatísticas, inferências e interpretações das categorias que surgirem. É a partir de uma análise quantitativa da amostra de imagens e textos que então se parte para uma análise qualitativa, chegando-se às categorias da análise. Para Bardin (1977), as categorias são o resultado de uma operação de classificação por diferenciação e agrupamento, previamente definidos a partir dos objetivos da pesquisa.

É importante analisar os textos que acompanham as imagens, pois, para Bauer e Gaskel (2015), eles podem auxiliar na interpretação das categorias que surgem. Então, esperamos que, a partir dos textos, possamos perceber se há a propagação de algumas representações sobre as PcD, se as mensagens são antagônicas ou se correspondem às imagens. Elas mostram conflitos ou reforçam as representações?

Para a escolha dos textos a serem analisados, utilizamos como critério de inclusão somente os que tinham alguma afinidade com a imagem que acompanhavam. Como critério de exclusão, todas as legendas e todos os textos que não faziam referência às imagens foram desconsiderados. Optamos por excluir as legendas, uma vez que elas já traziam comentários relativos às imagens, muitas vezes apenas nomeando-as. Isso nos oportunizou analisar um material mais rico em informações e que poderia ampliar nossas análises. É importante dizer que na escolha dos textos foram desconsiderados os que se repetiam, assim como não foram contabilizadas as imagens repetidas. Num segundo momento, catalogamos e transcrevemos os textos selecionados. Em seguida, através de uma leitura detalhada, realizamos as categorizações ou agrupamentos das palavras que atribuíam algum juízo de valor às pessoas com deficiência ou a algum assunto relacionado a elas. As palavras e expressões que davam nomes às PcD e caracterizavam as suas deficiências também foram considerados nessa análise.

Nossa intenção, com a análise dos textos, foi verificar se as imagens serviam somente como ilustrações, sem terem o objetivo de propiciar uma reflexão sobre a problemática da

deficiência e da pessoa com deficiência na sociedade. Essa reflexão seria provocada e reforçada pelo texto que contextualizaria a imagem.

4.7 OS LIVROS DIDÁTICOS

Logo abaixo, o diagrama 1 apresenta de forma ilustrativa o material didático que foi utilizado como *corpus* desta pesquisa. Destacamos que das 12 editoras que forneceram os livros para as escolas, apenas quatro foram selecionadas para essa pesquisa: A, B, C, D. Tais editoras foram selecionadas após uma observação flutuante dos livros que indicou que elas eram as que continham o maior número de imagens de PcD. De cada editora foram escolhidos 16 (dezesesseis) livros, sendo (1) um para cada ano (do sexto ao nono ano), nas quatro disciplinas: matemática, português, história e ciências. Isso totalizou (64) sessenta e quatro livros didáticos.

Ilustração 1: Diagrama representativo do material de análise



Fonte: Elaborado pela autora.

4.8 AS CATEGORIAS

Os próximos passos da pesquisa foram no sentido de analisar cada imagem de acordo com um processo de identificação de elementos que informam quem as PcD são, o que fazem, onde estão e com quem interagem. Esses elementos são índices de significação, que vão conduzir os agrupamentos e as classificações. Na primeira etapa de análise foram identificados os elementos presentes no material catalogado. Essa fase é denominada por Penn (2015) como um estágio denotativo, ou seja, quando são levantados os elementos que compõem e caracterizam as imagens de PcD. Os elementos que surgiram com maior frequência foram os seguintes: tipos de deficiência, gêneros, faixa etária, equipamentos de acessibilidade,

ambientes, expressão facial, interação social e tipos de imagens e atividades que exercem. Cada um desses elementos ajudou a formar uma categoria e as sub-categorias de análises:

1. Categoria Tipo de Deficiência: subcategorias (auditiva, visual, deficiência física, deficiência múltipla, nanismo e Síndrome de Down);
2. Categoria de Gênero: subcategorias (masculino e feminino);
3. Categoria de Faixa Etária: subcategorias (criança, jovem, adulto e idoso);
4. Categoria Equipamentos de acessibilidade: subcategorias (prótese para pernas, muleta, bengala, óculos escuros, tampão de olho e prótese auditiva);
5. Categoria Ambiente: subcategorias (interno, externo, indefinido);
6. Categoria Expressão Facial: subcategorias (sorriso, sério, neutro, não aparente);
7. Categoria Interação Social: subcategorias (sozinho, em dupla, em grupo);
8. Categoria Atividades que desempenham: subcategorias (trabalho, estudo, lazer/esporte, campanha/desfile);
9. Categoria Tipos de Imagens: subcategorias (fotografias, desenhos);

Uma mesma imagem poderia ter diversos elementos classificados em diferentes categorias e subcategorias. Mas todas as categorias eram excludentes. Ou seja, os elementos só poderiam ser contados em uma única subcategoria. Elaboramos tabelas e gráficos que mostram o total e as porcentagens de elementos em cada uma dessas categorias e sub-categorias.

Em seguida, relacionamos as categorias que foram as mais salientes, como deficiência física e ambiente, gênero e tipos de imagens (fotografias ou desenhos). Em seguida, refletimos sobre o que esses dados poderiam estar significando e que mensagens essas imagens poderiam propagar sobre as PcD. Portanto, as imagens foram analisadas individualmente e classificadas em categorias. Em um segundo momento, promovemos uma análise comparativa de diferentes variáveis e categorias. Para chegarmos às categorizações elencadas, consideramos alguns aspectos que definiram essas categorizações.

Para a categoria tipo de deficiência, observamos, nas imagens, indícios que definiam cada tipo de deficiência. Ou consideramos os textos que acompanhavam as imagens, os quais explicavam sobre as deficiências que o sujeito apresentava. Para definirmos a categoria da deficiência auditiva, observamos quais as PcD apareciam usando próteses auditivas. Na categorização da deficiência visual, selecionamos as imagens de PcD que utilizavam bengalas, óculos escuros ou tampão de olho. Para caracterizarmos a deficiência física, consideramos as imagens de PcD que faziam uso de cadeiras de rodas, de próteses nas pernas e de muletas. Na categorização da deficiência múltipla, selecionamos as imagens de PcD que tinham dois ou mais tipos de deficiência, como um soldado que utilizava muletas e um tampão de olho. Para

caracterizarmos o nanismo, consideramos as pessoas que apareciam com uma estatura bem abaixo das outras pessoas do grupo, com os segmentos corporais, braços e pernas bem reduzidos em relação ao seu tronco. Por fim, a Síndrome de Down foi categorizada através de algumas características físicas aparentes, como os olhos estilo oriental, baixa estatura, pescoço curto e cabeça um pouco proeminente para frente.

Para a categoria gênero, observamos as características físicas que identificavam homens ou mulheres, assim como as vestimentas e os gestos. Todos esses elementos são indicativos de categorizações de gênero como afirma Beauvoir (2009), Scott (1995), Meyer (2010) e Eco (2015).

Em relação à categoria faixa etária, observamos as características físicas que identificavam se a imagem de PcD tratava-se de uma imagem de uma criança, de um jovem, de um adulto ou de um idoso.

Na categoria equipamento, buscamos imagens de PcD que utilizavam algum material ou acessório que pudesse facilitar a sua acessibilidade e locomoção.

Para a categoria ambiente, observamos o cenário ou local onde as PcD apareciam ou as atividades que desempenhavam: interno, externo, indefinido. Por exemplo, uma imagem na sala de aula, foi classificada na subcategoria ambiente interno. Um PcD na praia, foi classificado na subcategoria ambiente externo. Uma imagem de um para-atleta recebendo uma medalha sem indicação do local, foi classificado na subcategoria ambiente indefinido. Em relação aos ambientes, Knapp e Hall (1999) dizem que eles podem influenciar indiretamente na forma como as pessoas se comportam e que regulam a interação social. Logo, essa pode vir a ser uma categoria de análise interessante, pois informaria sobre como as PcD são vistas enquanto atores sociais. Da mesma forma, Foucault (2014) adverte sobre as formas pelas quais são utilizados os ambientes. Eles podem revelar relações de poder e refletir as identidades profissionais. Assim, essa categoria poderia revelar as representações sobre tipos de relação social dos PcD que circulam nos livros didáticos. A categoria ambiente foi inspirada nos estudos de Hall (1997) e Le Breton (2007), pois eles enfatizam que os ambientes podem nos dar indícios sobre representações de identidade dos sujeitos, de quem eles são e a forma pela qual são representados.

A categoria expressão facial foi definida por considerarmos que ela pode demonstrar várias sensações e emoções. Para Dittmann (1987), Mauss (2003), Goffman (1990) e Silva (2011, 2015), a face está entre as partes do corpo que melhor comunicam as emoções. As imagens podem ser analisadas segundo o tipo de expressão facial que elas possuem, pois a expressão sugere estados emocionais. Esses estados podem ser interpretados pelos leitores, que

têm como referência as suas normas sociais de conduta e de apresentação em público. Também Ferreira (2012) comenta que a não representação do rosto pode indicar a invisibilidade das pessoas representadas. Portanto, estar sorrindo ou não poderia tornar-se um elemento de análise das ilustrações e informar sobre representações de PcD no que se refere às suas emoções e sentimentos.

Já na categoria interação social, as imagens são analisadas conforme elas aparecem acompanhadas ou não por outras pessoas. Estar acompanhado poderia indicar formas de interação social, de integração em um grupo e de inclusão. Possivelmente, ilustrações que informam sobre os grupos de pertença permitem interpretar quem os personagens das ilustrações são, o que fazem e qual seu grau de autonomia (LE BRETON, 2007).

A categoria atividade surgiu da necessidade de observarmos e analisarmos ilustrações que mostram a função das PcD nas comunidades, suas atividades, seu trabalho e sua inserção social. Durante as observações percebemos que os personagens de PcD eram retratados executando algumas atividades, como estudar, trabalhar, brincar ou até competir em esportes adaptados. Percebemos então que as atividades poderiam informar sobre as capacidades das PcD e da sua função na sociedade.

Por fim, percebemos que havia dois tipos de imagens nos livros didáticos: desenhos e fotografias. O tipo de imagem poderia revelar maneiras de propagar representações e revelar os tipos de documentos disponíveis e utilizados pelas editoras. As fotografias são consideradas como documentos e expressam acontecimentos reais, que fazem parte da memória social (De ROSA, 2005). Portanto, elas indicariam como a sociedade viu e vê os sujeitos fotografados (HALL, 2006). Poucas fotografias poderiam indicar poucos documentos que registram a vida das PcD. Muitos desenhos, por outro lado, poderiam indicar a ausência de registros em forma de documentos, e isso teria uma relação com a invisibilidade das PcD.

As tabelas 2 e 3 mostram exemplos de imagens sendo classificadas de acordo com os elementos ou categorias expostos até agora.

Tabela 2: Exemplos de categorização de imagens de PcD auditiva, visual e física, conforme o gênero, faixa etária, equipamentos de acessibilidade, ambiente, expressão facial, interação social, expressão facial, atividade que desempenha e por componente curricular

Imagens Categorias	1	2	3
			
Tipo de deficiência	Auditiva	Visual	Física
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino
Faixa etária	Criança	Criança	Jovem
Equipamentos	Prótese auditiva	Bengala e óculos	Prótese na perna
Ambiente	Interno	Externo	Externo
Expressão facial	Não aparente	Sorrindo	Séria
Interação social	Em grupo	Sozinha	Sozinha
Atividade	Estudando	Lazer/esporte	lazer/ Esporte
Comp. curricular	Ciências	Português	História

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Tabela 3: Exemplos de categorização de imagens de PcD múltipla, nanismo e síndrome de Down, conforme o gênero, faixa etária, equipamentos de acessibilidade, ambiente, expressão facial, interação social, atividade que desempenha e por componente curricular

Imagens Categorias	1	2	3
			
Tipo de deficiência	Múltipla	Nanismo	Síndrome de Down
Gênero	Masculino	Masculino	Masculino
Faixa etária	Adulto	Idoso	Jovem
Equipamentos	Nenhum	Nenhum	Nenhum
Ambiente	Interno	Externo	Interno
Expressão facial	Sorrindo	Sorrindo	Sério
Interação social	Sozinho	Em grupo	Em grupo
Atividade	Trabalho	Lazer/esporte	Trabalho
Comp. curricular	Ciências	Matemática	Ciências

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

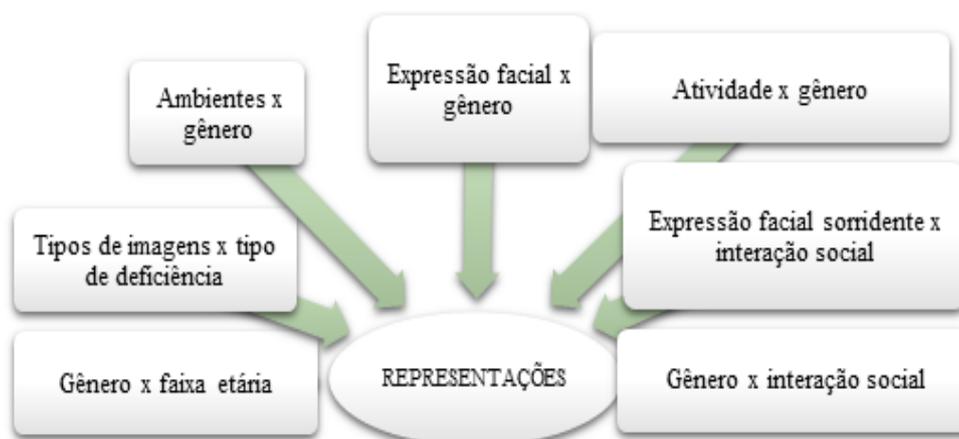
4.9 CRUZAMENTO DE CATEGORIAS

Desta primeira etapa de categorização surgiram outros questionamentos. As novas questões têm a ver com comparações e correlações entre categorias:

- a) Existe alguma correlação entre gênero e faixa etária? Existe alguma relação entre imagens de homens e de mulheres com deficiência e faixa etária?
- b) As categorias de gênero estão associadas às imagens de PcD com deficiência física? As mulheres estão mais associadas às representações da deficiência física? Ou os homens se mostram mais associados à deficiência física?
- c) Há alguma relação entre gênero e ambiente? Há alguma relação entre gênero feminino e ambiente externo? Há alguma relação entre gênero masculino e o ambiente interno?
- d) Existe alguma relação entre expressão facial e gênero? Existe alguma relação entre mulheres e expressão facial sorridente? Existe alguma relação entre homens e expressão facial séria?
- e) As imagens das PcD estão associadas a determinadas atividades? As imagens de mulheres com deficiência estão associadas à determinada atividade?
- f) A expressão facial está associada ao tipo de interação social das PcD? Existe alguma correlação entre imagem desacompanhada e estar triste, por exemplo?
- g) A categoria de gênero está associada à imagem de interação social? As imagens de mulheres com deficiências estão associadas a estar acompanhada? Existe alguma relação entre imagem de homens com deficiência e tipos de interação social?
- h) Os tipos de imagens, fotografias ou desenhos apresentam alguma correlação com a categoria tipo de deficiência?

A Ilustração 2 mostra os cruzamentos das variáveis.

Ilustração 2: Diagrama representativo dos cruzamentos das variáveis



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados.

4.10 A ANÁLISE DOS TEXTOS QUE ACOMPANHAM AS IMAGENS

Em uma terceira etapa do estudo, observamos os textos que acompanham as imagens. Levantamos as seguintes questões: todas as imagens estão acompanhadas de legendas? Todas estão acompanhadas de textos? O que esses textos dizem sobre as PcD? Que palavras foram utilizadas para caracterizar as PcD? Que sentido e significado elas possuem? Com que frequência elas foram utilizadas? Que palavras estão mais associadas entre si? Quais são mais frequentes e quais são mais específicas?

Para responder a essas questões, selecionamos as imagens que vinham acompanhadas de textos ou legendas. Computamos quantos textos faziam referência às PcD e quantos não faziam. Logo em seguida, para desenvolver uma análise de conteúdo, selecionamos apenas os textos que continham palavras ou expressões relacionadas com as PcD. O objetivo foi investigar se os textos auxiliavam as imagens na comunicação de informações sobre a vida das PcD e sobre a deficiência, e como eles faziam isso. Na sequência, a Tabela 4 apresenta exemplos de textos que acompanham as respectivas imagens, a identificação de itens de significação e a classificação dos textos como fazendo ou não referência à imagem.

Tabela 4: Exemplos de imagens e os textos que as acompanham, seleção de palavras e itens de significação (palavras selecionadas como importantes) e classificação dos textos como fazendo ou não referência à imagem.

Imagem	Texto que a acompanha	Referência
	Daniel Dias conquista medalha de ouro na natação nos jogos paralímpicos de Londres em 2012. Ele nasceu com má formação nos membros superiores e perna direita. Foi também considerado o melhor atleta paralímpico de 2008, após conquistar nove medalhas nos jogos de Beijing, na China.	Com referência
	Os avanços recentes feitos pela Astronomia e Astronáutica contribuem de alguma forma para a vida da população? Por quê?	Sem referência
	Para resolver: Num projeto da parte elétrica de um edifício residencial a ser construído, consta que tomadas deverão ser colocadas a 0,20m acima do piso, enquanto os interruptores de luz deverão ser colocados a 1,47m acima do piso. Um cadeirante , potencial comprador de um apartamento desse edifício, ao ver tais medidas, alerta para o fato de que elas não contemplarão suas necessidades . Elabore uma proposta substitutiva, relativa às alturas de tomadas e interruptores, respectivamente, que atenderá aquele potencial comprador.	Com referência
	Releia a história em quadrinhos acima e, no caderno, reescreva as falas das quais foram apagadas algumas palavras. Para isso, escolha do quadro a seguir as palavras que podem completar os sentidos dos balões, ao serem usadas no lugar dos espaços vazios.	Sem referência

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados.

Continuação da Tabela 4

	Crianças em atividade escolar, uma delas com síndrome de Down . A inclusão escolar da criança com deficiência , assegurada em lei , é uma das manifestações do respeito da sociedade às diferenças individuais .	Com referência
	Nove idosos participam semanalmente do encontro da terceira idade, para praticar atividades físicas e se divertir. Conforme as idades correspondentes a cada idoso, como mostra na tabela, calcule a média aritmética da idade dos idosos.	Sem referência
	Atleta japonesa na final das competições do salto em distância dos jogos Paralímpicos de Londres. Os jogos Olímpicos modernos foram criados em 1894, como forma de celebrar a paz entre as nações. Em 2016, o Brasil sediará pela primeira vez os jogos Olímpicos e Paralímpicos.	Com referência
	Nove idosos participam semanalmente do encontro da terceira idade, para praticar atividades físicas e se divertir. Conforme as idades correspondentes a cada idoso, como mostra na tabela, calcule a média aritmética da idade dos idosos.	Sem referência

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados.

No próximo capítulo, apresentaremos a análise das imagens e dos textos que as acompanham.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 PRIMEIRA FASE DE ANÁLISES: AS EDITORAS, OS COMPONENTES CURRICULARES E AS SÉRIES

A primeira análise de dados objetiva mostrar quais as editoras que mais utilizam imagens de PcD e em quais disciplinas ou componentes curriculares essas imagens aparecem com maior frequência. Procedemos ao cálculo da distribuição das imagens em livros didáticos e nos componentes curriculares. Também observamos a distribuição dessas imagens por séries escolares. A Tabela 5 apresenta o total de imagens e a sua distribuição segundo as séries (6º, 7º, 8º e 9º anos), componentes curriculares (matemática, português, histórias e ciências) e as editoras (A, B, C e D).

Tabela 5: Distribuição das imagens conforme o ano escolar, o componente curricular e as editoras

Ano	Componente curricular	Editora A	Editora B	Editora C	Editora D	Total cada Componente
6º ano	Matemática	0	0	2	14	16
	Português	0	0	0	0	0
	História	2	0	0	1	3
	Ciências	0	0	0	5	5
7º ano	Matemática	0	0	0	7	7
	Português	0	0	1	0	1
	História	4	0	0	0	4
	Ciências	1	0	2	5	8
8º ano	Matemática	0	0	1	8	9
	Português	1	7	0	1	9
	História	1	4	0	0	5
	Ciências	1	2	1	5	9
9º ano	Matemática	1	0	0	2	3
	Português	1	0	0	1	2
	História	4	1	0	0	5
	Ciências	1	0	0	5	6
Total		17	14	7	54	92

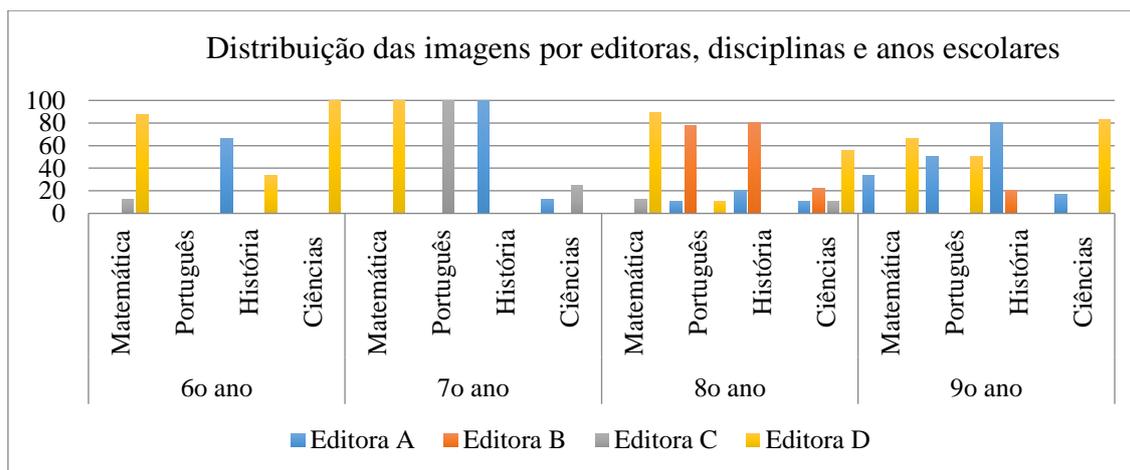
Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Percebemos que a editora D foi a que mais apresentou ilustrações de PcD, com 54 imagens. A editora que menos continha imagens foi a editora C, com apenas 7 casos. A editora A e B ficaram em um lugar intermediário, com 17 e 14 imagens, respectivamente. Numa relação entre o ano e o componente curricular pesquisado, observamos que a disciplina de matemática, do 6º ano, foi o componente curricular que mais apresentou imagens de PcD. Já a disciplina de português, do 6º ano, não apresentou nenhuma imagem. A soma de todas essas imagens foi 92.

Portanto, esse foi o total de imagens catalogadas e todas as análises que seguem foram realizadas sobre esse total (92 imagens de PcD).

O Gráfico 1, na sequência, mostra a distribuição das imagens de PcD nos livros didáticos por editoras, componentes curriculares (disciplinas) e por anos escolares (séries escolares).

Gráfico 1: Distribuição das imagens por editoras, componentes curriculares ou disciplinas e anos escolares (séries)

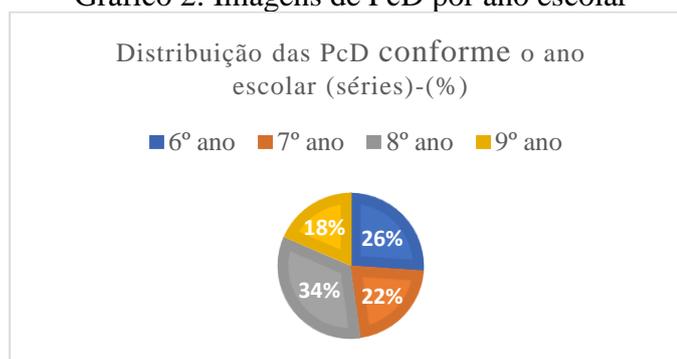


Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Em um primeiro momento, foi possível percebermos que há uma grande diferença entre as quatro editoras quanto ao número de imagens com PcD apresentado em seus livros didáticos. A editora D é a que mais possui imagens de PcD, e a editora C, a que menos apresenta essas imagens. Talvez essa diferença revele a importância atribuída à deficiência e à temática da inclusão no ensino fundamental pela editora D. Resta saber que imagens são essas e o que elas comunicam sobre as PcD e sobre a deficiência.

No Gráfico 2, apresentamos a distribuição das imagens de PcD conforme o ano escolar (série).

Gráfico 2: Imagens de PcD por ano escolar

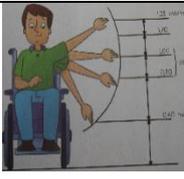


Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Ao fazermos uma leitura panorâmica da distribuição das imagens conforme os anos escolares, observamos que apenas a editora D apresentou um número razoável de imagens de PcD e que a distribuição destas imagens entre anos e componentes curriculares estava desigual, pois o componente matemática possuía mais imagens que os outros.

O próximo grupo de dados refere-se a uma análise separada dos componentes curriculares (disciplinas). As próximas imagens, na Tabela 6, mostram exemplos de imagens de PcD nos diferentes livros e nos diferentes componentes curriculares.

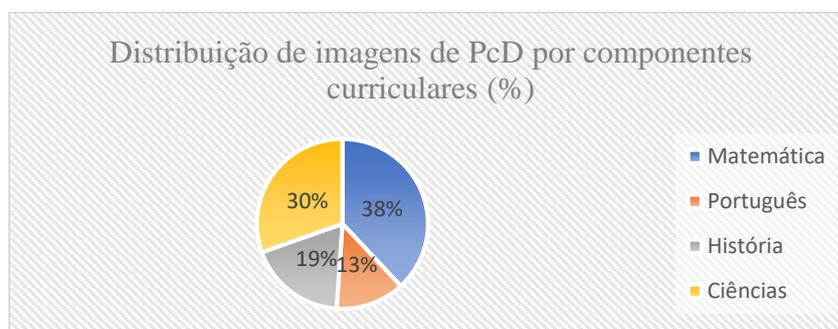
Tabela 6: Exemplos de imagens que aparecem nos componentes curriculares matemática, português, história e ciências

	Matemática	Português	História	Ciências
Exemplo de imagens				

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Em linhas gerais, cada imagem passa uma mensagem específica e que está ligada ao seu próprio componente curricular. Por exemplo, a atleta, na imagem do livro de história, representa a evolução das tecnologias que permitem às PcD a participação em eventos desportivos, o que não acontecia no passado. Essa imagem faz sentido no contexto do componente curricular História, pois motiva debates sobre as mudanças ao longo do tempo, representadas aqui pela para-atleta. O Gráfico 3, a seguir, destaca a distribuição das imagens de PcD conforme os componentes curriculares.

Gráfico 3: Distribuição de imagens por componente curricular ou disciplinas



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Foi possível observar que a disciplina Matemática contabilizou o maior número de imagens de PcD (38%), seguida de Ciências (30%), de História (19%) e, por último, a disciplina de Português (13%). Na Matemática, as imagens de PcD foram utilizadas para ilustrar e contextualizar problemas matemáticos em que apareciam cálculos e fórmulas matemáticas. Ciências trabalha com os conhecimentos sobre a natureza humana e da terra, e algumas imagens tinham como objetivo ilustrar as variantes do corpo humano mais especificamente quando o conteúdo de genética estava sendo trabalhado. Em outras imagens, as figuras de pessoas com deficiência estavam apenas ilustrando um educando em meio a outros educandos. Ou seja, sua imagem não parecia estar conectada com nenhum tema de conteúdo de Ciências. Interessante notar que os livros do componente curricular História apresentaram poucas imagens de PcD, embora a deficiência pudesse ter sido tratada nesse componente curricular com mais informações e reflexões sobre a evolução dessa temática ao longo do tempo.

5.2 SEGUNDA FASE DE ANÁLISES: OS ELEMENTOS FORMAIS DAS IMAGENS E SEUS SIGNIFICADOS

Nesta segunda fase de análise das imagens, identificamos os elementos mais presentes nas ilustrações e observamos como eles se agrupam em categorias. Essa identificação teve um caráter denotativo, pois reconhecemos os elementos que faziam parte das imagens. Esse processo de identificação dos elementos mais salientes em número e em forma fica próximo do que Penn (2015) denominou de estágio denotativo na análise de imagens. Os elementos que surgiram foram listados e agrupados em classes segundo sua semelhança, as quais, posteriormente, originaram categorias. Os elementos que caracterizavam as imagens foram classificados em categorias: tipo de deficiência, gênero, faixa etária, equipamentos de acessibilidade, ambientes, expressão facial, interação social, atividade que desempenha e tipos de imagens, observando-se a frequência com que eles aparecem.

1. Categoria Tipo de Deficiência – subcategorias: física, visual, auditiva, múltipla, nanismo e Síndrome de Down;
2. Categoria de Gênero – subcategorias: masculino e feminino;
3. Categoria de Faixa Etária – subcategorias: criança, jovem, adulto e idoso;
4. Categoria Equipamentos de Acessibilidade – subcategorias: prótese para pernas, muleta, bengala, óculos escuros, tampão de olho e prótese auditiva;
5. Categoria Ambiente – subcategorias: interno, externo e indefinido;

6. Categoria Expressão Facial – subcategorias: sorriso, sério, neutro e não aparente;
7. Categoria Interação Social – subcategorias: sozinho, em dupla e em grupo;
8. Categoria Atividades – subcategorias: trabalho, estudo, lazer/esporte e campanha/desfile;
9. Categoria Tipos de Imagens – subcategorias: fotografias e desenhos.

5.2.1 Categoria Tipo de Deficiência

O primeiro grupo de dados refere-se aos tipos de deficiências que apareceram representados nos livros didáticos. Esses tipos de deficiências foram classificados em subcategorias, pelas suas características e especificidades. A Tabela 7 mostra exemplos dessa classificação em tipos de deficiência:

Tabela 7: Imagens que ilustram as classificações por tipos de deficiência

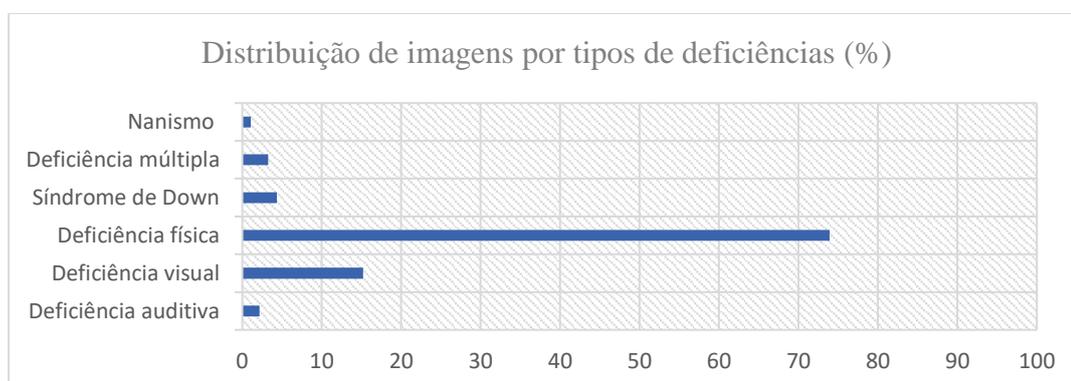
	Def. auditiva	Def. visual	Def. Física	Deficiência múltipla	Nanismo	Síndrome de Down
Exemplos de imagens						

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Os diferentes tipos de deficiência podem ser definidos e classificados conforme alguns equipamentos de acessibilidade, bem como algumas características físicas. A primeira imagem da Tabela 7 mostra uma prótese auditiva sendo usada pela estudante, do que subentendemos que ele possui uma deficiência auditiva. Na segunda imagem, há a presença de óculos escuros e uma bengala, caracterizando a deficiência visual. Na terceira imagem, percebemos uma estudante com a ausência dos antebraços, deixando clara a presença da deficiência física. Ao observarmos a quarta imagem, há um adulto usando próteses nas duas pernas e o tampão no olho direito, exemplificando a deficiência múltipla. Na quinta imagem o nanismo é representado pela pessoa idosa e de baixa estatura. E, por fim, há uma jovem com características físicas de síndrome de Down.

O Gráfico 4, na sequência, mostra a distribuição de imagens por tipo de deficiência, tendo como base as 92 imagens selecionadas.

Gráfico 4: Distribuição das imagens por tipo de deficiências (total de 92 imagens)



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Esse gráfico mostra uma grande diferença em relação à frequência de imagens dos tipos de deficiências nos livros didáticos. É predominante a presença da deficiência física, seguida pela deficiência visual. Notamos que as outras deficiências (deficiência auditiva, Síndrome de Down, deficiência múltipla e o nanismo) possuem pouca visibilidade, ou seja, aparecem com baixa frequência nos livros. Observamos que o tipo de deficiência mais comum nas imagens de PcD é a deficiência física. Esse resultado pode ter várias razões. A deficiência física pode ser a mais comum na população e, por isso, a mais representada. Ela pode ser também a mais fácil de ser representada e compreendida visualmente, por ser identificada por cadeirantes, por exemplo.

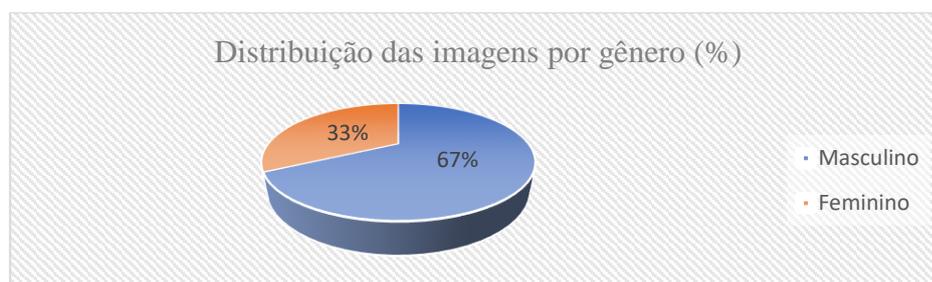
Isto leva a reflexões sobre a importância das imagens, o que elas significam e as mensagens que propagam, pois, como lembra Moscovici (2007), as informações que circulam sobre um objeto podem indicar os saberes de senso comum sobre aquele objeto. Questionamos, então, o que essas imagens dizem sobre as representações de PcD que estão sendo propagadas. Entendemos que as imagens reduzem e simplificam a noção de deficiência ao apresentarem um número grande de um único tipo de deficiência: a deficiência física. Lembramos que as sinalizações mais comuns que se referem às PcD em locais públicos geralmente apresentam uma cadeira de rodas. Possivelmente, esses símbolos ajudaram a difundir e a propagar esta imagem que relaciona a deficiência ao cadeirante.

Portanto, cristalizou-se essa imagem e ela está sendo reproduzida por uma mídia que os jovens estudantes têm acesso, ou seja, os livros didáticos. O resultado disso é que se perpetuam imagens, valores e conceitos de deficiência que não consideram a grande variedade de casos, de tipos de deficiência e de PcD.

5.2.2 Categoria Gênero

Para além da classificação por tipo de deficiência, foi possível fazer outros agrupamentos. O gênero dos personagens nas ilustrações tornou-se um outro foco de análise. O próximo gráfico apresenta os resultados da distribuição das imagens a partir do gênero masculino e feminino.

Gráfico 5: Distribuição das imagens por Gênero



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

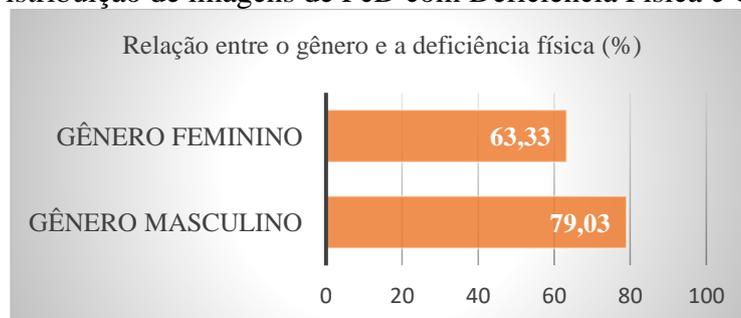
Com base no Gráfico 5, observamos uma disparidade no número de imagens com PcD entre os gêneros masculino e feminino. É visível uma frequência maior de imagens do sexo masculino em relação ao feminino. Eco (2015) observa que, ao longo da história, as imagens de mulheres e homens têm sido representadas de uma determinada maneira. As mulheres, geralmente, são apresentadas segundo certos padrões culturais de beleza, de estética e de saúde. As imagens correspondem ao que a cultura hegemônica considera como belo e saudável. A autora Beauvoir (2009) ressalta que as imagens femininas fazem referência à maternidade e ao cuidar dos outros. A figura masculina tende a ser representada segundo certos padrões estéticos de saúde e de força física, mas é visível também referências ao seu *status* de poder na sociedade. Essa diferenciação entre gêneros pode ser vista em vários setores da sociedade e na forma como as imagens – masculina e feminina – são difundidas através das mídias impressas, digitais ou sonoras.

Então, inferimos que alguns padrões de representação de homens e de mulheres com deficiência poderiam também existir. Como existe a tendência de representar a imagem feminina conforme alguns padrões de beleza, de saúde e de maternidade, a pouca presença das mulheres com deficiência nos livros didáticos poderia estar relacionada a ela, já que suas imagens não corresponderiam aos padrões existentes.

5.2.2.1 Categorias Gênero e Deficiência Física

Apresentamos no próximo gráfico 6 a distribuição das PcD física e o gênero.

Gráfico 6: Distribuição de imagens de PcD com Deficiência Física e Gênero



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Ao analisar as imagens de PcD de mulheres e homens separadamente, focando apenas as imagens classificadas na subcategoria Deficiência Física, observamos que o gênero masculino se apresentou em maior número em relação ao gênero feminino. Mas também percebemos que houve um número relevante de imagens de pessoas com deficiência física do gênero feminino. Esse número elevado em ambos os gêneros pode nos levar a uma primeira interpretação de que, independentemente do gênero, a forma mais comum de representar uma deficiência é através da deficiência física. Pode indicar também que diferentes tipos de deficiência foram mais representados pelas imagens de PcD do gênero feminino do que por imagens de PcD do gênero masculino. A deficiência visual, que foi a segunda mais frequente, pode ter sido a que ficou mais relacionada ao gênero feminino.

5.2.3 Categoria Faixa Etária

Além da categorização por gênero, vimos também que as imagens se diferenciavam conforme a idade dos personagens das ilustrações. As imagens apresentadas na próxima tabela ilustram os tipos de faixa-etária ou idade aparente dos personagens das figuras.

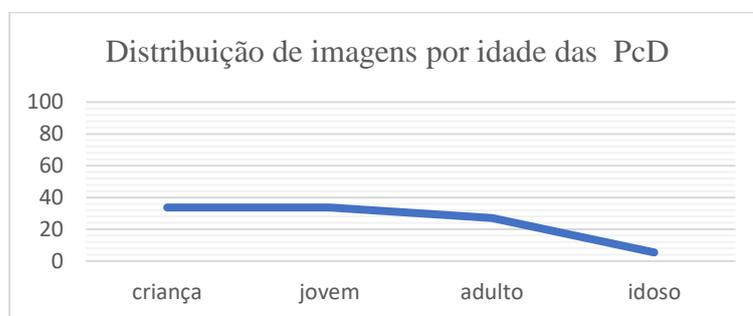
Tabela 8: Imagens que ilustram as classificações por faixa etária

	Criança	Jovem	Adulto	Idoso
Exemplos de imagens				

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Na primeira imagem há um exemplo de uma criança; na segunda, uma jovem; na terceira, um adulto; e, por fim, a imagem de um senhor idoso. Para essa classificação levamos em consideração algumas características dos personagens, como a fisionomia, a altura, a expressão facial, o comportamento e a postura. A escolha dessas características surgiu a partir de Mauss (2003), que relaciona as técnicas corporais em relação às idades. Para este autor, há movimentos que caracterizam as diferentes idades. Por exemplo, o agachar-se, pular e saltitar são atitudes mais frequentes em crianças, ao passo que os adultos costumam mostrar atitudes corporais mais padronizadas pela sociedade, como cruzar as pernas e manter uma postura mais ereta. Já os idosos apresentam os ombros mais arqueados para frente e também demonstram atitudes de acolhimento, como no exemplo destacado na Tabela 8, com o gesto de apoiar sua mão no ombro da criança. Esse gesto pode ser interpretado como uma forma de cuidar e proteger a geração mais nova. Observar a faixa-etária dos PcD nos pareceu importante para refletirmos sobre que idade é a mais representada e, portanto, a mais visualizada pelas crianças em idade escolar. O gráfico a seguir apresenta a distribuição das idades aparentes na qual as imagens de PcD foram categorizadas.

Gráfico 7: Distribuição por faixa-etária



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Tendo como referência os dados apresentados pelo Gráfico 7, percebemos que a idade aparente das PcD foram bem distribuídas entre crianças, jovens e adultos, com uma leve tendência de queda a partir da fase adulta. Observamos ainda que o número de idosos presentes nas imagens foi bem reduzido. O idoso foi o menos representado. Possivelmente, a sua baixa representatividade se deve à baixa expectativa de vida desta população e à sua baixa visibilidade nas sociedades. Conforme dados do IBGE (2010), a média de idade máxima das pessoas que se declararam com pelo menos uma deficiência foi na faixa etária dos 50 anos de idade. Eles estão, portanto, em menor número na sociedade e são menos visíveis.

O fato de haver um equilíbrio na frequência de imagens de crianças, jovens e adultos poderia indicar que as imagens estão direcionadas ao público jovem e, por essa razão, eles são os mais representados nos livros didáticos.

5.2.4 Categoria Equipamentos

Percebemos que alguns personagens das ilustrações usavam equipamentos ou aparelhos para facilitar a sua mobilidade e acessibilidade. A seguir apresentamos exemplos destes equipamentos: cadeiras de rodas, óculos escuros, bengalas e próteses variadas.

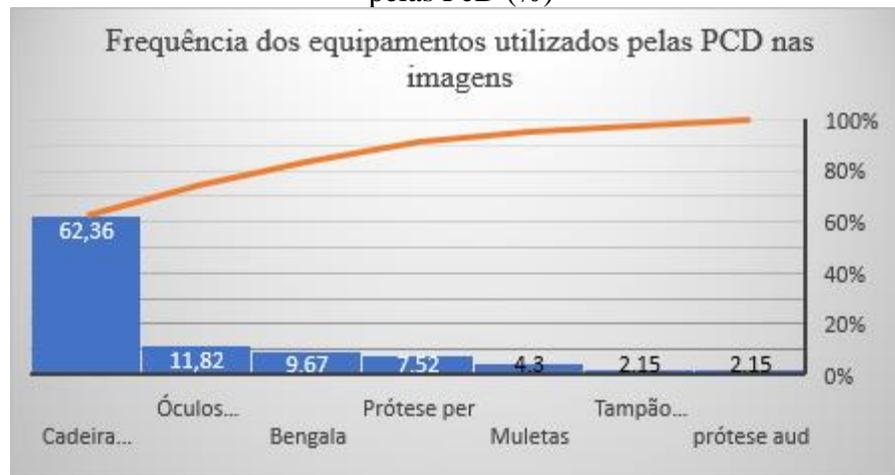
Tabela 9: Imagens que ilustram os equipamentos utilizados pelas PcD e que geraram as classificações

	Cadeira de rodas	óculos escuros	bengala	prótese de pernas	muletas	Tampão de olho	Prótese Auditiva
Exemplo							

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

A classificação dessas imagens em subcategorias ocorreu conforme a identificação dos equipamentos, cuja distribuição o gráfico a seguir mostra.

Gráfico 8: Distribuição das imagens conforme os equipamentos de acessibilidade utilizados pelas PcD (%)



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Notamos que, dos equipamentos que apareceram nas imagens, a cadeira de rodas foi a mais frequente, enquanto as próteses de pernas, as muletas e também as próteses auditivas

apareceram pouco. Tais observações podem levar a interpretações sobre a relação existente entre a deficiência e o uso de equipamentos. Por exemplo, a cadeira de rodas parece representar a deficiência física, o que torna menos visível todas as outras deficiências físicas e equipamentos. Uma outra hipótese para explicar a grande frequência de cadeiras de rodas é o fato dela substituir equipamentos mais sofisticados e que não estão à disposição das PcD. Por fim, a cadeira de rodas é conhecida por representar a deficiência, principalmente no contexto viário. Como consequência disso, propaga-se uma imagem da pessoa com deficiência como um cadeirante, que depende desse equipamento para locomover-se. Esses dados corroboram, portanto, o Gráfico 4, que apresenta a deficiência física como a mais frequentemente representada dentre as deficiências.

5.2.5 Categoria Ambiente

Durante a fase inicial da pesquisa, quando se deu a leitura flutuante das imagens, também percebemos que os PcD encontravam-se em diferentes ambientes. Isso nos levou a definir três agrupamentos: ambiente interno, ambiente externo e ambiente indefinido. A Tabela 10 apresenta os exemplos de tais agrupamentos.

Tabela 10: Ilustrações que exemplificam os diferentes ambientes

Ambientes	interno	Externo	Indefinido
Exemplos de imagens			

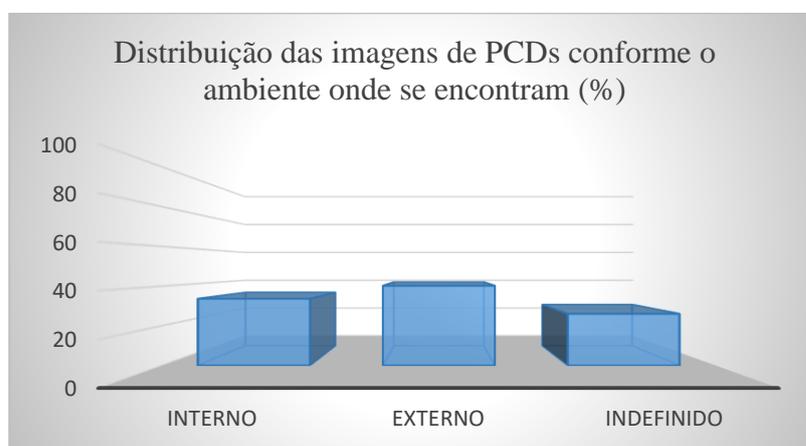
Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

A primeira imagem da Tabela 10 exemplifica um ambiente interno; a segunda, um ambiente externo; e a terceira representa um ambiente indefinido. Conforme discorre Hall (2006), os espaços e os ambientes onde as pessoas estão inseridas auxiliam a comunicar quem elas são, o que elas fazem e quais são suas inserções sociais. Também para Knapp e Hall (1999), o espaço ajuda a regular a interação social. Portanto, escolhemos o ambiente como uma categoria válida a ser investigada para auxiliar nas análises sobre as possíveis informações que estariam sendo propagadas sobre as PcD no que se refere a sua identidade, autonomia e pertença social. De acordo com Silva (2015), o uso do espaço pode estar associado a determinados grupos sociais e refletir categorizações, julgamentos e representações. Da mesma forma, o espaço pode regular a interação social e as relações de poder (FOUCAULT, 2014). Assim, o fato das imagens das PcD se apresentarem em diferentes ambientes (internos, externos ou indefinidos) pode

demonstrar representações sobre as identidades destes sujeitos. Como exemplos de lugares internos públicos, temos restaurante, biblioteca, escola, sala de aula e posto de saúde. Como exemplos de ambientes internos privados, temos as residências e o escritório. Já nos ambientes externos públicos, apareceram o campo, a praça, a praia e as ruas. E como exemplo de espaço externo privado temos uma imagem de um jardim de uma casa.

Logo, o espaço pode ser uma categoria de análise das imagens, pois nos informa sobre como as PcD estão sendo representadas e que valores e julgamentos são difundidos sobre quem eles são, o que fazem e com quem se relacionam. Na sequência, o Gráfico 9 mostra em que ambientes as PcD aparecem nas imagens.

Gráfico 9: Distribuição das imagens de PcD conforme o ambiente



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

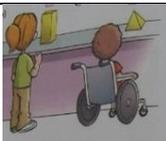
De uma forma geral, pode-se observar que não houve grandes variações de ocorrências entre as imagens de PcD mostradas em ambientes internos (30%) e externos (40%). Observamos também que em poucas imagens não se identificava o ambiente em que a figura estava inserida (25%). A seleção de imagens de PcD em ambientes externos pode ter tido o objetivo pedagógico de mostrar aos estudantes que existe a possibilidade das PcD se deslocarem e acessarem espaços públicos e abertos, passando a ideia de autonomia e liberdade.

5.2.6 Categoria Expressão Facial

Durante a leitura flutuante das imagens percebemos que a face e as expressões faciais se alteravam. Então, elas se tornaram uma categoria importante a ser investigada. Essa categoria foi subdividida em três agrupamentos: sorriso, sério e neutro. Esses foram os três tipos de expressão

identificada nas imagens da face das PcD. A seguir, na Tabela 11, apresentamos exemplos das diferentes expressões faciais identificadas.

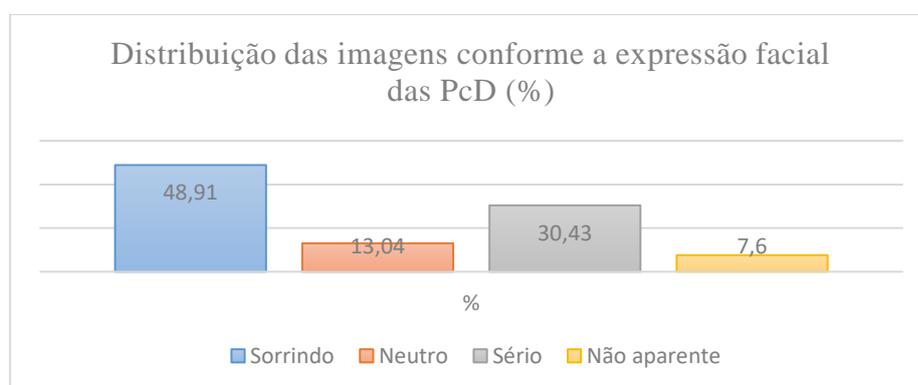
Tabela 11: Imagens que exemplificam as expressões faciais dos personagens

Expressão facial	sorrindo	Sério	neutro	Não aparente
Exemplos de imagens				

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Na primeira imagem, temos um exemplo de uma pessoa sorrindo, enquanto na segunda imagem há um exemplo de expressão séria. A terceira imagem mostra uma expressão neutra, e na última não é possível ver a expressão facial dos personagens. O Gráfico 10 traz a classificação das imagens conforme a expressão facial dos personagens.

Gráfico 10: Distribuição das imagens segundo expressão facial das PcD



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

De todas as 92 imagens de faces, os dados apontam que o sorriso (48,91%) foi a expressão facial predominante, seguido das expressões séria (30,43%) e neutra (13,04%). Há também as imagens em que não foi possível identificar a expressão (7,6%). Segundo Mauss (2003), o corpo é o primeiro dos instrumentos utilizados pelo homem para expressar-se e comunicar-se com os outros. E como a face é uma parte do corpo muito expressiva, ela é utilizada nas interações sociais para essa comunicação. Para Le Breton (2007), a corporeidade humana apresenta-se como um fenômeno social e cultural; logo, podemos dizer que a forma de o homem se comunicar também é culturalmente adquirida. Portanto, algumas expressões faciais são socialmente aceitas como indicação de sentimentos e emoções. Como as linguagens corporais, as expressões faciais e o

sorriso expressam emoções, sentimentos e traços da personalidade (GOFFMAN, 1990; DITTMAN, 1987), selecionamos a face e a expressão facial como indicadores desses sentimentos. Conforme afirma Silva (2011; 2015), o sorriso pode ser um elemento diferenciador de sentimentos e de emoções e indica o tipo de interação que ocorre entre as pessoas ou as normas de convívio do seu grupo social. Portanto, a seleção de um grande número de imagens de pessoas sorrindo nos livros didáticos pode indicar o objetivo de comunicar uma predisposição, por parte das PcD, de interagir com os outros ou de descontração. Indicaria também emoções e sentimentos de felicidade.

Com o grande número de sorrisos nas imagens, parece que houve mais um objetivo pedagógico do que o intuito de retratar uma realidade, pois não é possível identificar se a maioria das PcD realmente se sentem felizes, alegres e predispostos à interação com outras pessoas. Portanto, as imagens propagam um ideal de simpatia, de alegria e de felicidade que possivelmente teriam o objetivo de criar uma imagem de harmonia, conforto, satisfação e de inclusão.

5.2.7 Categoria Interação Social

Outra maneira de analisar as imagens relaciona-se a estar acompanhado ou não. Assim, classificamos as imagens conforme o número de pessoas que estavam próximas às PcD. Identificar esse elemento é importante, pois ele indica representações sobre pertencas sociais, inclusão e formas de interação social que podem contribuir para as análises da categoria anterior (Expressão Facial). As imagens foram subdivididas em três agrupamentos: sozinho, em dupla e em grupo. A Tabela 12 ilustra os exemplos de classificação das imagens conforme a categoria relação social.

Tabela 12: Imagens que ilustram a classificação das PcD conforme a interação social

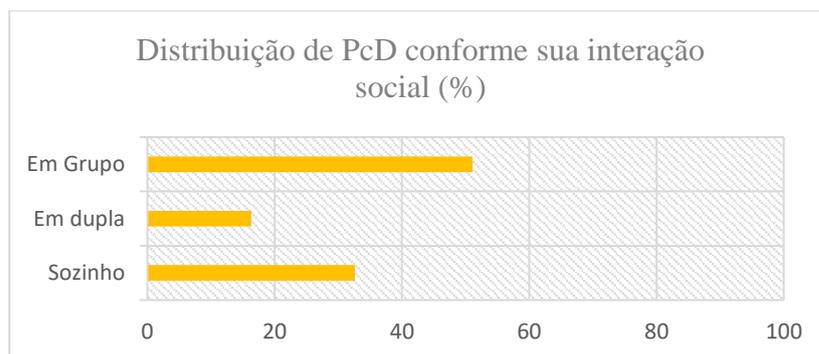
	Sozinho	em dupla	em grupo
Exemplos de imagens			

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

As imagens contidas na Tabela 12 exemplificam como os agrupamentos em subcategorias ocorreram. A primeira imagem mostra um cadeirante sozinho, enquanto a segunda apresenta outro cadeirante em dupla, com outra estudante. E, na terceira imagem, temos um exemplo de

um cadeirante em grupo. O fato de a pessoa apresentar-se sozinha, em dupla ou em grupo pode nos indicar características sobre suas relações sociais. No Gráfico 11 podemos observar a distribuição das imagens de PcD conforme a categoria interação social.

Gráfico 11: Distribuição das imagens de PcD conforme sua interação social



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

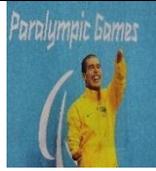
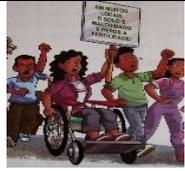
A partir dos dados apresentados no Gráfico 11, percebemos que a maioria das imagens que continham PcD mostram esses personagens em grupo. Isso pode representar a ideia de que as PcD têm a necessidade de auxílio de outras pessoas para desempenhar algumas funções. Pode nos indicar também que as PcD têm condições de socializar-se com outras pessoas sem deficiência. Um dado relevante é que cerca da metade das imagens de PcD que apareceram em grupo estavam no ambiente escolar. Essas imagens podem nos indicar que o ambiente escolar seria considerado um espaço oportuno para uma melhor interação social das PcD.

5.2.8 Categoria Atividade

Um elemento importante que está presente nas ilustrações são as atividades que as PcD realizam. Identificar a atividade é relevante, pois ela nos informa sobre o que se pensa sobre as PcD, o que se sabe sobre suas potencialidades e limitações, e os desejos de comunicar esses saberes a um público maior.

A Tabela 13 a seguir, exemplifica as categorias de atividades desempenhadas pelos personagens.

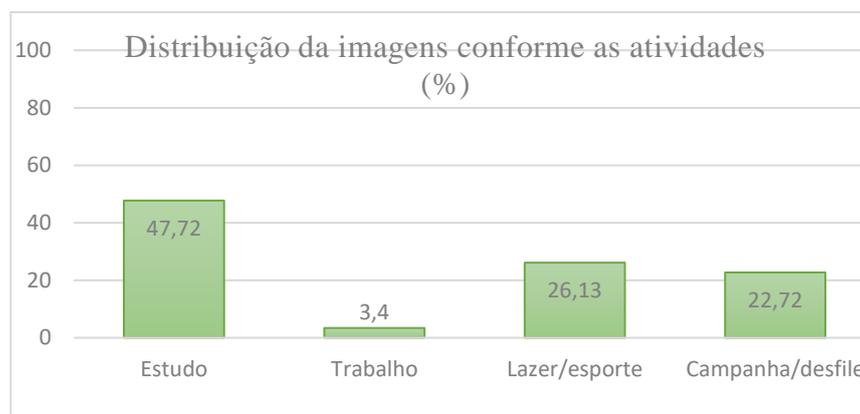
Tabela 13: Distribuição das imagens de PcD segundo as atividades que desempenham

Atividades	Estudo	Trabalho	Esporte/lazer	Desfile/campanha
Exemplos de imagens				

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

As imagens contidas na Tabela 13 exemplificam como as caracterizações se deram. A primeira imagem é um exemplo de crianças estudando. A segunda imagem mostra um jovem com Síndrome de Down trabalhando. Logo após, um exemplo de PcD na prática de esporte ou lazer e, na quarta imagem, um exemplo de participação em desfiles ou campanhas sociais. A seguir, no Gráfico 12, mostramos as principais atividades executadas pelas PcD nas imagens.

Gráfico 12: Distribuição das imagens a partir das atividades que as PcD desempenhavam



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Os dados apresentados no gráfico anterior mostram que a maioria das imagens catalogadas são de PcD estudando, caracterizando uma atividade intelectual, com a representação de dois papéis. Há um professor que orienta as ações a serem desenvolvidas, que não tem deficiência, e há um estudante que possui uma deficiência. Poucas imagens mostram PcD trabalhando, e isso nos leva a compreender que a imagem de uma PcD ainda é representada como frágil, pouco autônoma, enferma e improdutiva, como afirma Stiker (2009). Elas apareceram raramente com uma profissão e ocupando funções de liderança na sociedade. As ideias que vêm sendo propagadas e difundidas de PcD são, portanto, as de que elas não exercem uma profissão, o que pode ficar no imaginário coletivo e perpetuar-se.

Essas observações corroboram com os resultados de alguns gráficos apresentados anteriormente nos quais a maioria das PcD presentes nas imagens foram pessoas com deficiência física que utilizavam cadeira de rodas, estavam em ambientes externos, acompanhadas de outras pessoas, felizes, mas estudando e não trabalhando. A pouca representação das PcD trabalhando tem sido documentada por outros autores, como Nario-Redmond (2010), que ressalta a forma como as PcD têm sido retratadas ao longo dos tempos. Ou seja, elas são representadas como pessoas que dependem de outras e como pouco produtivas.

5.2.9 Análise dos Tipos de Imagens: fotografias e desenhos

Durante a leitura flutuante das imagens, foi possível perceber que elas eram representadas de duas maneiras, por fotografias e por desenhos. A seguir, a Tabela 14 ilustra exemplos de fotografias e de desenhos.

Tabela 14: Imagens que ilustram as classificações das imagens em fotografias e desenhos

	Fotografia	Desenho
Exemplos de imagens		

Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

A primeira imagem da Tabela 14 mostra uma fotografia, enquanto a segunda mostra um desenho. Percebemos que na fotografia aparecem mais detalhes do contexto em que a imagem foi registrada, dando mais subsídios para interpretações sobre o que a imagem representa e que significados ela propaga.

Além das expressões serem mais naturais e fidedignas, elas oferecem aos leitores uma opção de perceber a deficiência como algo real e que está presente na sociedade. Os desenhos são de vários tipos. Temos histórias em quadrinhos, desenhos de artistas e logotipos.

O Gráfico 13 a seguir, mostra a distribuição de tais ilustrações nessa categoria.

Gráfico 13: Distribuição das imagens por fotografias e desenhos



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Conforme mostra o Gráfico 13, ocorre uma grande disparidade na quantidade de imagens representadas por esses dois meios, com mais desenhos do que fotografias. Como consideramos as fotografias como documentos, a sua pouca ocorrência pode estar indicando que há poucos documentos e registros sobre pessoas com deficiência. Outro fato importante é a repetição de desenhos, que pode indicar também a falta desse tipo de desenhos. Da mesma forma, o fato de a maioria das imagens serem veiculadas através de desenhos nos leva a inferir que existem poucos documentos fotográficos que mostram cenas da vida e dos hábitos das PcD.

5.3 RELACIONANDO AS CATEGORIAS

Tendo esta segunda fase de análises concluída, partimos agora para a análise que cruza duas categorias. O objetivo foi perceber se existe alguma relação ou associação entre elas. Os cruzamentos foram os seguintes: Gênero e Faixa Etária, Gênero e Ambiente, Expressão Facial e Gênero, Gênero e Atividades, Expressão Facial e Interação Social, Gênero e Interação Social e tipos de Imagem e Deficiência. E, para efetivar esse cruzamento, partimos dos seguintes questionamentos:

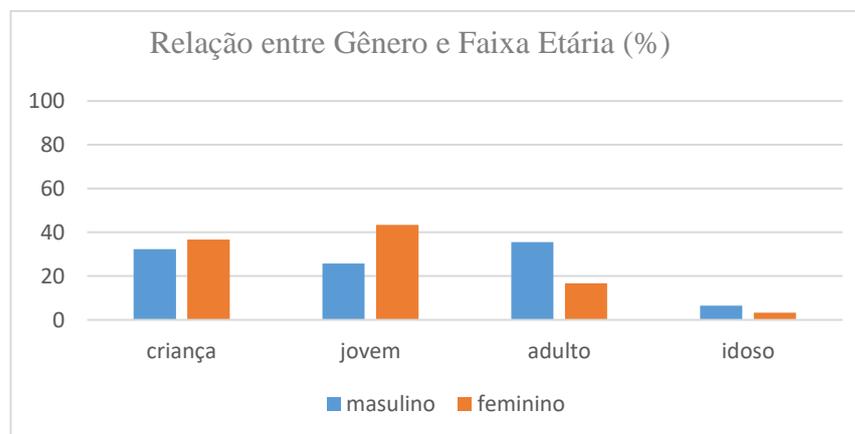
- a. Existe alguma relação entre gênero e faixa etária?
- b. Há alguma relação entre o gênero e ambiente?
- c. Existe alguma relação entre expressão facial e gênero?
- d. A categoria de gênero está associada à categoria atividades?
- e. A expressão facial está associada ao tipo de interação social das PcD?
- f. A categoria de gênero está associada à imagem de interação social?
- g. Há relação entre a categoria tipo de ilustração, fotografias e desenhos, e o gênero das PcD?

Esses cruzamentos são importantes, pois permitem que se compreenda melhor como um conjunto de elementos imagéticos, que foram os mais frequentes, compõem um quadro ou um perfil das pessoas com deficiência. Eles permitem ainda que se enxergue as diferentes combinações de características, como gênero e atividades, por exemplo, prevalecem nas ilustrações.

5.3.1 Gênero e Faixa Etária

No Gráfico 14 encontram-se relacionadas as variáveis de gênero e faixa etária. O objetivo foi perceber se existe alguma relação entre elas e, para tal, questionamos: as imagens das PcD estão associadas à determinada faixa etária? Existe alguma relação entre imagem de mulheres com deficiência e faixa etária? Existe alguma relação entre imagens de homens com deficiência e faixa etária?

Gráfico 14: Relação entre Gênero e Faixa Etária



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

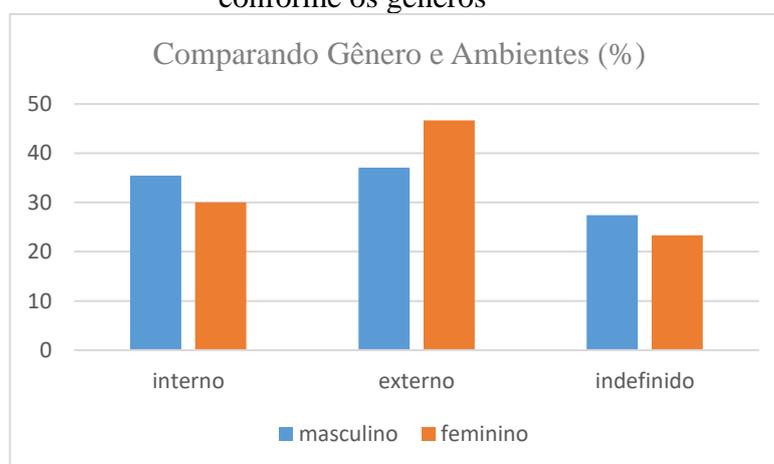
Conforme demonstra o Gráfico 14, foram observadas as relações entre Gênero e Faixa Etária. As maiores diferenças estão na faixa etária de adultos, pois existe muito mais imagens de homens adultos que mulheres adultas nessa subcategoria. Em ambos os gêneros a quantidade de PcD crianças e jovens foi semelhante. Fizemos uma associação (cálculo do Chi 2) para determinar a probabilidade em que os valores médios de diversos grupos de pontuações se afastam uns dos outros meramente por erro na amostragem (MCALL; KAGAN, 1990). A meta do cálculo do chi 2, pelo método de Pearson é observar diferenças nos grupos de valores médios e observar se elas são significativas. Quando aplicada nesse grupo de valores, o Chi 2 foi de 4,53

para o grau de liberdade 3. Segundo os valores da tabela de Pearson, as diferenças nos valores não denotam que eles são significativos. Ou seja, em ambos os gêneros existe uma distribuição mais ou menos igualitária em relação à faixa etária, embora na subcategoria adulto ela pareça ser maior.

5.3.2 Gênero e Ambiente

Para Hall (2006) os espaços e ambientes nas imagens podem ajudar a comunicar quem as pessoas são e o que fazem. Ou seja, o contexto no qual as imagens estão falam e contam histórias. Também Silva (2015) considera que indicações de espaço nas ilustrações podem estar associadas a determinados grupos sociais e refletir julgamentos e valores sobre os personagens. Então, analisamos o cruzamento de duas categorias para observar se existe alguma relação entre espaços internos e externos e as categorias de gênero. O próximo gráfico ilustra essa distribuição.

Gráfico 15: Distribuição das imagens de PcD nos ambientes interno, externo e indefinido conforme os gêneros



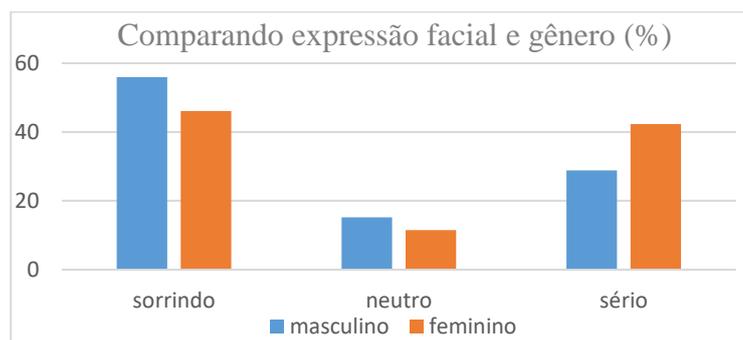
Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

Ao observarmos os dados apresentados pelo Gráfico 15, percebemos que as imagens mostram uma distribuição igualitária entre os gêneros nos diversos ambientes, com o ambiente externo emergindo com maior frequência que o externo. O cálculo do Chi 2 não evidenciou diferenças significativas entre os valores observados ($\text{Chi } 2 = 0,77$, para grau de liberdade 2). Portanto, o ambiente externo foi mais comum para ambos os gêneros. A ênfase no ambiente interno fica difícil de ser verificada, pois o número de imagens que não mostram o contexto espacial também é grande. Então, podemos apenas afirmar que, com relação ao espaço interno, houve uma distribuição mais ou menos equilibrada.

5.3.3 Gênero e Expressão facial

A próxima análise teve como objetivo observar se existe alguma relação entre a expressão facial e a categoria de gênero. Estariam as figuras femininas mais representadas sorrindo que as masculinas? Haveria uma distribuição equilibrada entre o gênero e as diferentes expressões faciais?

Gráfico 16: Relação entre Expressão facial e Gênero



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

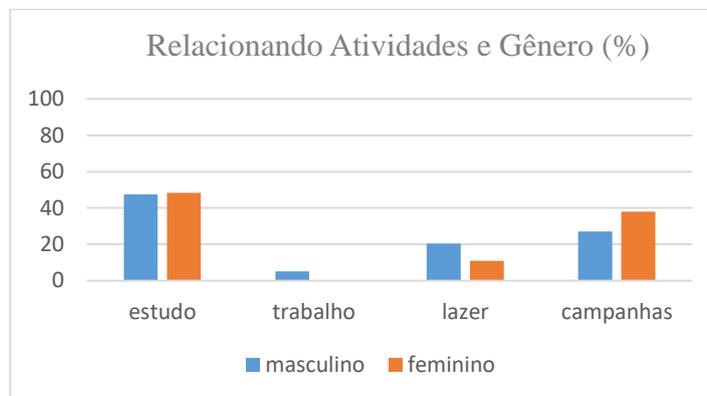
O gráfico 16 mostra que, de uma maneira geral, um grande número de imagens de PcD apareceram sendo representadas sorrindo. Mas o número de imagens com a expressão séria também foi elevado. Quando analisada a expressão facial em relação ao gênero, vemos pequenas diferenças, com mais imagens masculinas sorrindo que femininas. O inverso ocorre com relação às expressões de seriedade. Nesse caso, mais imagens femininas apareceram nessa subcategoria que masculinas. Essa primeira análise leva em consideração as porcentagens de imagens sorrindo, neutras e sérias pelo número total de imagens de homens e de mulheres. Quando efetuado o cálculo do Chi 2, vemos que os valores não se distanciam entre si de maneira significativa ($\chi^2 = 1,50$; grau de liberdade = 2). Portanto, embora mais figuras masculinas tenham sido representadas sorrindo se comparadas com as femininas, de uma maneira geral essa diferença está dentro de parâmetros de distribuição considerados normais e equilibrados.

5.3.4 Gênero e Atividades

Como Le Breton (2007) afirma, os modos de vida das pessoas são influenciados pela cultura. As profissões também podem sofrer influência de determinantes culturais. Identificar as atividades de estudo, lazer ou trabalho e observar como estão distribuídas nas categorias de gênero nos parece importante, pois podem informar sobre o que se pensa e se sabe sobre a

capacidade das PcD de executarem atividades autonomamente e das suas capacidades de produtividade e participação em suas comunidades.

Gráfico 17: Distribuição das atividades desempenhadas conforme o Gênero



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

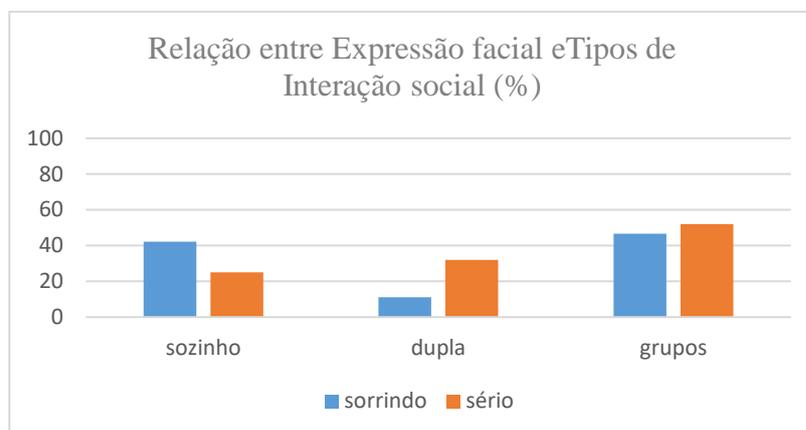
O Gráfico 17 nos mostra que, das atividades categorizadas, a mais frequente foi a do estudo, para ambos os gêneros. Foi possível percebermos também que a atividade de lazer se destacou entre o gênero masculino, assim como a de fazer campanhas prevaleceu para o gênero masculino. O cálculo do Chi 2 indicou que a distribuição dos valores foi mais ou menos semelhante para todas as categorias de gênero ($\chi^2 = 3,78$, grau de liberdade = 3). Assim, podemos inferir que as atividades que as PcD realizam nas ilustrações podem refletir o que se pensa sobre as suas identidades profissionais e informar sobre como estes personagens são vistos enquanto atores sociais. Homens e mulheres foram representados, com muita frequência e de maneira equilibrada, como estudantes.

5.3.5 Expressão facial e Interação

Existe alguma relação entre expressão facial e estar acompanhado ou não? As análises que se seguem pretendem observar se essa relação ocorre. Para os autores Mauss (2003) e Dittmann (1987), a face está entre as partes do corpo que melhor comunicam as emoções. Então, podemos inferir que o sorriso nas imagens pode representar que as PcD se sentem felizes ao estarem em grupo ou em companhia de outras pessoas. Considerando que autores como Silva (2015) e Dittman (1987) também afirmam que as expressões faciais são uma forma de expressar emoções, o gráfico nos aponta que grande parte dos personagens se mostrou feliz ao aparecer em grupo. Para Goffman (1990), as expressões corporais das pessoas podem revelar características

identitárias. Nesse caso, estar em grupo poderia representar pertencas sociais e tipos de associações a grupos.

Gráfico 18: Relação entre a Expressão facial das PcD e os Tipos de Interação Social



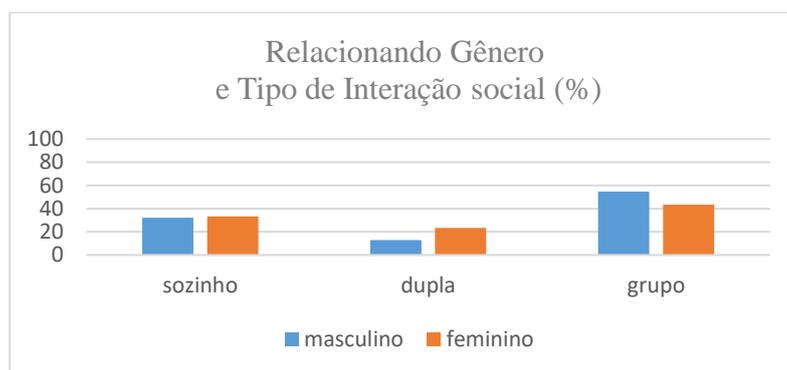
Fonte: A autora a partir dos dados dos livros didáticos.

Os dados da distribuição do tipo de expressão facial, sorrindo e sério, em relação ao tipo de interação, sozinho, em dupla ou acompanhado, foram tratados através do cálculo do Chi 2. Esse cálculo nos indicou que o valor do Chi 2 foi 4,39 (grau de liberdade 2) e que a diferença entre os valores é significativa (grau de significância - $P > 0.20$). A maioria das imagens de PcD são apresentadas sorrindo e em grupo (46,66%), em comparação com as imagens sérias desacompanhadas (25%). A expressão facial sorrindo destacou-se nas PcD que apareciam sozinhas e em grupos. Já os personagens que apareciam em dupla se mostraram mais sérias. O sorriso significa felicidade, empatia, desejo de comunicar. A harmonia e não o conflito fica representado nas expressões do sorriso. Seriam essas representações idealistas da vida das PcD? Seriam essas representações justificáveis? Que impactos elas produzem em quem as vê? Parece-nos que elas refletem um ideal e não a realidade e, por isso, poucas PcD se encontrariam refletidos nelas.

5.3.6 Gênero e Interação social

Essa comparação complementa a relação estabelecida no item anterior. Nesse caso, vamos comparar a categoria de gênero e os tipos de interação identificados nas imagens.

Gráfico 19: Comparação entre o Gênero das PcD e o tipo de Interação social



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

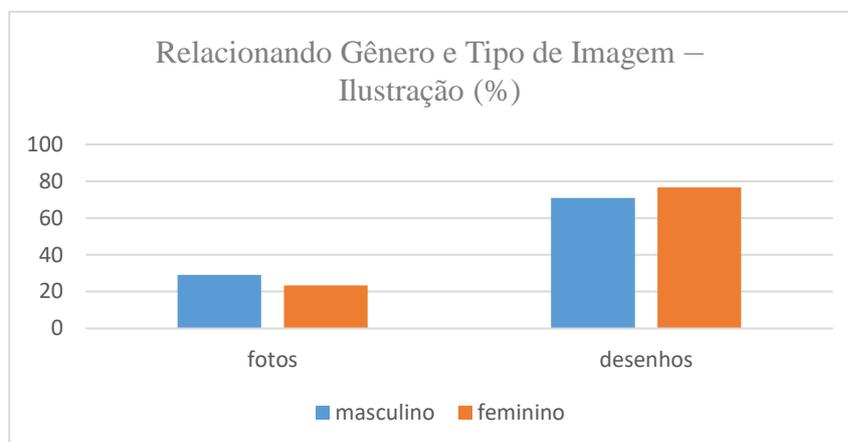
Em relação ao Gráfico 19, podemos perceber que não houve grandes variações entre os dois gêneros e o fato de estarem sozinhos, em duplas ou em grupos. Percebemos, então, que as imagens de PcD contidas nos livros didáticos mostram que a interação social das PcD independe do seu gênero, pois conforme nos indica o gráfico anterior, houve um equilíbrio entre as duas variáveis, gênero e interação social. Os cálculos do Chi 2 também indicam que a diferença nos valores não é significativa ($\text{Chi } 2 = 1,88 - \text{grau de liberdade} = 2$). Possivelmente, as imagens nos livros didáticos tentam refletir algo que seria o ideal, ou seja, que as PcD têm uma boa interação social, que podem ser vistas tanto sozinhas como em companhia de outras pessoas ou colegas e essa interação seria tão eficaz que não dependeria nem do gênero. Mas percebemos que no nosso dia a dia não é comum vermos PcD interagindo socialmente. Então, talvez as representações que os livros didáticos estão propagando sobre a interação social das PcD não reflitam a realidade dos nossos dias.

5.3.7 Comparando Tipo de Ilustração e o Gênero das PcD

Durante a pesquisa percebemos que as imagens de PcD apareciam nos livros didáticos segundo dois tipos de ilustrações: fotografias e desenhos. Inicialmente, pensamos que esses tipos de ilustrações afetariam a maneira como as PcD eram representadas. Por essa razão, nos debruçamos sobre elas com o intuito de analisá-las. As fotografias são documentos, pois falam e contam histórias de pessoas reais, de uma maneira muito especial. Os personagens posam para o fotógrafo, e a maneira como eles são retratados reproduzem uma leitura do real, uma leitura do fotógrafo. Os desenhos já não possuem esse atributo, pois dependem totalmente do que o artista quer representar. Eles podem possuir menos detalhes e afastar-se da realidade. Apresentamos, a

seguir, o Gráfico 20, que mostra como se distribuíram as ilustrações por fotografias e desenhos em relação ao gênero masculino e feminino.

Gráfico 20: Relação entre o Tipo de Ilustração/Imagem e o Gênero das PcD



Fonte: A autora, a partir dos dados coletados nos livros didáticos.

O Gráfico 20 mostra a distribuição de ilustrações entre fotos e desenhos para os dois subgrupos de gênero. O cálculo do Chi 2 ($\chi^2 = 0,33$ – grau de liberdade 1) indica que a distribuição desses valores é semelhante para as categorias de gênero. Isso mostra que tanto as imagens de homens quanto as de mulheres foram menos representadas pela fotografia que por desenhos mais ou menos na mesma proporção. A mulher foi ainda menos representada pela fotografia que o homem. Esse dado é interessante, pois nos faz refletir sobre o fato das fotografias mostrarem a vida pública das pessoas e as mulheres, historicamente, tiveram menos exposição nessa dimensão da vida do que os homens, até mesmo no seu papel de dona de casa, como atesta Vaquinhas e Guimarães (2011). Tendo menos exposição nessa dimensão da vida, ainda que no passado, podemos explicar a pouca ocorrência das imagens femininas nas fotografias.

5.4 TERCEIRA FASE DAS ANÁLISES

Após termos concluído as duas primeiras fases de análise das imagens, realizamos a terceira fase. Relembramos que na primeira fase foram identificados os elementos presentes nas imagens catalogadas e, num segundo momento, foram analisados os cruzamentos entre as variáveis que surgiram a partir das categorizações. E agora, para que possamos realizar uma análise mais aprofundada dos dados, faz-se necessário realizar a análise dos textos que

acompanhavam as imagens contidas nos livros didáticos. Para Schulze e Camargo (2000), a análise textual é uma forma específica de análise de dados que trata de interpretar um material textual ou verbal que foi transcrito. Nesta pesquisa esta análise teve duas finalidades. A primeira, de interpretar o que os textos que acompanham as imagens dos livros didáticos revelavam sobre as representações de deficiência e das PcD, e a segunda de correlacionar as análises dos textos com as análises das imagens.

Dos 92 textos, apenas 22 foram selecionados para essa análise (23,91%). Estimávamos que um número maior de textos estariam relacionados com as imagens, mas, após a leitura dos textos, percebemos que um número reduzido deles faziam referência às imagens. Assim, podemos dizer que um número muito pequeno de textos realmente tinham algo a ver com as imagens. Dessa observação surgiram algumas questões: uma delas seria sobre a função dos textos na explicação das imagens; e outra seria a forma pela qual os livros didáticos estariam veiculando o tema da deficiência e da PcD e o grau de cuidado e preocupação didático- pedagógica no trato da questão da deficiência e da PcD.

Dos textos selecionados como tendo a ver com as imagens, identificou-se algumas palavras como importantes e significativas para a questão da deficiências e da inclusão. Depois, essas expressões e palavras, foram agrupadas em categorias segundo sua semelhança. Por exemplo, consideramos os verbos como itens de significação e os agrupamos na categoria Verbos e Ações. Em seguida, agrupamos as palavras ou expressões que nomeavam as deficiências, no agrupamento Deficiências e seus nomes. Depois, a categoria Uma visão dos problemas, que agrega expressões que tinham a ver com as limitações e desafios das PcD. A categoria Cuidados, que reúne palavras que listam os cuidados com as PcD. A categoria Uma visão positiva, que agrega palavras que expressam as transposições das limitações e os sucessos das PcD em diferentes atividades. A categoria Equipamentos, que descreve e nomeia os equipamentos e próteses que as PcD utilizam, e por fim a categoria Referências aos jogos olímpicos e paralímpicos, que nomeiam esses eventos esportivos no país. Na sequência, trazemos as categorias que emergiram desses agrupamentos e exemplos de palavras.

- 1) Categoria Verbos e Ações: num total de 23 ocorrências, os verbos que indicavam ações relacionadas às PcD foram catalogados e agrupados nessa categoria, ex: adaptaram, apontaram, debocharam, estudei, zoaram, planejei, refleti, recuperar, alcançar, atuar, dever, deixaram, consegui, vencendo, levantar, fiz, aceitou.
- 2) Categoria Deficiências e seus nomes: com um total de 21 ocorrências, as expressões e palavras que se referem às doenças, deficiências ou síndromes, foram agrupadas nessa categoria, ex: Síndrome de Down, albino, perde a visão, doenças, aneuploidia,

poliomielite, cadeirante, úlcera, paralisia, deficiências físicas, deficiência física, deficiência mental, corcunda, portador de necessidades, lesões.

- 3) Categoria Uma visão dos problemas: com um total de 11 ocorrências, agruparam-se nessa categoria expressões e palavras que têm uma conotação negativa ou que ressaltam as limitações das PcD, ex.: deformado, recusado, afetadas, prejudicada, comprometida, errado, problema, dificuldade, longe, pior momento da minha vida, aborto natural.
- 4) Categoria Os cuidados: com um total de 5 ocorrências, reúne expressões e palavras que ilustram os cuidados médicos e terapêuticos com as PcD, ex: reinserção, cuidados, tratamento, conduta terapêutica, estimulação precoce.
- 5) Categoria Uma visão positiva: expressões com conotação positiva apareceram em 5 casos, ex: independência, melhoria, tornei forte, melhora o desempenho, não deixaram de atuar.
- 6) Categoria Equipamentos, próteses e arquitetura: com um total de 5 ocorrências, os equipamentos utilizados pelas PcD foram agrupados nessa categoria, ex: cadeira de rodas, prótese de membros, rampas.
- 7) Categoria Referências aos jogos olímpicos e paralímpicos: são palavras que nomeiam os eventos olímpicos e que totalizaram 4 ocorrências, ex: Olimpíadas, olímpicos, jogos, paralímpicos.

A seguir, apresentamos a tabela 15 que apresenta as categorias que emergiram dos agrupamentos das palavras.

Tabela 15: Resultados das análises de conteúdos dos textos que acompanhavam as imagens de PcD em relação à frequência das palavras.

Itens de significância	Quantidade de palavras	Frequência das palavras (%)
Verbos/ações	23	31,08
Deficiências e seus nomes	21	28,37
Uma visão dos problemas	11	14,86
Cuidados	5	6,75
Uma visão positiva	5	6,75
Equipamentos	5	6,75
Eventos esportivos	4	5,40

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados coletados.

De forma geral, como podemos ver na tabela acima, os resultados das análises de conteúdo demonstraram a existência de sete agrupamentos de palavras e expressões significativas. Os verbos foram os mais comuns, seguidos pelas palavras que dão nome às

doenças, síndromes e deficiências. Depois, tivemos as palavras que especificavam os problemas, as dificuldades e as limitações das PcD, seguida pelas que se referiam aos cuidados que as PcD precisam ter. Uma visão positiva da temática também apareceu em palavras como melhoria, além das referências aos equipamentos, próteses e adaptação ao espaço que as PcD utilizam. Por fim, vemos referências aos jogos paralímpicos. Mas, contrariamente às imagens, os textos apresentam uma maior referência às limitações da deficiência e à realidade das PcD, utilizando-se de uma linguagem que ressalta os cuidados especiais, tratamentos, equipamentos e as próteses que as PcD utilizam. Os textos também faziam referência ao espaço que deveria ser adaptado para poder ser utilizado pelas PcD. Percebemos, ainda, que alguns conceitos sobre as PcD se perpetuam através do tempo e da história, pois nos deparamos com termos como enfermidade e deformados (STIKER, 2009), demonstrando a representação que tem sido difundida e propagada em nossa cultura sobre as PcD.

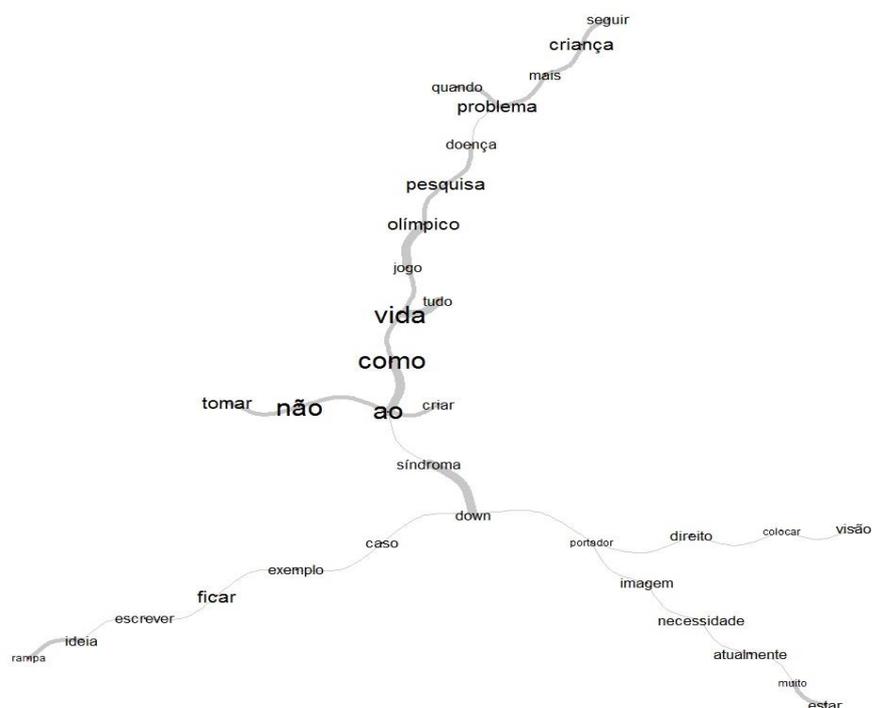
A partir destes dados podemos perceber que o tema a deficiência e sobre as PcD está embasado em ações que nos indicam algo a ser superado ou recuperado. Os verbos deixaram transparecer que as PcD são representadas como pessoas que necessitam de superar suas dificuldades. Os textos também evidenciaram que a todo instante as PcD são comparadas às pessoas sem deficiência. O que nos chamou mais a atenção foram os termos que ainda são utilizados para se referir a uma PcD, como “recusado” ou “afetadas”, retratando algumas representações que são difíceis de serem modificadas. Outros termos ressaltam que elas necessitam de “cuidados” e “tratamento” para acessarem alguns espaços que lhes são de direito. As palavras refletem a necessidade das PcD de se aproximarem ao máximo dos estereótipos das pessoas sem deficiência. Os textos também sugerem que através de algumas adaptações as PcD podem conquistar os seus espaços, como por exemplo a utilização de equipamentos que auxiliem na sua mobilidade e acessibilidade, como o uso de próteses. Outro exemplo positivo foi a referência aos jogos paralímpicos. Podemos perceber que, de uma forma geral, as palavras/termos/ações estão sempre interligadas pelo sentido da superação.

Assim, podemos perceber que as representações do corpo das PcD que os textos dos LD nos mostraram vieram acompanhadas com o pensamento de tornar seus corpos cada vez mais produtivos e úteis para a sociedade. Neste sentido, as análises dos textos vieram ao encontro do que Corbin; Courtine e Vigarello (2009) nos dizem, que na atualidade, o corpo é influenciado por dicotomias entre igualdade e desigualdade, coação e liberdade. E isto se estende também aos corpos das PcD. Estas observações nos levam a algumas indagações: Os textos não estariam reforçando a necessidade de se igualar as PcD às pessoas ditas como sem deficiências? Os textos não estariam reforçando a necessidade das PcD terem de se superar a todo instante?

A próxima ilustração mostra a análise de similitude executada pelo IRAMUTEQ dos textos que acompanham as imagens. Essa análise complementa a anterior ao mostrar a conectividade entre as palavras, ou seja, a proximidade entre elas. Possibilita também identificar a estrutura de conceitos que abarcam as palavras que mais se destacam. Com ela, torna-se possível compreender melhor as representações que os textos propagam sobre a deficiência e sobre as PcD.

A imagem 3 a seguir, nos mostra como estão estruturadas as palavras que estavam contidas nos textos que acompanhavam as imagens de PcD nos LD.

Ilustração 3: Análise de similitude: textos que acompanham as imagens



Fonte: A autora, a partir nos dados do *software* IRAMUTEQ.

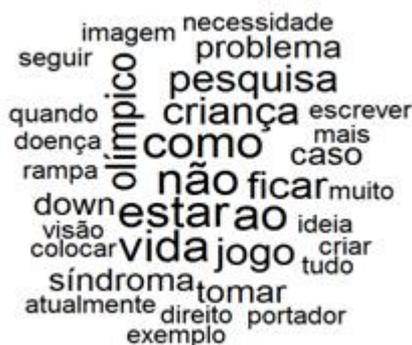
Podemos observar que palavras como “Vida“, “Não“ e “como“ foram as mais centrais na estrutura apresentada em forma de árvore. As palavras “jogo“, “olímpicos“ aparecem conectados com “pesquisa“, “doença“, “problema“ e “criança“. Enquanto a presença da palavra “síndrome“ esteve mais ligada a palavra “Down“. Esta análise de similitude nos permite interpretar que as representações que estão sendo propagadas através dos textos contidos nos LD pesquisados, mostram que há uma conexão entre as palavras que deixa transparecer a ideia de que as PcD não vivem como as outras pessoas sem deficiência. E, quando vivem, estão ligadas à ideia de crianças com problemas e doenças. A pesquisa seria então uma forma científica de se melhorar ou superar

as dificuldades que estas pessoas têm. Esta conectividade entre as palavras deram uma conotação médica e de saúde. Estas análises nos remetem novamente ao que Stiker (2009) fala sobre como o corpo da PcD era percebido na antiguidade, como algo deformado e enfermo. Vemos que esta ideia ainda se repete através dos textos analisados.

Mas, por outro lado, um dos ramos da árvore representa o outro lado da deficiência, embora em menor escala. Este ramo mostra a imagem da PcD com necessidades e também com direito de serem vistos como eles realmente são. Por fim, um dos ramos menores mostra que as PcD poderiam servir de exemplos de superação às outras pessoas. Um exemplo disso foi a palavra “rampa“ que timidamente surgiu nos textos. A palavra rampa nos remete a imagem da cadeira de rodas, que surgiram em grande escala nas análises das imagens. Demonstrando assim, que as rampas seriam uma forma representativa de superar um obstáculo.

A próxima ilustração traz os mesmos dados expostos na árvore (Ilustração 3), mas em formato de nuvem. Essa figura mostra o grau de frequência com maior nitidez.

Ilustração 4: Grau de frequência das palavras



Fonte: A autora, a partir nos dados do software IRAMUTEQ.

A nuvem se apresenta como uma forma gráfica de se representar a frequência com que as palavras apareciam nos textos analisados pelo IRAMUTEQ. Esta forma de representar as palavras mais frequentes é uma apresentação mais simples para se visualizar o grau de frequência das palavras. Percebemos uma aglutinação das palavras mais frequentes e que nos fazem compreender que referências estão atreladas ao tema da deficiência.

Neste sentido, nos chamam a atenção palavras como não, doença, pesquisa, necessidade, portador e Síndrome de Down, que ressaltam mais os limites das PcD do que suas potencialidades. O “não” também ocorre muitas vezes, como mostram esses extratos de texto:

“...como não poder tomar sol...”; “ ...escola que não o aceitou...”; “ ...não contemplarão suas necessidades...”. A negativa contrasta com as imagens de pessoas sorrindo e em interação com colegas, que vimos na análise anterior. Nos textos vemos poucas referências aos sentimentos e às emoções, aos estados de felicidade e às diferentes formas de interações humanas comuns nas ilustrações. Possivelmente, isso ocorre porque esses estados são melhor descritos pela imagem. Outra hipótese é que houve pouco cuidado e preocupação em articular texto e imagem. O fato de termos encontrado apenas 22 textos que se referem às imagens por si só indica a pouca intenção em articular um ou outro.

Estes dados que emergiram desta análise textual nos permitem refletir sobre como os processos de ancoragem e de objetivação poderão influenciar nos conceitos que os jovens estudantes venham a construir sobre as PcD ao longo da sua vida. Considerando que para tornarmos familiar algo que não nos é familiar buscamos em nossas memórias os conhecimentos que temos sobre aquele determinado conceito. Que memórias são estas? As memórias de experiências de convívio com PcD e experiências de leituras de textos e imagens nos livros didáticos quando estavam nas escolas. Estes dois processos, de ancoragem e de objetivação, têm um papel importante na assimilação de um novo conceito por uma pessoa ou por um grupo (MOSCOVICI, 1978).

Assim, é importante se considerar as imagens e os textos que estão contidos nos livros didáticos, pois estes podem propagar algumas representações sobre as PcD e sobre o tema da deficiência que circulam na sociedade que podem tornar-se referências de futuras construções de representações sociais sobre PcD. Palavras como “deformado”, “comprometido”, “doenças e síndromes” ainda se mostram bem presentes nos textos. Podemos compreender que conceitos estereotipados das PcD ainda se perpetuam através das gerações. Neste processo de repetição de conceitos é possível que os jovens estudantes continuem a perpetuar representações estereotipadas sobre as PcD. Destaca-se novamente a importância que os livros didáticos exercem enquanto uma mídia impressa, que propaga representações sobre temas sociais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral da investigação foi analisar de que forma as imagens de PcD estariam sendo veiculadas nos livros didáticos. Percebemos que a maioria das imagens propagam representações estereotipadas com a predominância de pessoas com deficiência física e que utilizam cadeiras de rodas. Essas representações fornecem generalizações, pois padronizam características e revelam poucas especificidades. Elas ampliam algumas características das PcD e reduzem outras, no sentido de nivelar todos os casos e todas as pessoas a um único grupo.

Com relação à forma como as representações de PcD estariam sendo veiculadas ao público jovem pelos livros didáticos, encontramos apoio nas definições de Moscovici (1978) sobre as três formas de comunicar informações: a difusão, a propagação e a propaganda. Para este autor, a difusão seria uma forma de atingir vários grupos e um grande número de pessoas heterogêneas. O esforço do emissor é o de manter uma relação de igualdade entre ele e seu receptor, formando uma unidade entre a publicação e seu público, ao mesmo tempo em que mantém papéis distintos. É possível explicar o processo de difusão utilizando o exemplo de revistas e jornais, que transmitem informações.

Já na disseminação de informações pela propaganda, o objetivo é identificar elementos díspares numa única categoria, classificando-os intencionalmente como positivos ou negativos (MOSCOVICI, 2007). Nessa classificação, ocorre uma simplificação e os grupos aos quais elas se dirigem são diferentes. Para compreender esse processo, é necessário analisar o grupo que recebe a informação e o grupo que a produz, pois eles podem não ser os mesmos.

Já no modo de propagação, as mensagens e informações são produzidas por membros de um determinado grupo e são direcionadas ao próprio grupo. Nessa maneira de disseminar informações, ocorre uma troca de ideias, embora seja entre uma autoridade e seu público que propõe integrar um objeto social a um quadro já estabelecido. A propagação visa à aceitação por todos os membros de um grupo específico de uma concepção dominante, sem que seja sugerido uma nova conduta. O objetivo é tornar possível uma adequação dos comportamentos às normas às quais os indivíduos aderem, visando dotar as condutas atuais de uma nova significação. Exige a convergência e exerce pressão para a uniformidade quando procura um denominador comum entre o que os membros do grupo pensam e o objeto de representação (MOSCOVICI, 2007). A propagação da informação ocorre no interior de um contexto que supõe a existência de normas cognitivas e sociais comuns.

Tendo por base essas ideias de Moscovici, pensamos que os livros didáticos funcionam como propagadores de representações, pois apresentam imagens que transmitem, de forma

uniforme, informações sobre as PcD e sobre a deficiência. Não mobilizam leituras críticas e por essa razão não promovem mudanças na forma de se ver e pensar a deficiência e a inclusão. Ao generalizar os casos de deficiência, simplificam e padronizam imagens e camuflam as diversidades.

Então, seria possível dizer que os conhecimentos sobre PcD e também o que se pensa sobre elas não teriam o propósito de abranger um grande público, mas sim um público determinado de educadores e educandos. Além disso, os novos conceitos ou informações se adequariam aos valores dos próprios grupos de estudantes. A busca pela convergência e a expressão de uma concepção dominante pode ser explicada pelas ilustrações que mostram cadeirantes em grupos, felizes, bem integrados e participantes ativos da comunidade. Foi possível observar que os livros didáticos vêm repetindo estereótipos sobre PcD e, como veículos de comunicação, eles parecem reproduzir e naturalizar esses estereótipos por meio de imagens.

A preocupação, por parte dos pensadores e organizadores destes livros, em apresentar novos conhecimentos pode estimular conversações e debates se os professores explorarem esse material de forma crítica.

De certo modo, esses livros podem influenciar na construção de representações sobre as PcD, pois é na fase infanto-juvenil que se inicia a formação dos valores sociais e a aprendizagem de formas de conduta social. É também nessa fase que os estudantes aprimoram a maneira de relacionar-se com os outros membros da sociedade. Para Moscovici (2007, p. 108), “nossas representações de nossos corpos, de nossas relações com outras pessoas, da justiça, do mundo, etc. se desenvolvem da infância à maturidade”. Então, partimos do pressuposto que, mais do que a quantidade de imagens, o importante seria apresentar ilustrações e textos que possibilitassem reflexões sobre esse tópico. Isso também dependeria do que se mostra nos livros didáticos, podendo despertar, ou não, na geração mais nova uma empatia por pessoas com deficiência.

Portanto, a presente pesquisa compreende os livros didáticos como possíveis propagadores de representações de PcD e de deficiência. Os livros transmitem mensagens estruturadas e explícitas sobre esse tema, tendo como fundamento um quadro de referência que se exprimem claramente e uma comunicação que ocorre entre uma autoridade e seu público. Nesse processo de comunicação, objetiva-se integrar objetos sociais, no caso a deficiência, a um quadro já estabelecido e familiar. Embora Moscovici (2007) estivesse se referindo à linguagem contida na mídia escrita, fizemos uso de suas definições para analisar as possíveis contribuições da linguagem visual das ilustrações de PcD nos livros didáticos na veiculação de representações de deficiência.

Para Moscovici (2007), as representações têm a função de guiar comportamentos e atitudes diante dos problemas e das situações de vida, oferecendo explicações e justificativas para as tomadas de decisão. Estudar como elas são veiculadas e quais são as estratégias de comunicação utilizadas nesse processo torna-se importante para que se possa compreender como as mensagens são emitidas e interpretadas, o que possibilita inferir sobre os seus possíveis efeitos na construção de representações nos distintos públicos alvo.

Quando iniciamos esta pesquisa, nossa primeira hipótese era que apareceriam poucas imagens de PcD nos livros didáticos e a segunda hipótese é que as imagens poderiam propagar preconceitos. Outra hipótese era que as PcD seriam representadas de forma estereotipada, como pessoas dependentes e sem autonomia, que necessitam de ajuda para desenvolver suas atividades do dia a dia. Sobre a primeira hipótese, observamos um número pequeno de imagens, e a maioria das 92 ilustrações encontravam-se mais concentradas em uma única editora. Sobre a segunda hipótese, percebemos que as imagens traziam alguns conceitos cristalizados sobre as PcD. Por exemplo, o fato de representar uma pessoa com deficiência física que utiliza cadeira de rodas pode ser interpretado como uma opinião de senso comum e que está carregada de preconceitos e generalizações. Em relação à terceira hipótese, os resultados das análises dos textos, principalmente, traziam referências às doenças, limitações, terapias e síndromes, o que reforça a hipótese da predominância da imagem de incapacidade, ao invés de destacar as potencialidades. Isso foi reforçado com as questões da cientificidade e da “pesquisa” que também surgiram.

Ao compararmos os resultados das análises das imagens com as análises dos textos, percebemos um contraste entre os dois materiais. As imagens refletiram sentimentos, emoções e formas de interações humanas, enquanto os textos e palavras ressaltaram mais os limites do que as potencialidades das PcD. Nesse sentido, acreditamos que deva existir uma melhor articulação entre as imagens e os textos e que eles apresentem mais as potencialidades das PcD. Dessa forma, os livros didáticos possivelmente se tornariam um recurso pedagógico mais rico para embasar reflexões sobre questões sociais com os jovens estudantes, inclusive sobre temas como a inclusão.

E, nesse contexto, foi relevante saber o que se pensa sobre estes sujeitos e a forma como eles estão sendo representados e apresentados ao público escolar. Tivemos em nossas mãos um material muito rico para analisar, que nos instigou a refletir sobre o que as ilustrações revelaram. Foi possível compreender, através dos livros didáticos, que as imagens são importantes veículos de comunicação e que carregam significados. Esses significados são múltiplos e simultâneos,

capazes de causar uma impressão instantânea. Independentemente de mostrarem os desafios que as PcD enfrentam, podem também revelar suas potencialidades e sua autonomia.

Nesse sentido, refletimos sobre a importância dos currículos na formação intelectual e moral dos estudantes. Partindo do pensamento que os livros didáticos são norteados por um currículo, não podemos esquecer que eles traduzem culturas, ideologias e representações. Teoricamente, os estudantes, ao acessarem os livros didáticos, estão expostos a representações sobre alguns temas que foram construídos culturalmente, como é o exemplo das representações dos corpos das PcD na sociedade. Parafraseando Apple (2006), há uma relação direta e constante entre o currículo e o tipo de sujeito que se deseja formar. Podemos inferir então que os conteúdos dos livros didáticos são conduzidos pelo currículo. Consequentemente, os currículos não são ideologicamente neutros e podem disseminar representações sobre temas sociais, inclusive sobre a representação de PcD. Assim, os currículos se mostram influentes sobre a seleção dos temas a serem trabalhados pelos professores com seus educandos, através dos conteúdos, das imagens e também dos textos. É importante que se questione sobre que pessoas se quer formar, que sociedade se deseja construir para as futuras gerações, que estigmas estão se perpetuando a respeito da diversidade humana e, por fim, como os educadores se posicionam perante o tema da inclusão de PcD na sociedade.

Percebemos o papel importante que a escola exerce sobre a formação dos sujeitos e a sua importância para a valorização da diferença e da diversidade. Compreendemos que a escola deve oportunizar momentos de reflexões e debates sobre questões sociais, justamente por ser ela uma instituição de grande importância na disseminação cultural e, em consequência, reprodutora e criadora de valores sociais.

Durante as análises dos dados, novos questionamentos emergiram, os quais seriam interessantes para pesquisar e investigar no futuro: como estariam sendo representadas as imagens de PcD em outras mídias? A proximidade de jogos olímpicos e paralímpicos afetaria a maneira com que o público em geral percebe ou representa a deficiência?

Por fim, consideramos que esta pesquisa veio agregar conhecimento à nossa vida pessoal e profissional, pois podemos nos apropriar de conceitos e representações sobre as PcD que são propagadas ao público escolar e à sociedade. Compreendemos que investigações científicas sobre os conhecimentos de senso comum podem nos orientar e nos qualificar melhor para desenvolvermos nossas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J-C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Universitaires de France, 1994. 305p.
- APPLE, M. W. **Ideologia e currículo**. Tradução de Vinícius Figueira. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 288 p.
- BAMFORD, A. **The visual literacy white paper**. Austrália. 2009. Disponível em: <<http://www.images.adobe.com/www.adobe.com/content/dam/Adobe/en/education/pdfs/visual-literacy-wp.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2017.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edições 70 – Lisboa, Portugal, 1977. 226 p.
- BAUER, M. A popularização da ciência como “imunização cultural”: A função de resistência das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995, p. 229-257.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015. 516 p.
- BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed., v. 2- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 483 p.
- BECKETT, A. et al. Away with the fairies? Disability within primary-age children’s literature. **Disability & Society**. United Kingdom-UK. v. 25, n. 3, May 2010, p. 373-386.
- BRASIL, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-apresentacao>>. Acesso em: 10 11 set. 16.
- _____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Senso 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 11 set. 16.
- CAMERON, C. Whose problem? Disability narratives and available identities. **Community Development Journal**. Oxford: Oxford University Press. v. 42, n 2, p. 501-511, 2007.
- CORDEIRO, M. H. B.V. Pesquisa em Representações Sociais: algumas considerações teórico-metodológicas. In: RAITZ, T. R.; FERREIRA, Valéria; GUERRA, Antônio F (org.). **Ética e Metodologia: pesquisa na educação**. Itajaí: UNIVALI; 2006. p. 31-51.
- COURBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G (Dir.). **História do Corpo: da Renascença às Luzes**. v. 1., 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009. 663 p.
- COURTINE, J. J. O corpo anormal: História e Antropologia culturais da deformidade. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Dir.). **História do Corpo: as Mutações do Olhar: O século XX**. Petrópolis-RJ: Vozes. v. 3, 3. ed., 2011. p. 253–340.

COURTINE, J. J. O corpo inumano. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (dir.) **História do Corpo: da renascença às Luzes**. Petrópolis-RJ: Vozes. v.1, 3ed. 2012. p. 487-502

CROCHÍK, J. L. Preconceito, indivíduo e sociedade. **Temas em Psicologia. Ribeirão Preto-SP**. n 3, 1996. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v4n3/v4n3a04.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

DAOLIO, J. Os significados de corpo na cultura e as implicações na educação física. **Movimento**. Porto Alegre-RS. Ano 2, n 2, p. 24-28, 1995.

DE ROSA, A. The Role of the Iconic-Imaginary Dimensions in the Modelling Approach to Social Representations. **Papers on Social Representations**. United Kingdom-UK. v. 23, p. 1-17, 2005. Disponível em: <<http://www.psych.lse.ac.uk/psr/>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

DINIZ, D. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007. 89p.

DITTMAN, A. The role of body movement in communication. In: SIGMAN, A.; FELDSTEIN, S. (Org.). **Nonverbal behaviour and communication**. London: Lawrence Erlbaum Associates. 1987, p. 37-63.

DUVEEN, G. M. The development of social representations of gender. **Papers on Social Psychology**, v. 2, n. 3, p. 01-77, 1993.

_____. O poder das idéias. In: MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. p. 7-28.

ECO, U. **História da Feiura**. Rio de Janeiro-RJ: Record, 2007. 453 p.

_____. **História da Beleza**. (Tradução de Eliana Aguiar) 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015. 438 p.

ELLIOT, T. R; BYRD, E. K. Media and Disability. **Rehabilitation literature**. Nov-dec, vol 43, nº 11-12, 1982. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/16977705_Media_and_disability>. Acesso em: 08 abr. 2017.

FERREIRA, A. DE J. **Identidades sociais, Letramento visual e letramento crítico: imagens na mídia acerca de raça/etnia**. Trab. Ling. Aplic., Campinas, n (51.1): 193-215, jan/jun, 2012.

FOLEY, A.; FERRI, B. A. Technology for people, not disabilities: ensuring access and inclusion. **Journal of Research in Special Educational Needs**. United Kingdom-UK. v.12, n.4, 192-200, 2012

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1993.208p.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014. 262p.

GOETZ, E. R. CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B.; JUSTO, A. M. Representação Social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**. Ribeirão Preto-SP. v. 20, n.2, p. 226-236, 2008.

GOFFMAN, E. **The representation of self in everyday life**. New York: Anchor Books, 1990. 251p.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, Stuart (org). **Representation: Cultural representations and signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997, p 01-30.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**: Tradução de Guaracira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102p.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014, p 103-133.

HARDIN, B.; HARDIN, M. Distorted Picture: Images of disability in physical education textbooks. **Adapted Physical Activity Quarterly**. United Kingdom-UK. v. 21. p. 399-413, 2004.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, p. 31-61. Trad.: Tarso Bonilha Mazzotti. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/36945-Representacoes-sociais-um-dominio-em-expansao-denise-jodelet.html>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: Intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: **Textos em representações sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes. 1995, p. 63-83.

KNAPP, M. L.; HALL, J. A. **Comunicação não-verbal na interação humana**. São Paulo: JNS, 1999. 492p.

LE BRETON, Davi. **A sociologia do corpo**. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007. 101p.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. 64p.

_____. Caminhos pedagógicos da educação inclusiva. In: GAIO R.; MENEGHETTI, R. G. K. (Org.). **Caminhos pedagógicos da educação especial**. Rio de Janeiro: Vozes. 2004. p. 79-94.

_____. A propósito de uma escola para este século. In: MANTOAN, Maria Tereza. (Org.). **Para uma escola do século XXI**. Campinas-SP: Unicamp, 2013, p.103-114.

MARTINS, B. S. The suffering body in the cultural representations of disability: The Anguish of Corporal Transgression. In: CAMBELL, T.; FONTES, F.; HEMINGWAY, L.;

- SOORENIAN, A; TILL, C. (Ed.). **Disability studies: emerging insights and perspectives**. London – UK. Leeds: The Disability Press, p 93-107, 2008.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. (Tradução: Paulo Neves). São Paulo: CosacNaihy, 2003. 535p.
- MCALL, R. B., KAGAN, J. **Fundamental statistic for behavioral sciences**. London: HBJ, 1990.
- MEDINA FILHO, M. A. L. A importância das imagens na metodologia de pesquisa em psicologia social. **Psicologia & Sociedade**. Ribeirão Preto-SP. v. 25, n.2, p. 263-271. 2013.
- MEYER, D. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010, p. 9-27.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 291 p.
- _____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. (Trad. Pedrinho A. Guaresch), ed 5. Petrópolis-RJ: Vozes. 2007. 398 p.
- NARIO-REDMOND, M. R. Cultural stereotypes of disabled and non-disabled men and women: Consensus for global category representation and diagnostic domains. **British journal of social psychology**. United Kingdom-UK.v. 49. p. 471-488, 2010.
- PENN, G. Análise Semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.p. 319-342.
- PONTES, B. S.; NAUJORKS, M. I.; SHERER, A. **Mídia impressa, discurso e representação social: a constituição do sujeito deficiente**. XXIV Congresso Brasileiro da comunicação. Campo Grande-MS, set. 2001.
- RATINAUD, P. (2009). IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org>>. Acesso em: 2 mar. 2017.
- SAFRAN, S. P. The first century of disability portrayal in film: An analysis of the literature. **The journal of special education**. Ohio University. v.31, n. 4. p. 467-479, 1998.
- SANTOS, A. C. B. H. dos; TREVISOL, M. T. C. A escola e o desenvolvimento moral do aluno: concepções, práticas e desafios dos profissionais da educação. **Revista de Educação PUC-Campinas**. SP. v.21, n.1, p.19-29, jan. /jun., 2016.
- SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul /dez. 1995.
- SHULZE, C. M. N.; CAMARGO, B. V. Psicologia social, representações sociais e métodos. **Temas em Psicologia da SBP**. Ribeirão Preto-SP. v. 8, n. 3, p. 287-299, 2000.
- SILVA, A. F. L. Corporeidade e representações sociais: agir e pensar a docência. **Psicologia**

& Sociedade. [online].v. 23, n.3, p. 616-624, 2011.

_____. A. F. L. da. O mundo virtual e as identidades profissionais. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 473-492, maio/ago. 2015.

SILVA, Thomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3. ed., 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 156 p.

_____. **A produção social da identidade e da diferença.** In: **Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 128 p.

STIKER, H. J. Nova percepção do corpo enfermo. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Dir.). **História do Corpo:** Da revolução à Grande Guerra. Petrópolis- RJ: Vozes. 2009. v. 2, p. 347-374.

THOMAS, N. SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the British media coverage on the 2000 paralympic games. **Adapted physical activity quarterly.** United Kingdom-UK. v. 20. p. 166-181, 2003.

TRANSFERETTI, J. Corpo e cultura no contexto da sociedade brasileira. **Comunicação e informação.** UFG. Goiânia v. 11, n. 1: p. 126-137 - jan. / jun. 2008.

TREVISOL, M. T. C. **A construção de valores na escola: com a palavra os professores do ensino fundamental (1ª a 4ª série).** Anped 32. Caxambu (anais). 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/trabalho_gt_13.html>. Acesso em: 11 nov. 2016.

TURSKI, D. R.; TREVISOL, M. T. C. Escola inclusiva: lugar para todos. **Revista Espaço Pedagógico,** Passo Fundo, RS, v. 17, n.1, jan/jun. p.40-53., 2010.

VALA, J. Representações sociais e psicologia social do conhecimento cotidiano. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Coord.). **Psicologia Social.** Fundação Calouste Gulbenkian. Cap. XIV, 2006, p. 457 – 502.

VALA, J.; MONTEIRO, M. B. **Psicologia Social.** Fundação Calouste Gulbenkian. 7. ed., Lisboa, 2006. 777 p.

VAQUINHAS, I.; GUIMARÃES, M. A. P. Economia doméstica e governo do lar: Os saberes domésticos e as funções da dona de casa. In: MATTOSO, J. **História da vida privada em Portugal.** A época contemporânea. Lisboa: Temas e Debates. Círculo de Leitores, 2011,p. 194-221.

APÊNDICE A: Imagem dos livros didáticos pesquisados



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos livros didáticos pesquisados.

Esta ilustração mostra o registro fotográfico dos livros didáticos que estavam à disposição dos professores de uma determinada escola pública de Chapecó e dos quais foram feitas as coletas das imagens. Isso serve para dar uma noção do número de livros que foram oferecidos pelo PNLD para a escolha dos professores e também como registro da pesquisa. Foram em torno de 10 editoras que, na sua maioria, contemplavam todos os componentes curriculares comuns para as séries finais do ensino fundamental, das quais foram selecionadas as quatro editoras para compor o *corpus* da pesquisa.